REVISTA DA SEMANA

N.º 38 ★ 22-9-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



SOC. **HERMES** LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis. Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis ponteiro central. Oferta de propaganda Cr$ **158,00**

50.562 - Bonita caixa cromada fundo de aço inox bôa máquina suiça com 15 Rubis, elegante mostrador claro numeração dourada Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda Certificado de Garantia Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida Vidro lente Belo adôrno por preço todo especial Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.452 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, numeros e ponteiros luminosos Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável Oferta especial Cr$ **195,00**

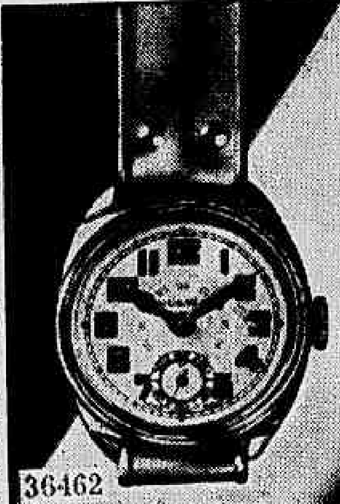
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ **398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação Certificado de Garantia Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça sistema Roskopf, mostradores variados Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosissima Cr$ **438,00**





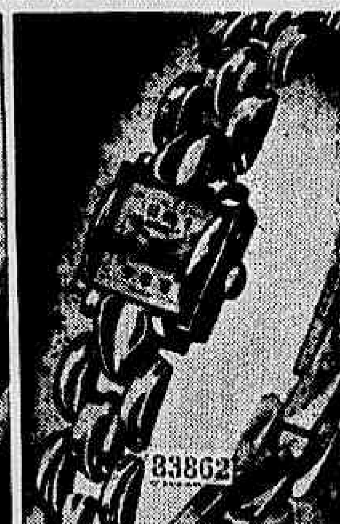






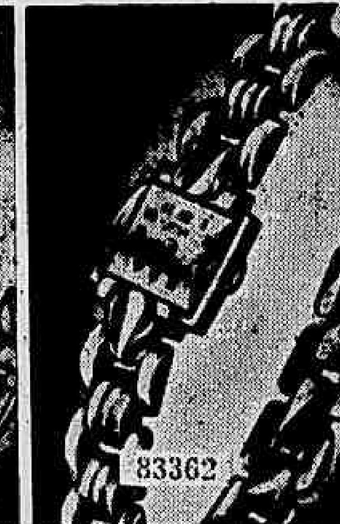




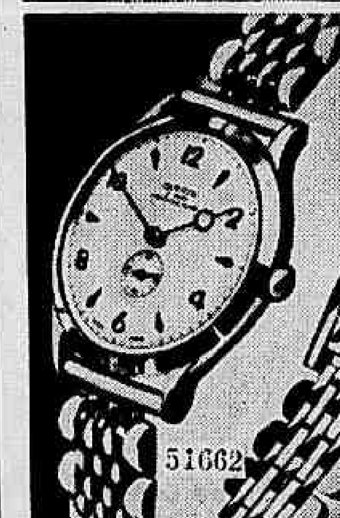














51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade Certificado de Garantia Uma bela joia por preço especial Cr$ **438,00**

57.761 Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante" folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central, Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada reforçada com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTÂNCIA Preço de propaganda Cr$ **218,00**

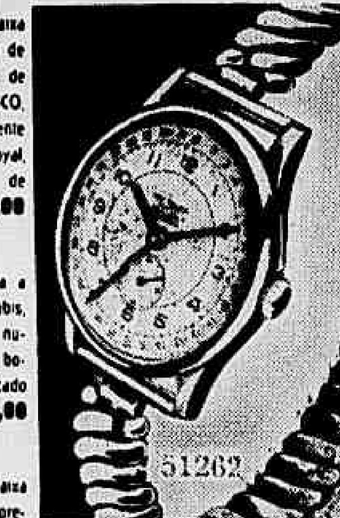
10.662 - Relógio de bolso inteiramente cromado, boa máquina suiça sistema Roskopf, oferta especial **98,00**

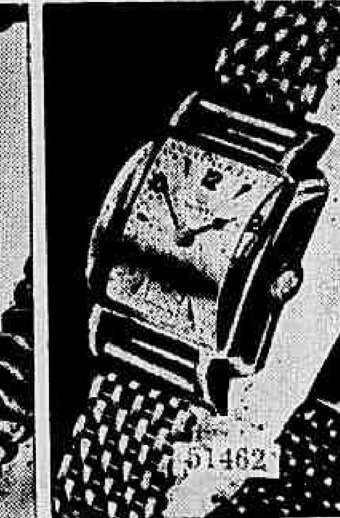
51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

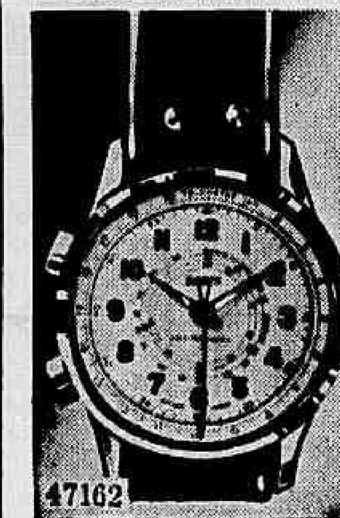
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada Fornecido com Certificado de Garantia Cr$ **375,00**

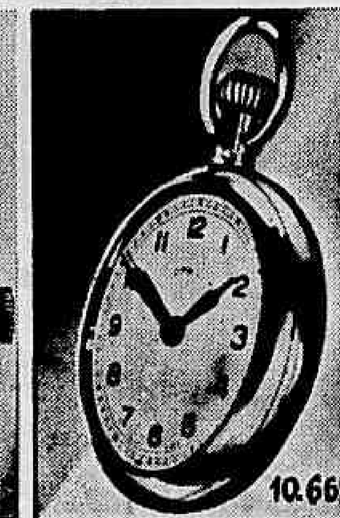
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa maquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajoso Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. **HERMES** LTDA.

— RIO DE JANEIRO —

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM

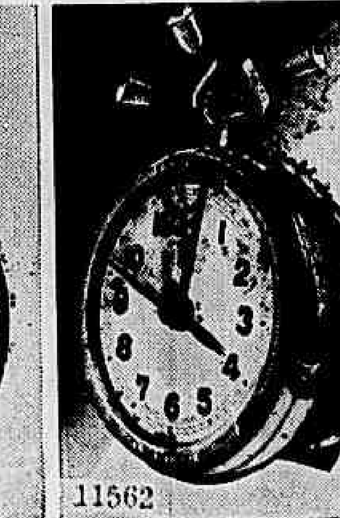
RS

NOME ____________________

RUA ____________________

CIDADE ____________ ESTADO ____________





ENVIE-NOS ESTE CUPOM ... RELOGIOS E RECEBERÁ GRATUITAMENTE ...

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE ... BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS ... COURO ... PRESENTES

ANO LI • N.º 38 **REVISTA DA SEMANA** 22 - 9 - 1951



DOIS ESTUDANTES intérpretes da «Farça de Inês Pereira», de Gil Vicente, representada ao ar livre nos jardins do Palácio Guanabara: Santos Simões e Barrigas de Carvalho. Na gravura inferior, quatro universitários assistem ao espetáculo de «Todo o Mundo e Ninguém», sentados na relva.

CAPAS NEGRAS NO BRASIL

O TEATRO DO ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA REVIVEU GIL VICENTE EM TRÊS MEMORÁVEIS ESPETÁCULOS ★ E TÔDAS AS CLASSES SOCIAIS ABRIRAM OS BRAÇOS AOS EMISSÁRIOS DA CULTURA PORTUGUÊSA ★ "PENA TEREM FICADO TÃO POUCO TEMPO!"

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA



DESDE 1922, quando se comemorou o primeiro centenário da nossa Independência, não vinham ao Brasil os estudantes de Coimbra, mas as recordações daquele tempo eram muito gratas. Sempre se encontra na Cidade Universitária portuguêsa, ou em outro ponto do país, um ex-acadêmico que integrou aquela embaixada e que se comove recordando os dias alegres então passados no Rio:

— Foi quando o Presidente da República também visitou o Brasil... Quantas festas, quantas homenagens! E como está passando depressa o tempo,, já lá vão quase trinta anos...

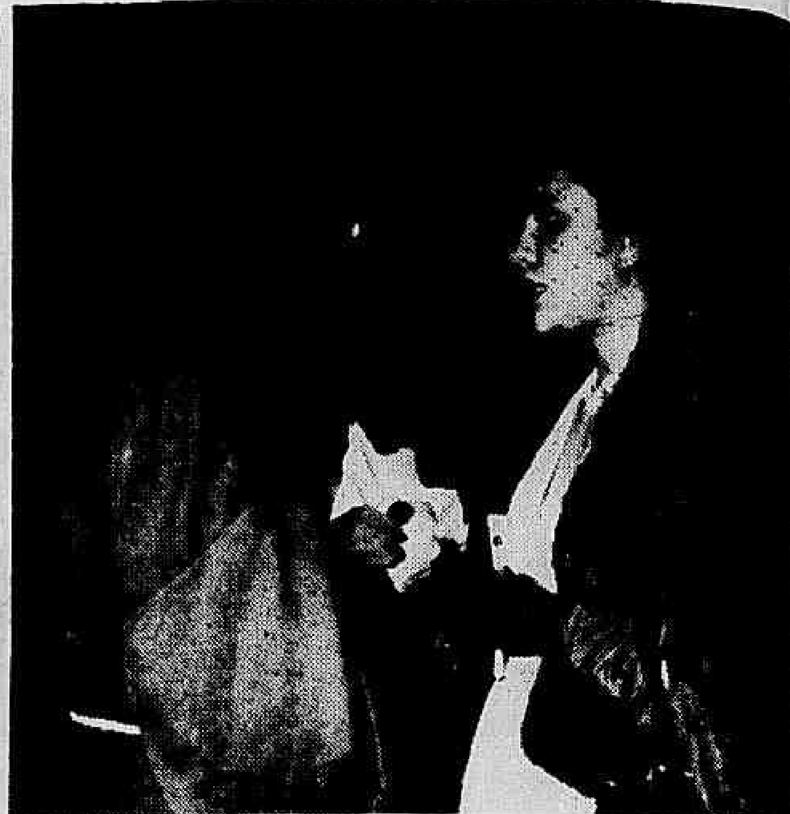
Pois outra geração de capas negras aqui se encontra, repetindo a jornada de 22, embora a comitiva seja constituída de menor número de estudantes. São os componentes do Teatro do **Estudante**, em número de vinte-e-seis, acrescidos de alguns outros que



TAMBÉM ELAS, as graciosas «capas pretas», despertavam a curiosidade do povo. Mas que estarão lendo, entre sorrisos?



MOSTRANDO os cortes sofridos pela batina. Seriam, todos dados em troca de um «chôcho»? (Chôcho» quer dizer beijo!)



O FRADE HUMILDE, da «Súplica da Cananéia», atende à solicitação de uma fã. — «Pode ser agora o autógrafo que lhe pedi?»



ERA ASSIM onde êles apareciam, pedidos de «souvenir». E lá se vai uma ponta da capa negra. (Vieram suplementares!)



QUANTO BANQUETE, quanta comida, quantos compromissos sociais, Santo Deus! E ainda não haviam chegado a São Paulo...



— «**RAPAZES**, quando estivermos de volta a Coimbra, teremos muito o que recordar! Tudo isto, agora, é um grande sonho!»



QUANDO ELAS chegavam, tudo era sorrisos, palmas e flores para as lindas universitárias da terra de Inês de Castro.

não representam, mas têm funções auxiliares no teatro, e ainda uns, poucos, que aproveitaram a jornada para visitar parentes que vivem em nossa terra.

Há que acrescentar o reitor, os professôres e as respectivas espôsas. Ao todo, mais ou menos cinqüenta são os representantes da cultura portuguêsa, que desde 28 de agôsto estão sendo nossos hóspedes. Houve, primeiro, as festividades no Rio, que se estenderam por doze dias, quando a embaixada rumou para São Paulo. E ali permanecem, quando redigimos estas notas, para voltarem a fim de dar cumprimento ao itinerário traçado, que inclui Belo Horizonte e, depois, algumas capitais do Norte, antes do regresso ao seu país.

Se alguém pensava que só a colônia portuguêsa, já de si numerosa, estivesse preparando a recepção aos moços de Coimbra, elaborava em grande êrro, porque o que se viu foi a cidade inteira tributando homenagens de tôda a espécie às jovens e aos rapazes de capas negras, cuja presença, em qualquer parte, era motivo de curiosidade geral, que se traduzia, incontinente, em carinhosas manifestações de aprêço. Apraz registrar que a gente brasileira está sabendo retribuir o acolhimento generoso sempre dispensado pelos portuguêses aos nossos compatriotas, quando em peregrinação à terra lusa. E não vai nenhuma lisonja nesta afirmativa, dela podendo dar testemunho aquêles que algum dia lá estiveram, mesmo de passagem.

★

A embaixada do Teatro do Estudante da Universidade de Coimbra está composta dos seguintes



E O GUITARRISTA Manuel Duarte Branquinho, exímio num fado, de voz chorosa do Mondêgo, faz camaradagem com a bahianinha...



E PRONTO! O «chôcho» foi dado ali mesmo, no jardim. Um beijo luso-brasileiro em troca de um retalho da batina...



A BATINA dos universitários de Coimbra têm, como se vê, origem eclesiástica. Em outros tempos, até sapatos de fivela e entrada-baixa êles usavam. Levantando-se a gola da sobrecasaca, desaparece a gravata e o estudante faz lembrar um perfeito sacerdote em traje ainda usado em Portugal

nomes: Adriano Baeta Garcia, Albertina Botelho, Anselmo Ventur, Antônio José Soares, Antônio Dinis da Fonseca, Antônio Fernando Santos, Ermelinda Gomes Leal, Francisco Barrigas de Carvalho, Ilda Pedroso. João de Araújo Correia, Joaquim A. dos Santos Simões, José A. Matos Godinho, José Correia Alves, José David Gomes, José Trilho Y Blanco, Manuel Ruivo Martins, Margarida Costa Soares, Maria da A. Albuquerque, Maria Augusta Mimoso, Maria do Céu Barrigas de Carvalho, Maria Dalila Ferreira, Maria Lucília de Abreu, Mário de Oliveira Vilaça, Nuno de Barros e Cunha, Rui Carrington da Costa, Vasco Teixeira de Queiroz e ainda quatro estudantes que constituem o grupo de fados: Eduardo Tavares de Melo, Napoleão Amorim, Augusto Camacho e Manuel Duarte Branquinho.

Na embaixada, viajam dois casais: Francisco Barrigas de Carvalho e sua espôsa Maria do Céu Barrigas de Carvalho, e Antônio José Soares esua espôsa Margarida da Costa Soares.

A escassez de tempo, aqui no Rio, para ser cumprido um exaustivo programa de homenagens, não permitiu que o Teatro do Estudante desse mais de três espetáculos. Foi realizado o primeiro, na Faculdade de Filisofia, exclusivamente para os estudantes brasileiros, com o "Auto da Alma", de Gil Vicente. Deu-se o segundo, no Municipal, com a "Trilogia das Barcas" do mesmo autor, e o último, ao ar livre, nos jardins do Palácio Guanabara, sob o patrocínio do Prefeito do Distrito Federal, com "Todo o Mundo e Ninguém — Súplica da Cananéia — Farsa de Inês Pereira". Todos mereceram grandes aplausos e as referências da crítica, a mais exigente e autorizada, foi altamente favorável.

(Cont. na pág. 8)



AS CANETAS-TINTEIRO esvasiaram-se várias vêzes de tantos autógrafos que eram dados. E cada autógrafo, um sorriso...



MOMENTOS ANTES de entrar em cena, faz-se uma rápida evocação dos diálogos principais, embora o ponto seja ainda usado. Em baixo, Branquinho retoca a maquilhagem de uma colega. Depressa, que o pano vai subir não tarda muito...



CAPAS NEGRAS NO BRASIL



OS TIPOS dos autos de Gil Vicente são admiràvelmente reproduzidos pelos rapazes,, que são apenas amadores, não profissionais.



NEM TÔDAS participavam das representações, mas as que nelas não tomavam parte, ficavam de sobreaviso no palco.



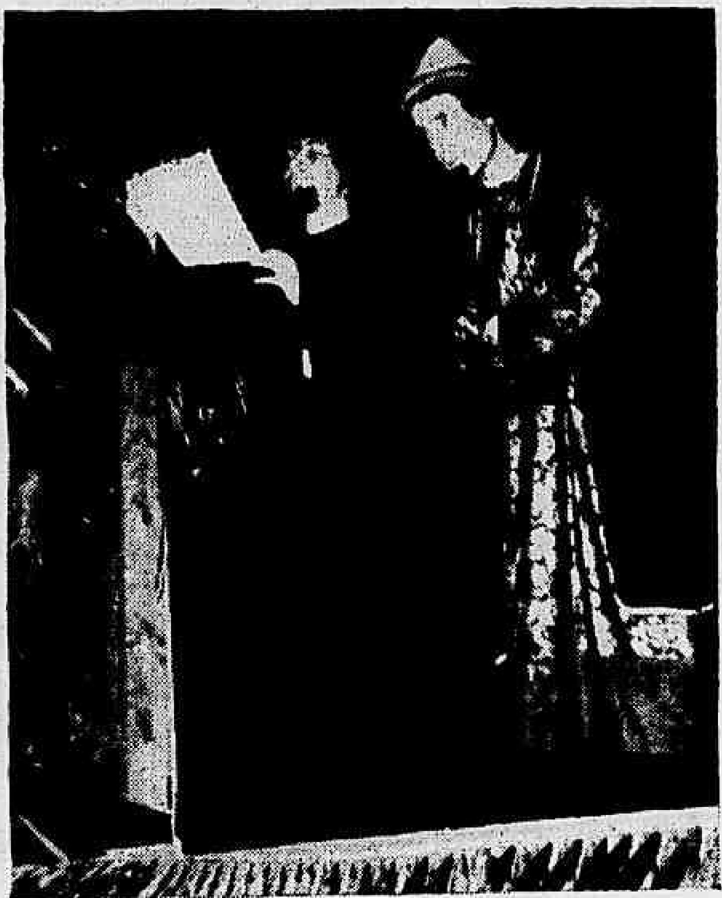
CENA DA FARSA de Inês Pereira, que os rapazes desempenharam à noite, nos jardins bonitos do Palácio Guanabara.



ESTA ERA a intérprete de Inês Pereira, num tregeito gracioso da personagem arcáica do mestre Gil Vicente.



OUTRO MOMENTO da Farça de Inês Pereira, que constituiu o espetáculo de despedida dos universitários aqui no Rio.



REPAREM AS ATITUDES e inflexões dos intérpretes. São êles os judeus casamenteiros da mesma obra de Gil Vicente.



ÚLTIMOS RETOQUES para entrar em cena. Em baixo, o Frade e Inês Pereira, ensaiam a sua passagem para o espetáculo, que teve o patrocínio do Prefeito João Carlos Vital, e que registrou um legímo acontecimento social e artístico.



CAPAS NEGRAS NO BRASIL



TIPO DE JUDEU da «Súplica de Cananéia», excelente trabalho de composição. Assim eram todos os tipos bem desenhados.

Houve também uma curta série de conferências, a primeira realizada pelo prof. Pereira Dias, diretor da Faculdade de Ciências de Coimbra, no auditório da Faculdade de Filosofia, sôbre "Ressurgimento do Teatro Vicentino"; a segunda, na Ordem dos Advogados, pelo prof. Eduardo Correia, diretor do Instituto de Criminologia da Universidade, sôbre "Monismo e Dualismo no Direito Criminal"; a terceira, pelo prof. Lopes de Almeida, diretor da Biblioteca da Universidade, sôbre "Um Tratado Politico" inédito de Sebastião da Rocha Pita. O Reitor, dr. Maximino Correia, falou no Palácio do Itamarati sôbre " A Universidade e a sua projeção. Tradições Universitárias". No Gabinete Português de Leitura, o prof. Lopes de Almeida voltou a falar sôbre "Um grande bibliófilo do século XVII — D. Vicente Nogueira", e houve ainda, na Faculdade Nacional de Direito, uma palestra do dr. Eduardo Correia sôbre "O problema do método no direito criminal". Finalmente, no Serviço Nacional de Teatro, o prof. Pereira Dias encerrou o ciclo das conferências versando sôbre "A encenação nos palcos portuguêses".

(Cont. na pág. 52)

DURANTE a visita da embaixada universitária a Teresópolis, foi-lhe oferecida uma imponente festa, onde tambem se representaram episódios avulsos do teatro de Gil Vicente, em cenário ali erguido.



E GIL VICENTE, que há muitos anos não era representado no Brasil, foi evocado em legitimo Teatro da Natureza.



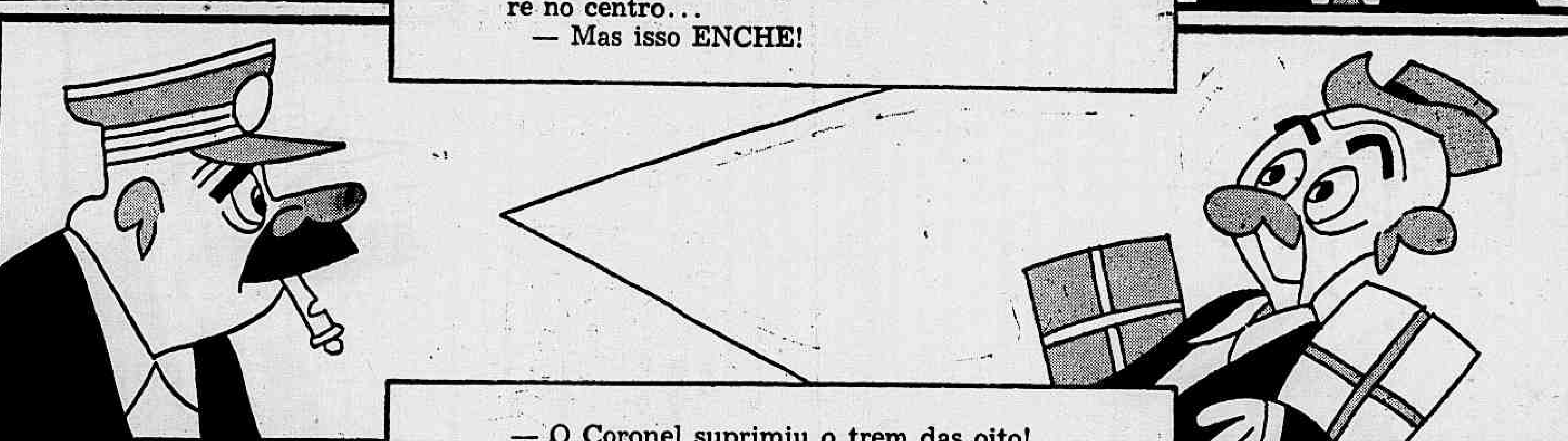
UM CAPA NEGRA, aparentemente solitário. Não dá, leitor, a exata impressão de uma figura eclesiástica?



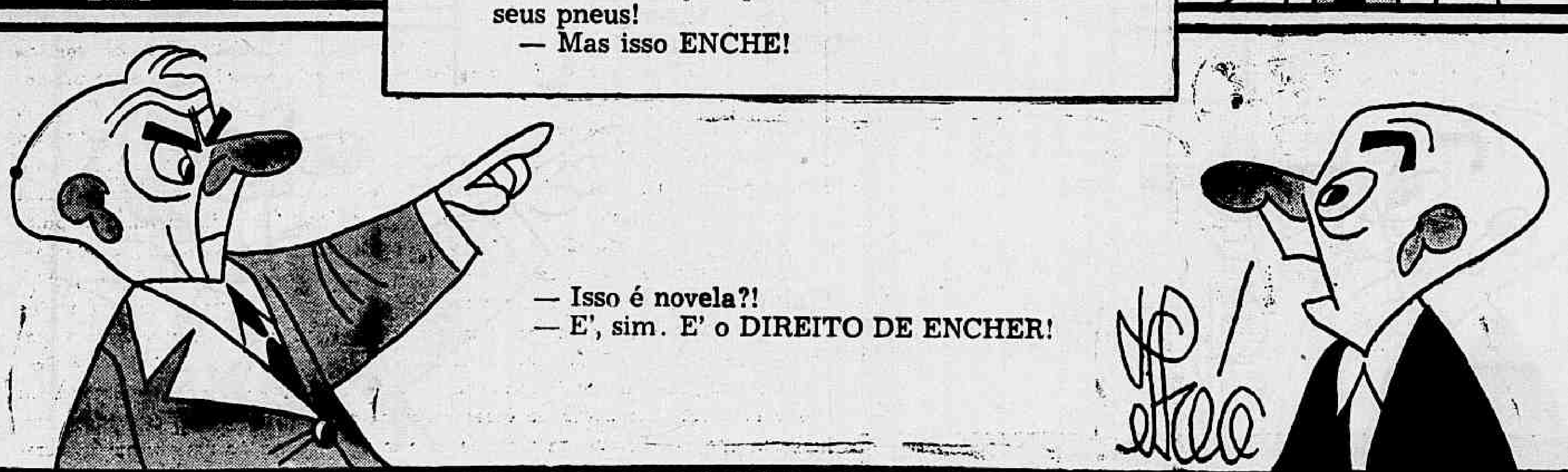
E NOVAMENTE a bahiana... Agora ela remata com uma sonora gargalhada o seu encontro com o estudante. Já guardou o «souvenir»...


— Não taim banha nem feijão prêto, madame!
— Mas isso ENCHE!


— Tijuca não senhoire! Meu taxi só corre no centro...
— Mas isso ENCHE!


— O Coronel suprimiu o trem das oito!
— Mas isso ENCHE!


— Foi o major quem mandou esvasiar seus pneus!
— Mas isso ENCHE!


— Isso é novela?!
— E', sim. E' o DIREITO DE ENCHER!

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Capas Negras no Brasil (Celestino Silveira) 8/8
O Dia da Pátria 12/19
Nem «S. Castilho» é infalível (Levy Kleiman) 23/26
Ninguém quer ser bombeiro (Abdias Rodrigues) 28/33

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 10/11
Puxe pelo Cérebro 11
Palavras Cruzadas 26
Tudo isto aconteceu 54/55
Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 55
A «Revista» há 50 anos 58

HUMORISMO

«Charge» de Théo 9
Êste mundo e o outro (Darcy) 27

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) 20/21
O Céu é para Êle (Waldemar I. Fernandes) 22
O Rapto (Vicente C. de Carvalho) 34
Do Caderno de um Poeta (Lyse) 39

FEMININAS

Branco 39
Variados 40
Noites de Gala 41
Figurinos de Ramon 42/43
Week-End na Cozinha 44/45

CINEMA

A Valsa de Paris (Cine-Novela) 46/47

FOLHETINS

Uma jovem do outro mundo 50
Um amor proibido 51

CURIOSIDADES

Sherlock Holmes voltou para casa 36/37
Exame de Consciência 38

F O T O S :

Nódgi — Abdias Rodrigues — Jorge Lyra — José Santos — Avulsas — Arquivo.

I L U S T R A Ç Õ E S :

Abelardo Zaluar — Orval — Rafael



NA CAPA:

Glória Henry

(Foto Columbia)

A SEMANA

O COMÉRCIO ATÉ A MEIA-NOITE



O centro comercial do Rio, depois das dezenove horas, quando o comércio a varejo cerra as portas, vai-se despovoando ràpidamente, e, às 21 estamos numa cidade deserta. O movimento se desloca para a Cinelândia, o bairro dos cinemas, com movimento animado até mais de meia-noite. Depois, desce a placidez dos cemitérios à cidade maravilhosamente provinciana. A vida noturna passa a ser notada entre os "dancings" do centro e a vida teatral da zona sul, com suas "boites" com ceias caras só para milionários. Não há quem, depois de visitar Buenos Aires, não fique desolado com o Rio noturno. Acham que não há vida à noite até pela madrugada porque não há comércio. Se êste mantiver suas portas abertas até meia-noite, a fisionomia da cidade modificar-se-á como por encanto. E vai ser apresentado projeto neste sentido. O Sindicato dos Lojistas do Rio de Janeiro, porém, veio a público e explicou que não há necessidade de mais leis para que o nosso comércio fique aberto até à meia-noite, pois que o decreto-lei de 1938, nº 251, lhe outorgou essa liberdade, com restrições apenas quanto ao sábado, em virtude da instituição da semana inglêsa. Mas, pergunta-se: que ficarão fazendo turmas noturnas em seus estabelecimentos aí pelas ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguaiana, Avenida Rio Branco, etc., quando tôda a população noturna está espalhada pelas imediações dos cinemas da Praça Floriano e Passeio Público? E, com as restrições de luz, como vão ficar iluminadas as lojas? Com azeite de baleia? Com velinhas de espermacete? Ou tudo às escuras ?

★

GASOLINA BRASILEIRA



O SEP (Serviço de Estatística da Produção) do Ministério da Agricultura acaba de divulgar alguns dados, para os quais chamamos a atenção do leitor. A refinaria de petróleo de Mataripe, na Bahia, produziu, de janeiro a julho dêste ano, os seguintes derivados do "ouro negro": Gasolina, 156.914 barris de 159 litros; querozene, 11.609; óleo diesel, 32.163 barris; óleo combustível, 100.139 barris, todos de 159 litros. Só no mês de julho último produziu aquela refinaria 38.733 barris de gasolina; em maio, 3.026 barris de querozene; em março, 6.328 barris de óleo diesel; em julho, 25.755 de óleo combustível. Foram êstes os meses de maior produção, tanto de gasolina como de seus derivados imediatos. E' ainda a gotinha d'água no oceano, em face de nosso consumo de gasolina e combustíveis em geral; mas já constitui um ponto de esperança de que, em futuro não muito remoto, estejamos a produzir tôda a gasolina e todos os óleos de que necessitamos para movimentar nossos motores, nas fábricas, nas oficinas, nos carros, nos tratores, nas usinas. E' a antemanhã de nossa emancipação. Vamos muito vagarosamente, é verdade, na marcha para a vitória da política do óleo; mas, antes assim, palmo a palmo, sem grandes saltos, tudo em ritmo moderado mas firme, em plena harmonia com os conselhos de nações mais velhas na indústria e que nos estão ajudando a vencer a mais difícil etapa dessa fase histórica de nossa terra: a perfuração, a extração e a industrialização do petróleo. A estatística divulgada pelo Ministério da Agricultura é um sinal de que estamos no caminho certo e nêle devemos prosseguir.

A PERSONAGEM

O Sr. Daniel de Carvalho, deputado pelo P.R. à Câmara Federal, vem de confirmar o conceito de que desfruta, segundo o qual é tido como um dos homens públicos mais eficientes do país, não só pela cultura e pelo tirocínio, mas, sobretudo porque sabe tomar as atitudes que a consciência lhe aponta, sem temores, embora sensatamente, mas sempre olhando o interêsse público. E' que o ilustre ex-ministro de Estado do Govêrno da República, ao relatar o projeto com que, inadvertidamente, se estava ameaçando a estabilidade da imprensa no país; teve a coragem funcional de dizer o que todos estavam sentindo: a proposição é profundamente inconstitucional, contrária aos interêsses da coletividade; institui privilégios odiosos e até avilta a função dos verdadeiros jornalistas que, superficialmente, seriam beneficiados com a tal lei. Até contínuos, telefonistas, radiografistas, seriam profissionais da pena! No parecer em causa o Sr. Daniel de Carvalho confirma os traços de sua personalidade. Ali aparece o jurista, o economista e o sociólogo, harmonizando êsses atributos numa peça que é, sem favor, um documento útil. Porque na verdade, a sua doutrina há de nortear outros pare-

EM REVISTA

O 4.° CENTENÁRIO DE VITÓRIA



POUCAS capitais dêste país têm o aspecto pitoresco e poético de Vitória do Espírito Santo. Já de muito longe, para quem vem por mar do sul ou do norte, o morro do convento da Penha se destaca de encontro ao fundo azul do céu. Vitória está perto. A entrada da barra é uma garganta de aspecto impressionante. A gente olha para os lados e acha que a terra está tão próxima que muitos jogam moedas para ouvir o tinido de encontro as rochas abruptas. Mas é pura ilusão de óptica. O níquel cai muito aquém da margem visada. A pequena baía de Vitória é uma espécie de miniatura da imensa Guanabara. Há até um Pão de Açúcar de fabricação capixaba à entrada do pôrto. Praias de aspecto selvagem bordam o panorama encantador, como se ainda andasse por aquelas areias o vulto imortal de Anchieta a escrever poemas à Virgem. Pois Vitória, a encantadora cidade que lembra o presépio do Natal, faz nada menos de 4 séculos de existência. Quatrocentos anos de luta contra a natureza, com as casas a subir encostas de morros na ânsia de progredir. A cidade nasceu como nascem as atalaias: em dificuldades. Tem uma das mais lindas e emocionantes histórias dentro da nossa História. No seu 4º centenário é provável que muita coisa venha a público com a chancela de bons historiadores e cronistas. Mas Vitória precisa que a União a auxilie no seu aniversário. E' justo que o Congresso Nacional ouça o pedido de colaboração. Será um presente do Brasil a Vitória.

★

OS PROBLEMAS DO CINEMA



NÃO são os do cinema importado, que êste tem franquias excepcionais. Queremos falar do cinema brasileiro, dêsse mártir e enteado da sorte, apesar de tantos protetores a surgir sucessivamente. O cinema brasileiro de longa metragem vai, novamente, ser consertado. Desta vez, haverá (segundo dizem) entendimento entre produtores e exibidores, a fim de que nossa Sétima Arte consiga melhores dias de vida e sossêgo. Cavalcanti tem feito reboliços nos meios cinematográficos, e, conforme parece, teremos para breve o Instituto Brasileiro de Cinema. São Paulo está dando lições ao Rio, com editôras de filmes capazes de abastecer o mercado nacional, dentro das necessidades exibidoras e conforme a lei. O Rio também se mobiliza e cineastas da velha guarda, lutam para dar ao cinema nacional o futuro que êle merece. Falta-nos, porém, além de recursos financeiros, harmonia entre exibidores e produtores. Todos sabemos que nem sempre os exibidores cumprem os contratos e pagam o que bem querem ao infeliz produtor. Há mesmo casos incríveis, como o que sucedeu com um produtor e certo dono de cinemas desta cidade. O produtor, desconfiado de que estava sendo lesado pelo magnata, mandou para a entrada um fiscal. Entretanto, logo que o rapaz chegou, teve a surprêsa de verificar que sua presença não era simpática ao exibidor, e terminou a coisa por uma surra em boas condições no desgraçado! E' que, leitor, o exibidor estava habituado a pagar ninharias e, com a fiscalização, teria que pagar dentro do contrato.

DA SEMANA

ceres em face de tantíssimos projetos semelhantes que surgem com o fim exclusivo de favorecer interêsses de pessoas, de grupos ou de classes. Não se legisla casuìsticamente. Todos são iguais perante a lei; é um princípio tradicional em nossa Lei Fundamental, a Constituição Federal. As considerações do Sr. Daniel de Carvalho no apreciar a natureza jurídico-social do projeto de salários dos jornalistas, refletiram o brilho de sua cultura de homem público a serviço da nação, dentro da serenidade dos verdadeiros juristas. O horizonte do legislador deve ter as dimensões do horizonte da pátria. Esta é a escola dos que dão leis ao povo, desde Péricles e Solon.



Deputado Daniel de Carvalho

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	**Homem-macaco**
De 1 a 3	Cultura inferior	**Selvagem**
De 4 a 6	Cultura média	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	Cultura superior	**Universitário**
De 12 a 14	Genial	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — COMO SE CHAMAVA A ARTISTA QUE FÊZ O PAPEL DE FLORISTA CEGA NO FILME «LUZES DA CIDADE», DE CARLITOS:
Virginia Cherril?
Janet Gaynor?
Joan Bennett?

2 — QUAL O MENOR PÁSSARO DO MUNDO:
O tico-tico?
O colibri?
A carriça?

3 — QUAL O PAPA QUE ANATEMATIZOU A MAÇONARIA BRASILEIRA E PROIBIU AOS MEMBROS DE IRMANDADES RELIGIOSAS FAZEREM PARTE DELA:
Bento XV?
Inocêncio III?
Pio IX?

4 — A QUE PARTIDO POLÍTICO PERTENCIA O DUQUE DE CAXIAS:
Ao Republicano?
Ao Conservador?
Ao Liberal?

5 — QUEM FOI, NO BRASIL, D. TERESA CRISTINA MARIA:
A espôsa de Pedro II?
A mulher de D. João VI?
Ou a espôsa de Pedro I?

6 — QUEM FOI OTO DE ALENCAR:
Herói do Paraguai?
Grande poeta?
Ou renomado matemático?

7 — COMO SE CHAMOU O ALMIRANTE QUE CHEFIOU A REVOLTA DA ARMADA CONTRA DEODORO:
Saldanha da Gama?
Custódio José de Melo?
Alexandrino de Alencar?

8 — QUEM FOI O VISCONDE DE OURO PRÊTO:
O Conselheiro João Alfredo?
Benjamin Constant?
Afonso Celso de Assis Figueiredo?

9 — EM QUE DATA PARTIU DA PRIMITIVA ESTAÇÃO DE PEDRO II, O PRIMEIRO TREM:
29- 3-1858?
7- 9-1822?
2-12-1870?

10 — QUAL FOI O PRIMEIRO JORNAL IMPRESSO NO BRASIL:
Diário de Pernambuco?
Jornal do Comércio, do Rio?
Gazeta do Rio de Janeiro?

11 — QUAL O SACERDOTE QUE JÁ GOVERNOU O BRASIL COMO REGENTE DO IMPÉRIO:
O Pe. Antônio Vieira?
Frei Monte Alverne?
Pe. Feijó?

12 — QUE ACONTECIMENTO MEMORÁVEL MARCA O SETE DE ABRIL EM NOSSA HISTÓRIA:
Fim da guerra com o Paraguai?
Nascimento de Pedro II?
Abdicação de Pedro I?

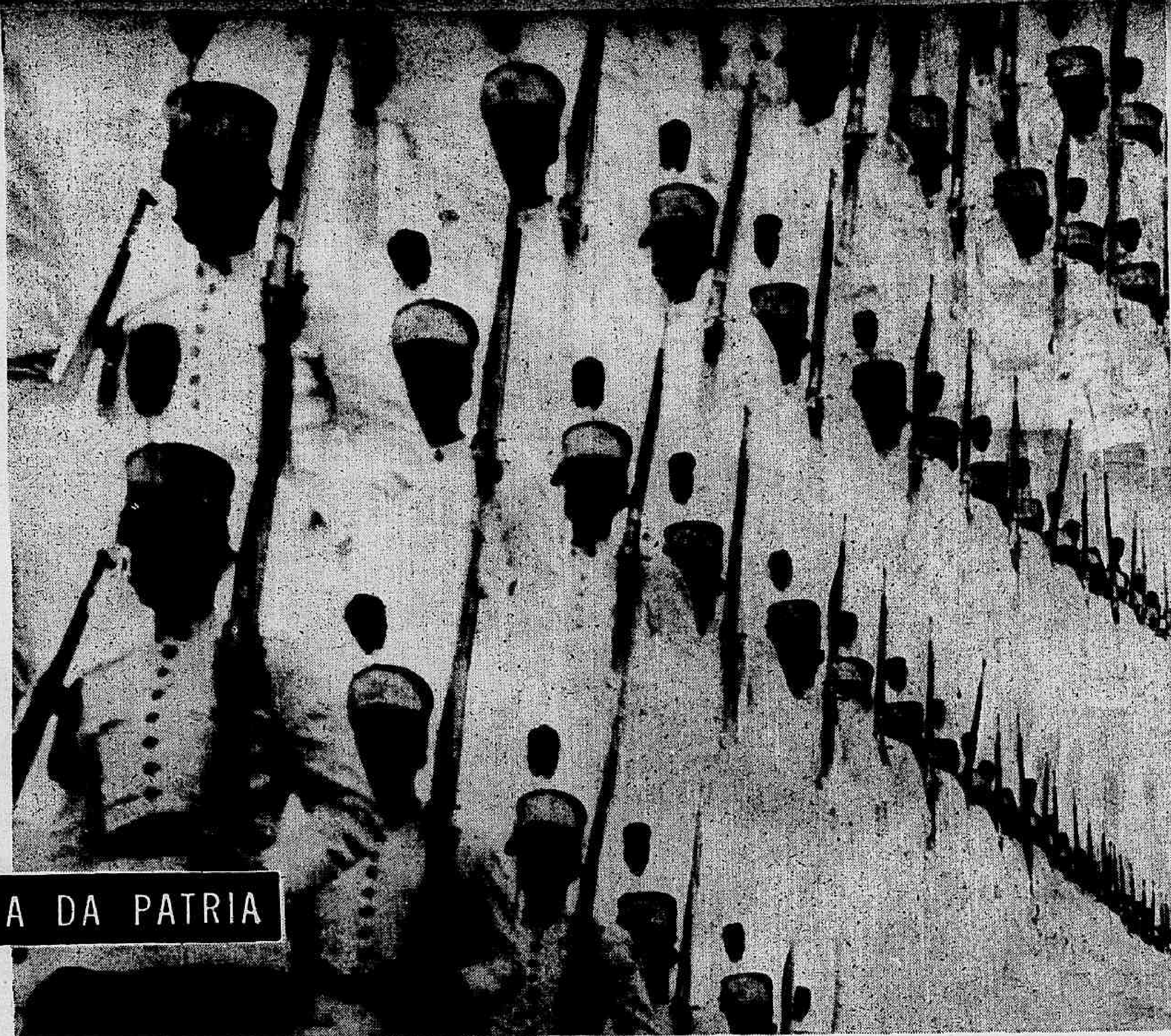
13 — QUE FIM TEVE A RAINHA ASTRID, ESPÔSA DE LEOPOLDO III, DA BÉLGICA:
Morreu num desastre de auto na Suiça?
Morta num bombardeio de Bruxelas?
Vitimada por um parto difícil?

14 — ATÉ QUE ANO NORUEGA E SUÉCIA FORMAVAM UM SÓ PAÍS:
1914?
1905?
1882?

15 — A QUE CIÊNCIA PRESIDIA A DEUSA URANIA NA MITOLOGIA ROMANA:
A Astronomia?
A Ciência da Vida?
Ou à eterna juventude?

Respostas na página 52)

O DIA DA PATRIA



ACADEMIA MILITAR das Agulhas Negras, cuja participação no desfile de 7 de Setembro concorreu para o seu brilhantismo sem precedentes

A GRANDE PARADA

TRINTA MIL HOMENS DESFILAM SOB APLAUSOS DA NUMEROSA ASSISTÊNCIA ★ IMPONENTES ASPECTOS COLHIDOS NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS ★ TROPAS DE TERRA, DO MAR E DO AR, CONJUGADAS NA DATA DE MAIOR EXPRESSÃO CIVICA DO PAIS!

Foto-Reportagem de JOSÉ SANTOS

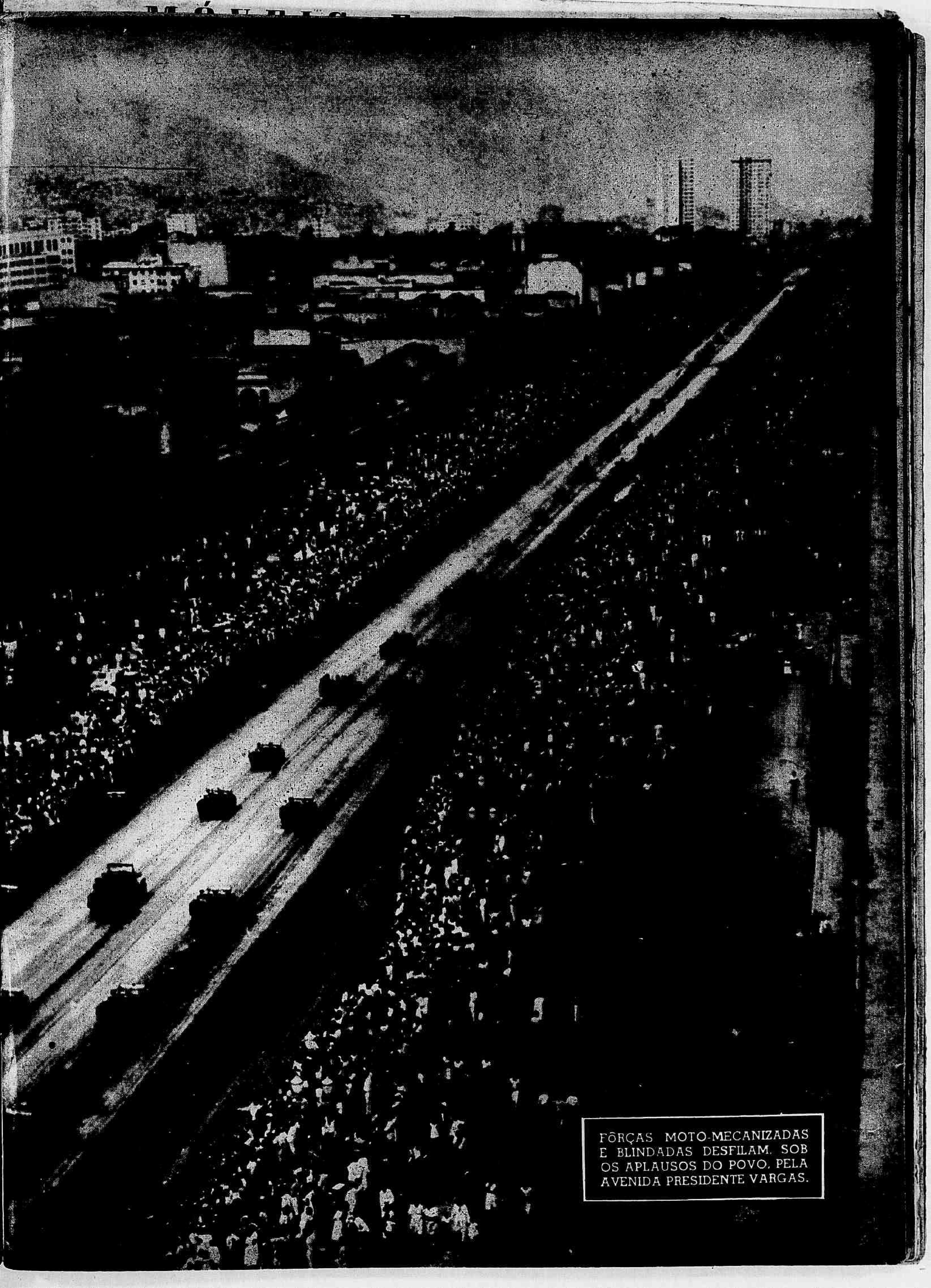


GENERAL DE DIVISAO Zenóbio da Costa, comandante da 1ª Região Militar e das tropas que desfilaram pela cidade.

O 129º aniversário da emancipação política do Brasil foi comemorado em todo o país com festividades de excepcional relêvo. Aqui no Rio, entre outras, realizou-se a tradicional parada militar do 7 de Setembro, da qual oferecemos aos leitores, nas páginas seguintes, expressivos flagrantes. O desfile teve inicio ás 9,30 da manhã, sob aplausos do povo que se estendia em todo o percurso da Avenida Presidente Vargas e com a presença de trinta mil homens, sob o comando do General Zenobio da Costa. Fôrças escolares, grupamentos de tropas navais, de infantaria regional, fôrças moto-mecanizadas e blindadas, grupamentos de cavalaria e componentes da aeronáutica, desfilaram diante do palanque presidencial, onde se encontravam, alem do Chefe da Nação, seus ministros de Estado, Corpo Diplomático, chefes de missões estrangeiras, prefeito do Distrito Federal, chefe de Policia e outras autoridades.

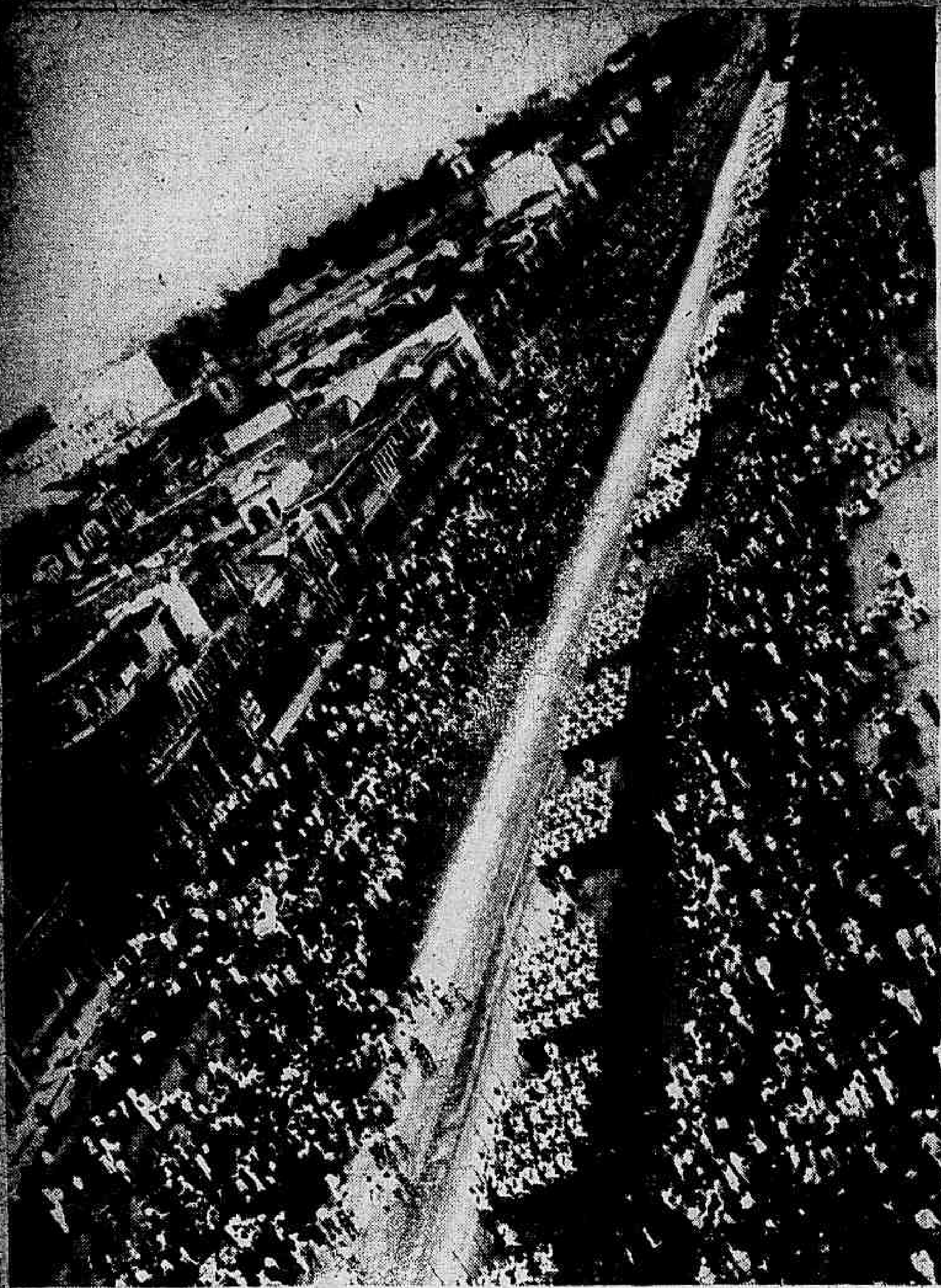
Identicas solenidades foram realizadas nos Estados, com grande pompa. De todos os pontos do país, o serviço telegráfico incumbiase de informar, no dia imediato, que as comemorações do 129º aniversário da nossa emancipação politica, haviam merecido as mais entusiasticas demonstrações de vibração civica por parte do público. Tanto é certo que um espirito de maior e mais profundo sentimento patriotico predomina, hoje, em todos os quadrantes do Brasil. E a data máxima da Pátria serviu, ainda uma vêz, para que êsse espirito se traduzisse em efusivas homenagens públicas, não só no Rio e em São Paulo, como em tôdas as cidades do norte e do sul.

Na impossibilidade de reunir nesta edição todo o serviço recolhido pela nossa reportagem, daremos no próximo número o restante, bem como ampla documentação fotografica das solenidades da Hora da Independência, que se realizaram no pátio do Ministério da Educação, e Saúde, também no dia 7 de Setembro.

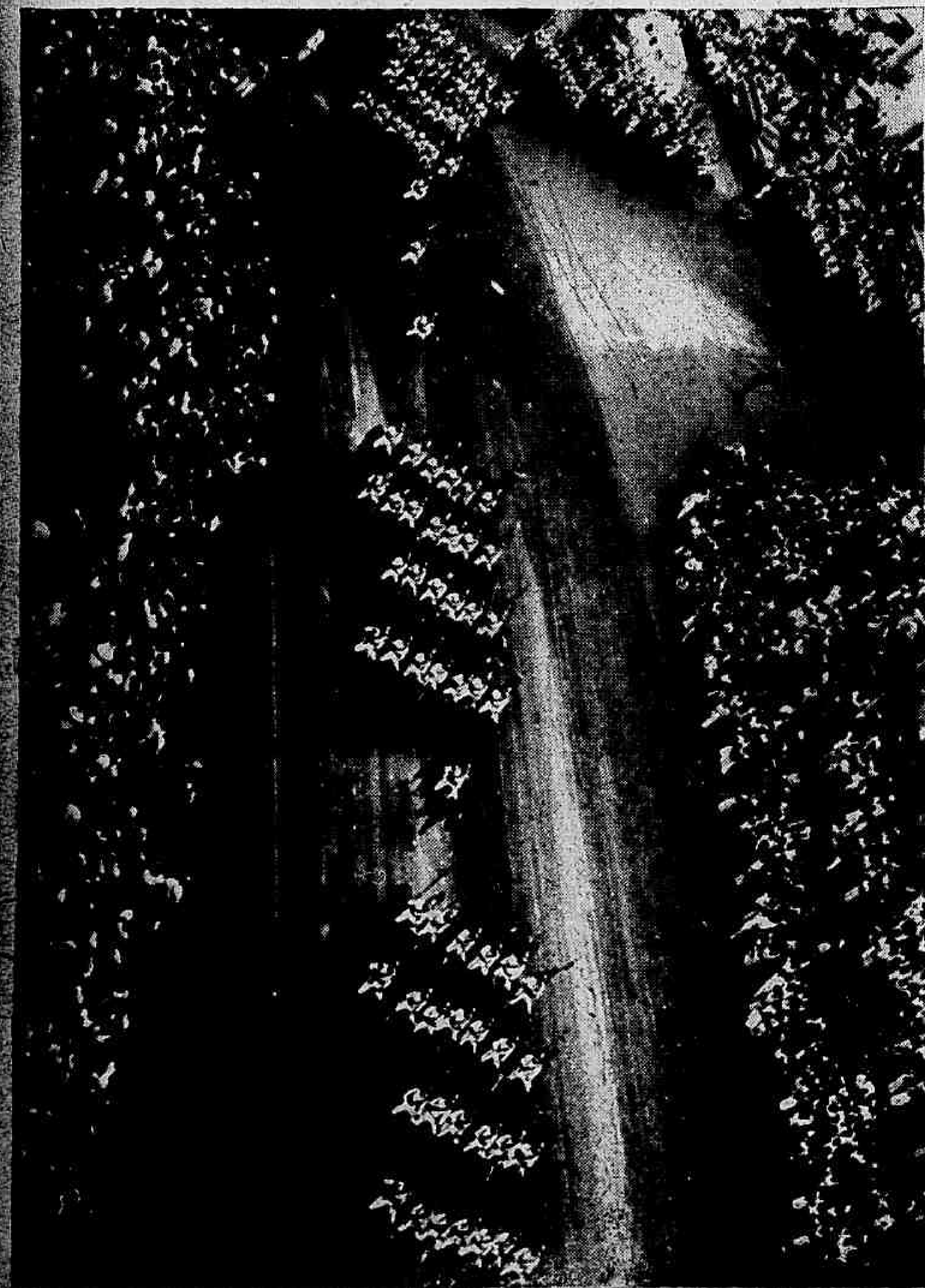


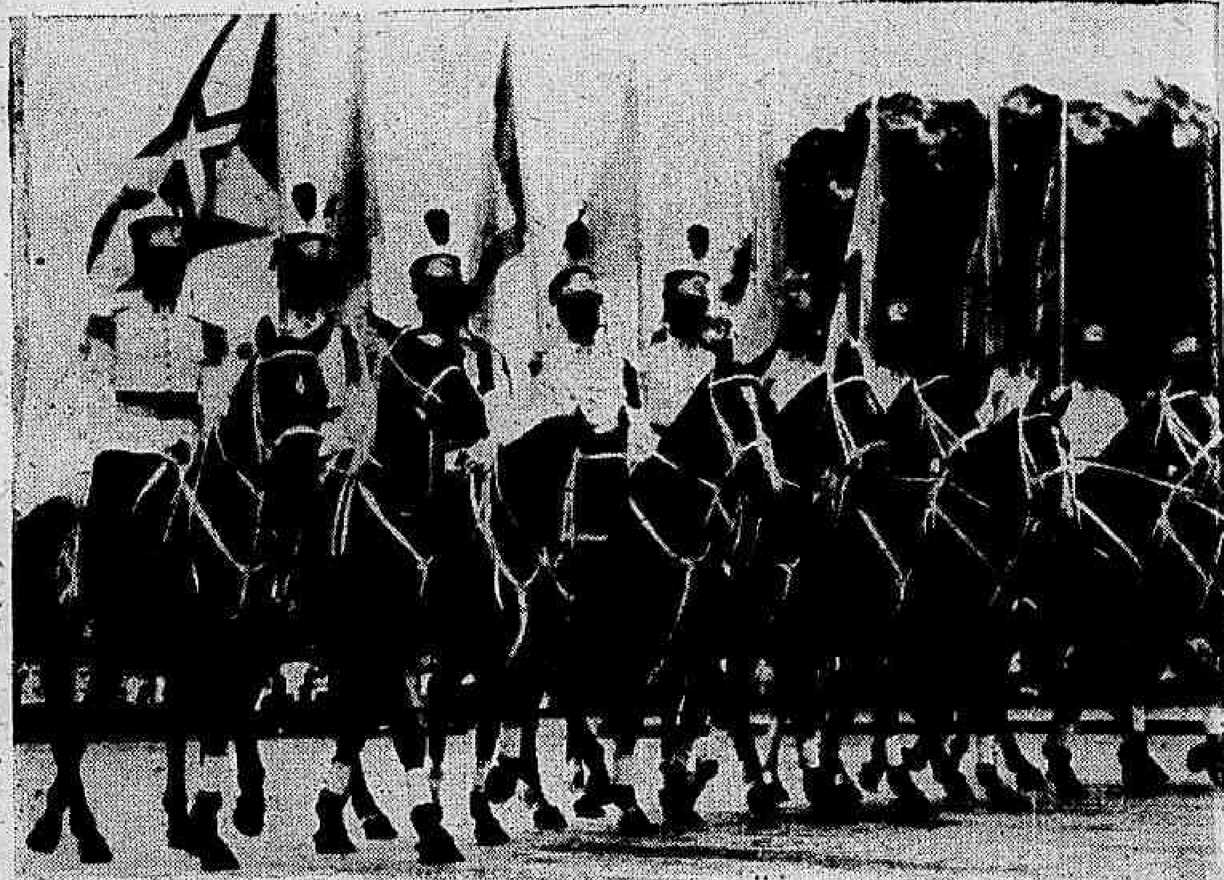
FÔRÇAS MOTO-MECANIZADAS E BLINDADAS DESFILAM, SOB OS APLAUSOS DO POVO, PELA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS.

A GRANDE PARADA



DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA, ou seja, o 1º Regimento de Cavalaria de Guarda, no desfile.

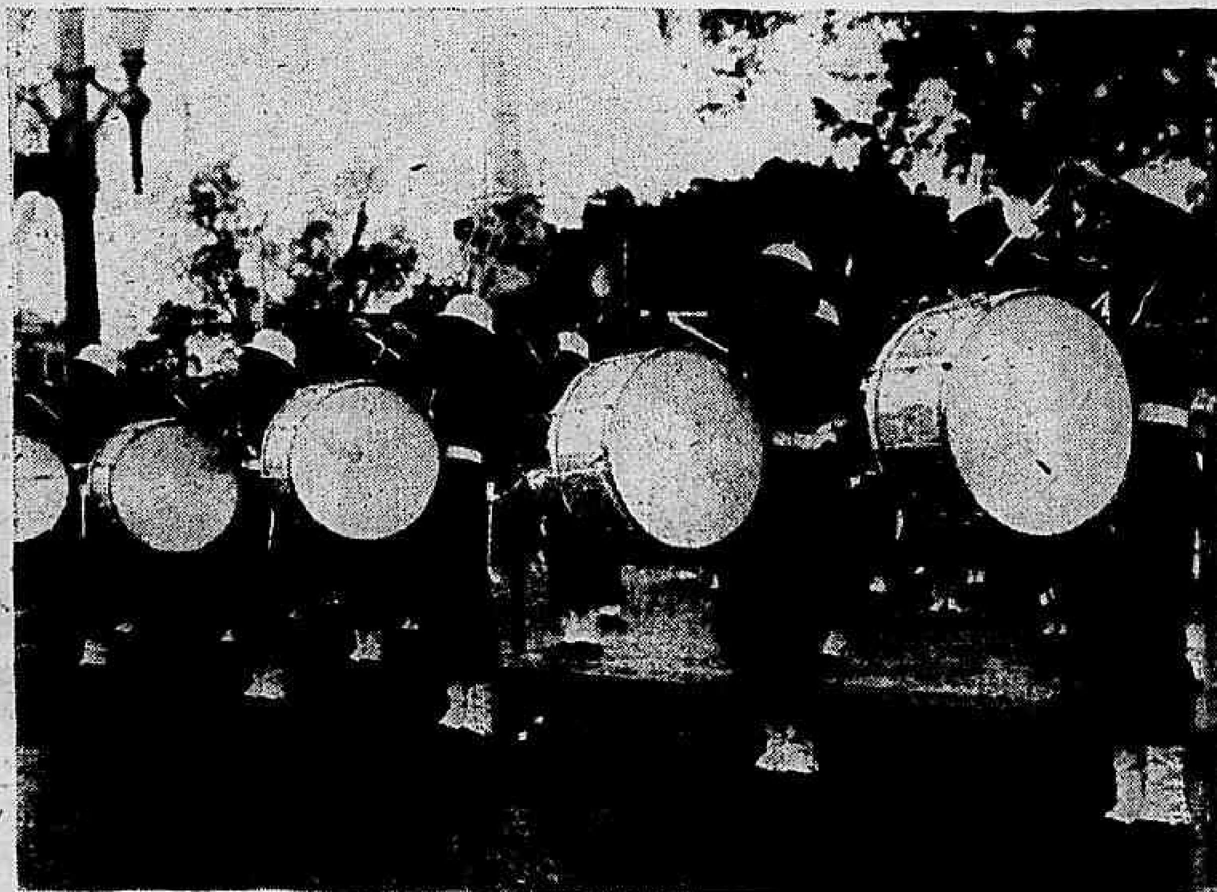




BANDEIRAS HISTÓRICAS do Brasil conduzidas pelos alunos da Academia Militar das Agulhas Negras.



BANDA DE MÚSICA da Academia Militar das Agulhas Negras, antiga Escola Militar.



BATALHÃO NAVAL, outra corporação cuja presença num desfile militar é sempre motivo de sensação.



ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR, com a mascote, um cordeirinho levado pelos alunos mais novos.



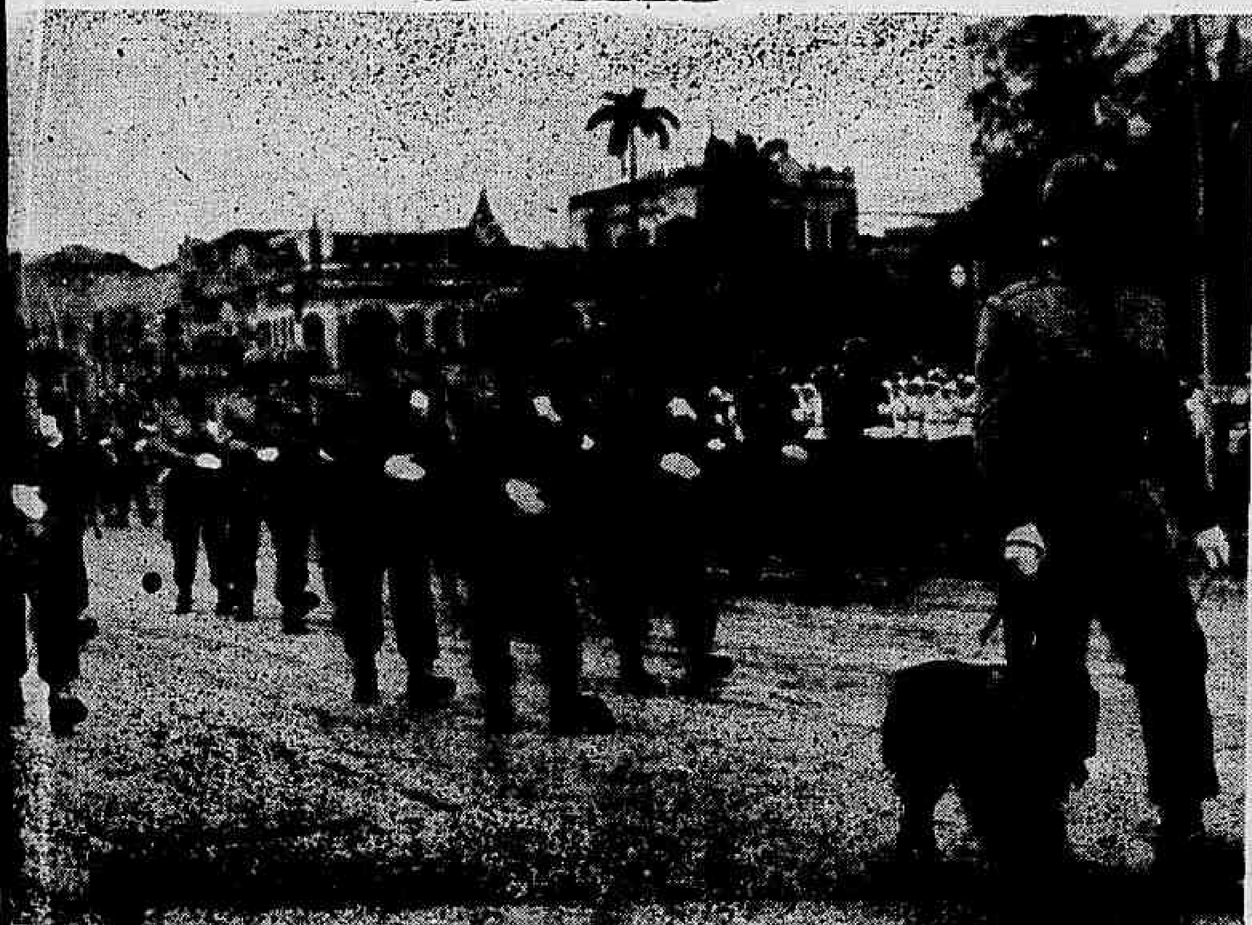
COMPONENTES DA ESCOLA NAVAL, a fina flor da sociedade, sempre recebidos com aplausos.



POLÍCIA DO EXÉRCITO, com seus modernos uniformes que tanto realce emprestam aos rapazes.



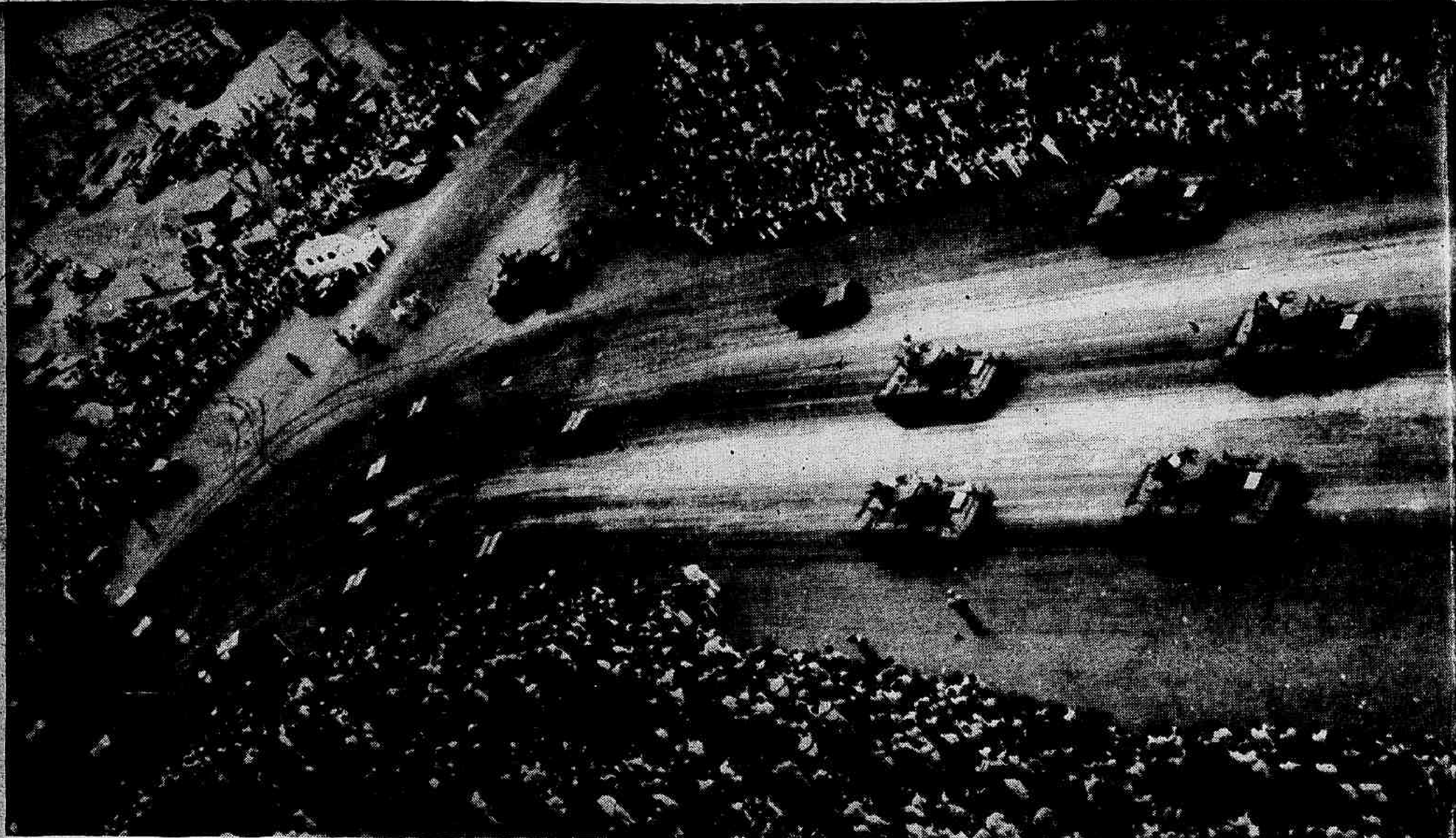
CORPO DE MARINHEIROS NACIONAIS, que também arrancou dos populares calorosas palmas.



A PRESENÇA DO CORPO DE PARAQUEDISTAS do Exército fê-se com muito garbo e linha irrepreensível.



A TURMA DA ESCOLA DE AERONAUTICA, no momento em que se aproximava do palanque presidencial.



TRINTA MIL HOMENS desfilaram sob calorosos aplausos da assistência que se distribuia em tôda a extensão da Avenida Presidente Vargas, bastante amp para uma solenidade de tanta imponência.



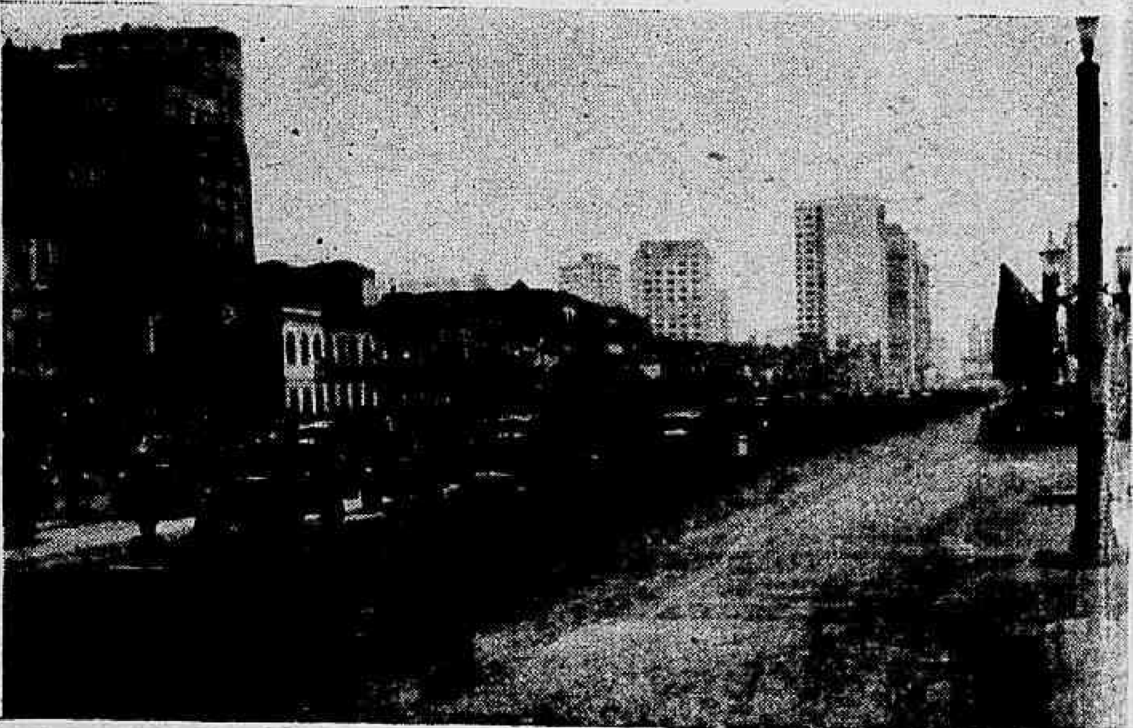
UMA NOTA EMOCIONANTE do desfile: A presença dos veteranos da Fôrça Expedicionária Brasileira.



CANHÕES, OBUSES, REFLETORES, aparelhos de escuta e outros pertence de artilharia pesada.



CORPO DE ENFERMEIRAS da Fôrça Expedicionria Brasileira, cujas componentes fizeram a guerra.



OUTRO DETALHE DA ARTILHARIA motorisada, com seu material para vários fins em campanha.



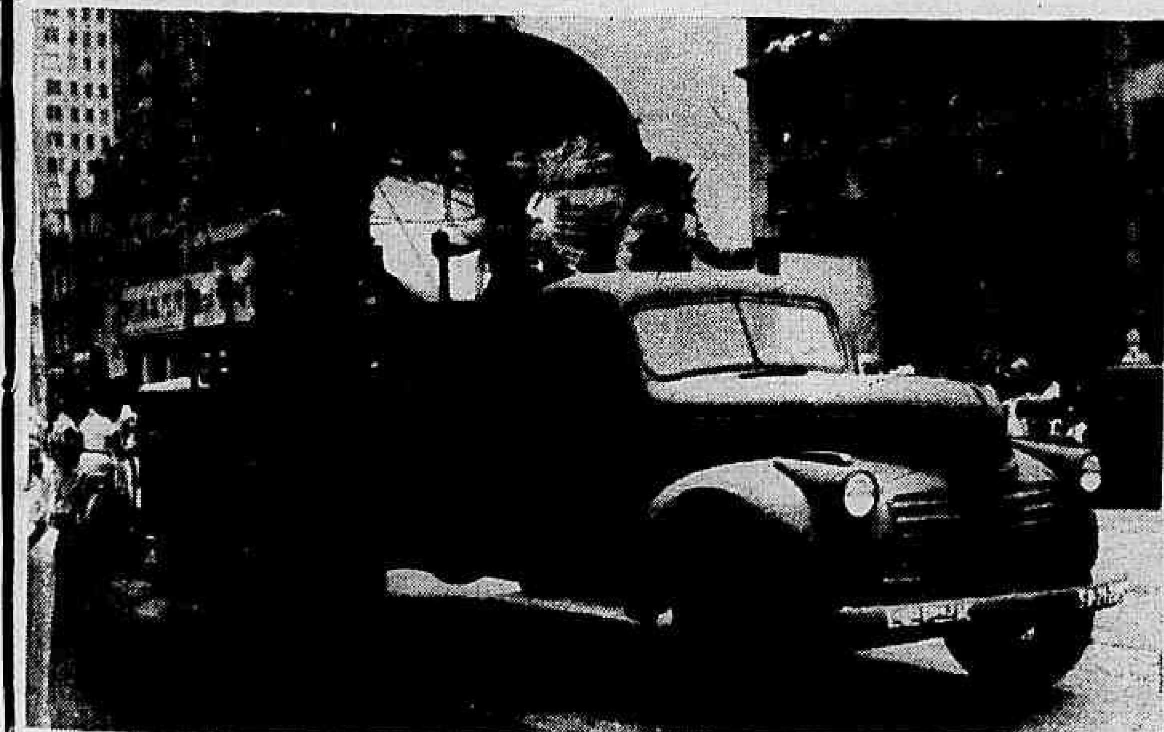
QUANDO AS TROPAS do Grupamento Motorisado desfilavam, foram sobrevoadas, em vôo raso, por aparelhos de observação do Regimento Escolar de Artilharia, como se pode ver na gravura acima.



BATERIA ANTI-AÉREA do Exército Brasileiro, com o respectivo equipamento de campanha.



EM FRENTE AO PALANQUE PRESIDENCIAL, o comandante da Escola Naval presta continência.



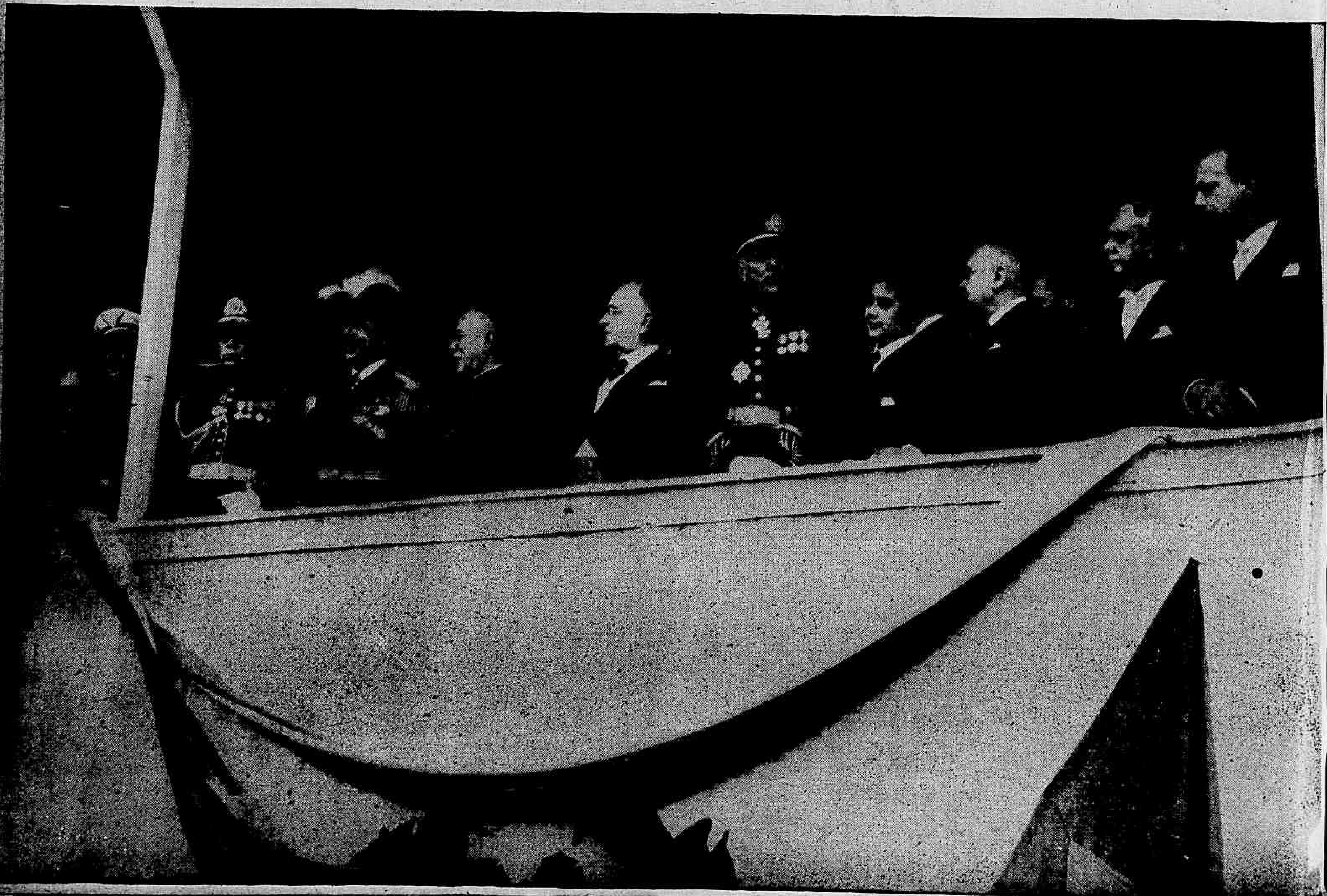
PRIMEIRA BATERIA DE PROJETORES de Artilharia de Costa, com o seu refletor anti-aéreo.



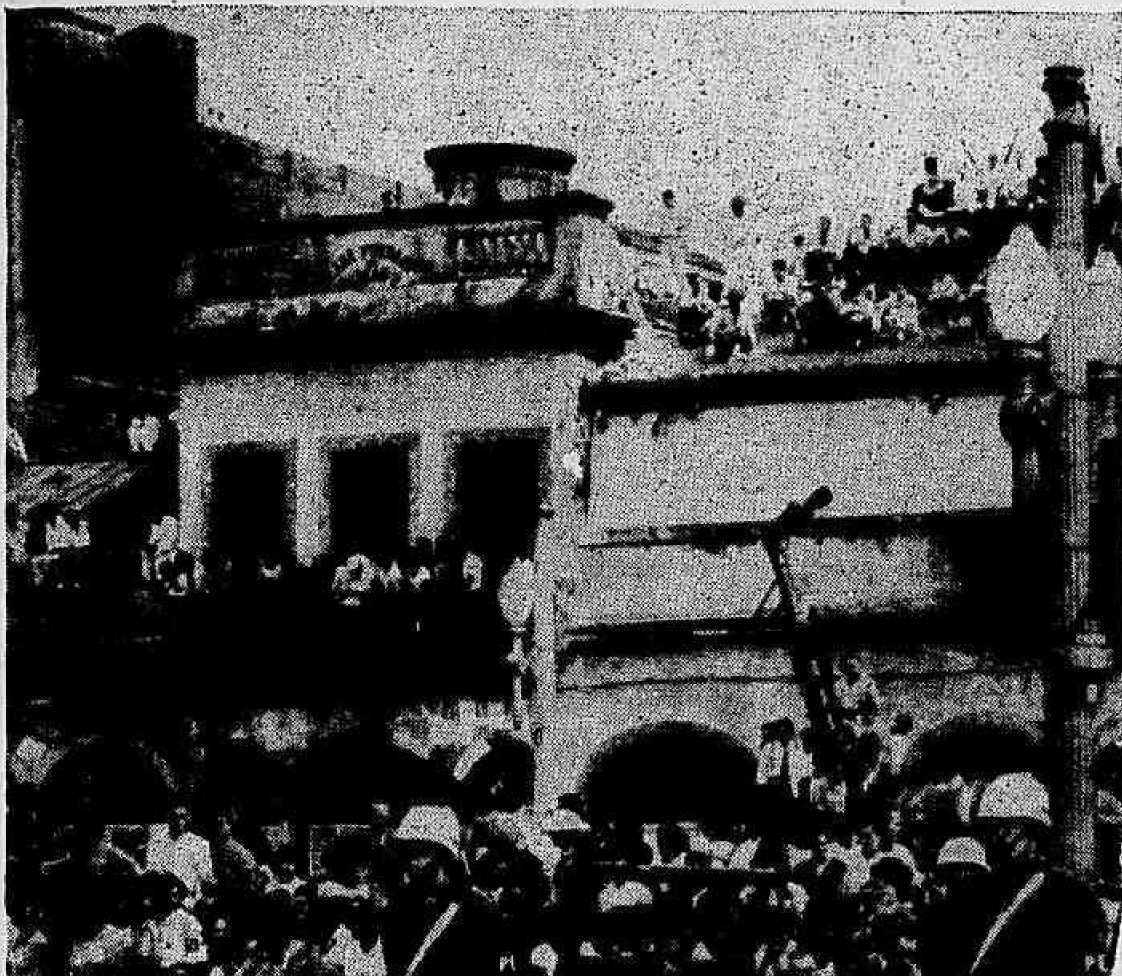
O COMANDANTE DOS FUZILEIROS NAVAIS presta a continência do estilo ao Chefe da Nação.



NO PALANQUE PRESIDENCIAL, o Presidente da República acaricia o jovem João Pessoa Neto, filho do senador Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, tendo a seu lado o ministro Estilac Leal. — Em baixo, outro aspecto do palanque, vendo-se altas figuras do govêrno, cardeal D. Jaime Câmara, ministro José Linhares e outras autoridades.



A GRANDE PARADA



E O POVO compareceu, tocado de entusiasmo e emoção, para aplaudir as tropas em desfile, procurando ver melhor dos telhados, empoleirado num dos portões



do antigo Campo de Santana e dos arranha-céus. O desfile consumiu mais de três horas. Ao lado o Presidente Getúlio Vargas retribui as saudações populares

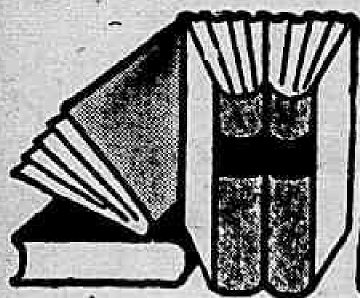




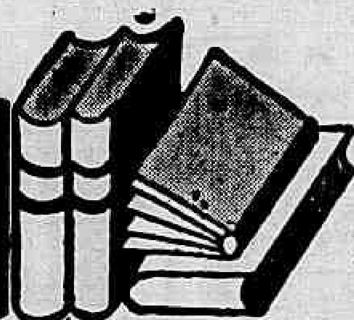








SEMANA LITERARIA



ALBUM DE FAMÍLIA

ESKINE CALDWELL, mundialmente consagrado por "Estrada do Tabaco", principalmente depois que o seu romance da decadência agrícola do sul dos Estados Unidos conseguiu um sucesso sem precedentes, e dificilmente igualável, adaptado ao teatro — é um dos mais expressivos valores da moderna literatura americana. Seu êxito começou em 1932 e sua obra principal já atingiu aos trinta milhões de exemplares. Antes, Caldwell conheceu a amargura de escrever sem sucesso. Êsse georgiano que não acredita na influência, sôbre o público americano, de nenhum livro, de nenhuma peça — foi várias coisas antes de ser uma glória literária, nunca, entretanto, deixando de escrever. E' um solitário. Só recentemente, e isto mesmo em Paris, conheceu êsse outro grande sul no que admira, Faulkner. Adota um regime de trabalho pesado: escreveu de 9 a 5 horas, diàriamente, durante dez meses por ano. Dois meses êle os passa em férias: viaja e conversa com o povo. Quase não lê, confessa êle, desde que começou a escrever. Não reconhece nenhuma influência sôbre sua obra, diretamente inspirada na vida, nas pessoas e nos fatos. Acaba de terminar três livros e declara que costuma reescrever completamente muitos de seus romances. Fala-se que Caldwell é um sucessor de Mark Twain. Sem o otimismo de Twain — observa Jeanine Delpech, comentando a obra de Caldwell em "Les Nouvelles Littèraires".



ERSKINE CALDWELL

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

DIZEM QUE o célebre romance de Oswald de Andrade, "Os Condenados", vai ser aproveitado pela Cia. Vera Cruz. Ganha, assim, o nosso cinema uma grande obra literária e uma possível obra de arte, sob o ponto de vista estritamente cinematográfico. ★ A EDITÔRA Cupolo pretende lançar em breve "Filhos do Destino", da autoria de Hernani Donato. O livro gira em tôrno da formação social, econômica e política do Estado de São Paulo, no chamado período áureo do café. ★ MENOTTI DEL Picchia fêz o texto para o álbum de xilogravuras do artista alemão Karl-Hns Hansen. Êste álbum será editado pela Guanumbi e chamar-se-á: "Tempos nossos dolorosos". ★ EM QUINTA edição saiu "Memórias de Simão, o caolho", romance de Galeão Coutinho. Trata-se de um livro da Editôra Brasiliense, desta capital. ★ A EDITÔRA Panorama continua a anunciar o aparecimento das obras completas de Rodrigues de Abreu. Domingos Carvalho da Silva escreveu uma introdução, estudando, dêste modo, a poesia triste daquele poeta que morreu tuberculoso. ★ A CAPITAL paulista recebeu a honrosa visita de Gabriel Marcel, famoso filósofo francês, existencialista cristão. Gabriel Marcel realizou aqui duas conferências subordinadas aos seguintes temas: "Presença e Imortalidade" e "Os aspectos cristãos da filosofia da existência no pensamento contemporâneo". Gabriel Marcel, que também é renomado teatrólogo, foi hóspede oficial da Reitoria da Universidade de São Paulo. ★O CONHECIDO poeta português António de Navarro, autor de "Ave de Silêncio", publicará o seu próximo livro de versos pelas Edições Alarico, nova editôra paulistana. ★ QUASE QUE diàriamente Christina, publica, no "Diário de São Paulo", uma de suas crônicas literárias. As vêzes, o leitor tem a sensação de estar diante de um poema em prosa. E, pelo valor das mesmas, pensamos que Christina deveria lançar um livro dêsses seus trabalhos; selecionados, é lógico. Aqui fica, pois, a nossa sugestão... ★ O CASAL Antônio Joaquim de Almeida, que há pouco tempo nos visitou, convidou um grupo de artistas paulistas para uma viagem às famosas Minas Gerais. Flávio de Carvalho, Darcy Penteado, Maria Leontina Franco e Milton Dacosta pretendem expor em Belo Horizonte. José Geraldo Vieira e Reynaldo Bairão realizarão conferências sôbre poesia. Dinorah de Carvalho e Maria Kareska darão concertos patrocinados pela Casa de Cultura daquela cidade. Segundo consta, os artistas serão convidados oficiais do govêrno mineiro, uma vez que se trata de um intercâmbio cultural entre os dois Estados amigos.

EDMUNDO LYS

AS bibliotecas devidamente registradas, o Instituto do Livro já fizera doações, em julho de 1950, haviam atingido um milhão de volumes. Inteligente maneira de estimular o gôsto da leitura; facilita a difusão de conhecimentos e concorre para uma «consciência de cultura»... que ainda é primária entre nós.

★

SIMPLES, claras e lógicas as explicações de Vasco Botelho de Amaral em seu livro «A bem da língua portuguêsa», edição da benemérita Revista de Portugal, Lisboa, 1943. Veja-se, na página 14, o que declara o lúcido filólogo a respeito de **alhures**: em outro lugar; **algures**: em alguma parte; **nenhures**: **em** nenhuma parte.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

EM seu livro «Minha formação» Joaquim Nabuco acentua esta observação — que lhe caracteriza a agudeza de crítico social: «O sentimento de igualdade de direitos, ou de pessoas, na mais extrema desigualdade de fortuna e condição, é o fundo da dignidade anglo-saxônia».

★

INAUGURANDO, em 1915, as conferências do Museu Nacional, propunha o sútil Roquette-Pinto recebesse o nome de Rondônia a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira.

AS injustiças acompanham o trabalho humano... Vá um exemplo: pensou e produziu, continuamente, o erudito Liberato Bittencourt. Faleceu há pouco. Todavia, seu nome raramente é lembrado...

★

OS que conhecem a epopéia de sacrifícios e trabalhos sintetizada numa revista de valor, êsses devem admirar o espírito cívico, científico e humano com que patrícios nossos, para «propaganda das riquezas naturais do Brasil», mantêm, há 17 anos, a magnífica «Revista da Flora Medicinal». Vêm suas páginas estampando soberbos verbetes, com que o dr. João Angely apresenta o seu «Dicionário de têrmos técnicos de botânica».

★

SHAKESPEARE

TRANSCREVEMOS abaixo a crônica que o escritor Joaquim Ferreira mandou de Londres para "O Globo", falando de Shakespeare como fonte permanente de investigações literárias. "Londres, agosto — Pela quinta vez, está reunida, na cidade shakespeariana de Stratford-on-Avon, uma conferência anual de eruditos, cujo objetivo é permutar idéias e expor novas teorias sôbre a vida e obra de Shakespeare. Os trinta peritos — nem todos de língua inglêsa — realizam os seus trabalhos numa casa que serviu de residência à romancista Marie Corelli. Sobranceira ao rio, onde a romancista costumava passear de gôndola, a residência remonta, em sua maior parte, ao século XVII, época em que já os eruditos viviam às voltas com Shakespeare e suas atividades



William Shakespeare, o mais alto mistério da literatura.

Seria de acreditar que, em face do número sem conta de volumes publicados desde então sôbre o assunto, pouco ainda restasse. Mas a verdade é quase o contrário. Quanto mais se estuda o problema, tanto mais numerosas são as dúvidas que surgem sôbre certos pontos. As teorias se multiplicam à carência de elementos esclarecedores. E' difícil, por exemplo, abrir-se um suplemento literário do "Times" e não encontrar na sua página de correspondência, alguma nota com uma nova interpretação de determinada passagem de uma das peças. E' curioso como numa obra tão luminosa existam tantos pontos obscuros. E mais curioso, ainda, notar-se que muitas destas obscuridades não prejudicam a grandeza shakespeariana.

A muita gente parecerá que, pelo menos em parte, as pesquisas são um desperdício de tempo com bisantinismo, uma preocupação de vadios. Haja vista o caso daquela vírgula em Macbeth. Mas tenha a gente o desejo de entender e sentir plenamente Shakespeare, e êstes pontinhos se tornam desafios irresistíveis. Tome-se como ilustração o "Hamlet". Mesmo os que não leram o ensaio que lhe dedicou Salvador de Madariaga (para falar apenas num dos últimos bons estudos) sabem o quanto está cheia de detalhes controversos a história do príncipe dinamarquês.

Êste ano Alec Guinesse, uma das maiores figuras dos palcos britânicos, tentou com insucesso uma apresentação nada ortodoxa — ou, não dizendo tanto, nada tradicional — da peça em que Ofélia não vai para o convento mas enlouquece e se afoga. Uma das novidades foi oferecer um Hamlet com barba, parecendo-lhe uma incoerência que o jovem falasse de suas barbas, enquanto bem escanhoado.

Se das peças passamos aos sonetos, lá nos estará esperando o mistério ainda maior da Dama Negra.

São pontos assim que os eruditos estão examinando, e é pena que entre êles não se encontrem alemães ou russos. Dos alemães sabemos que são investigadores inexaustíveis e que, ao tempo das loucuras e torpezas nazistas, reclamaram a cidadania germânica de Shakespeare. Dos russos não se pode negar que contem com grandes autoridades no assunto.

A gente reunida agora em Stratford fêz dêsses estudos shakespearianos profissão e "hobby". Um dos eruditos veio à cidade com o propósito expresso de defender sua tese de que Falstaff é um covarde. Outro, porque desejava apresentar certas emendas ao texto de uma peça e corrigir a data atribuída ao seu aparecimento. Um problema surgido, ao que parece em 1725, vai ser de novo debatido: Foi mesmo Shakespeare quem escreveu tôda a primeira parte de Henrique VI?

Apenas se espera que, aferrados às suas teorias, os técnicos não se empenhem em debates violentos, mesmo que lhes surjam os baconianos. Já de há muito as discussões perderam a ferocidade que era habitual entre shakespearianos da melhor qualidade. Ninguém conta, porém, que muitos mistérios sejam decifrados ou que esteja iminente a descoberta de um texto na caligrafia do próprio Shakespeare. São encorajadores, no entanto, os resultados das últimas pesquisas, conforme mostrava recentemente um programa de televisão reconstituindo a fase sem crônica: o período decorrido desde que William Shakeshalt, como era então conhecido o filho do açougueiro de Stratford, deixou sua cidade, até sua chegada em Londres para as representações no "Globe".

LETRAS MINEIRAS



Benedito Valadares

"ESPERIDIÃO" — O livro do momento é, sem dúvida, o esperado romance, enfim, aparecido do senhor Benedito Valadares — "Esperidião". Edição O Cruzeiro, preço do volume, brochado, sessenta cruzeiros. O livro pretende fixar uma época e o cenário político de Minas, sabendo-se que a personagem central da obra foi inspirado no sr. Melo Viana. Aliás, é interessante observar que, no momento da publicação do romance nacional mais falado dêste meio século, o senador, por mera coincidência, estava caçando no sertão mineiro... ★ O ANIVERSÁRIO do poeta Emílio Moura foi festivamente comemorado pelos seus amigos e admiradores. Pela passagem da grande data, os poetas das Alterosas ofereceram-lhe uma brilhante homenagem na Confeitaria Tiroleza, que estêve bastante concorrida. Todos os presentes externaram a Emílio Moura uma justa admiração pela sua expressiva obra poética, das melhores da atual literatura brasileira. ★ O POETA Agenor Garcia publicou, sob o título "Tudo é Nada", um volume de versos, com apreciações de Jacinto Guimarães, Bahia de Vasconcelos e outros. Trata-se de um livro simples, mas cheio de poesia e de ternura. ★ OS POETAS de Belo Horizonte, classificados no recente concurso organizado por "Ilustração Brasileira" editaram, por intermédio das Edições Mantiqueira, uma plaqueta contendo "Os Dez Melhores Sonetos Mineiros", entre os que concorreram nàquele certame. Seria interessante que fôsse esclarecido êsse detalhe pois nem todos os grandes poetas mineiros figuram na referida plaqueta. ★ O POETA Soares da Cunha publicou, pelas Edições Acaiaca, um pequeno livro de Pensamentos, que tem sido um sucesso de livraria nesta Capital. ★ POR ÊSSES dias estará nas livrarias do País, o livro de estréia do jovem poeta mineiro Darcy Freire, cujo livro se intitula "Coivaras" e será lançado pelas Edições Mantiqueira. ★ ENCONTRA-SE na Capital o consagrado pintor brasileiro Santa Rosa, que veio a convite do dr. Oscarvo Lobato, diretor da Imprensa Oficial, a fim de estudar as possibilidades técnicas referentes àquela repartição.

O ESCRITOR-PRESIDIÁRIO



DEMOS anteriormente notícia sôbre o escritor-presidiário e, condenado por um crime de assalto à mão armada, está cumprindo pena na Penitenciária Agrícola de Neves, em Belo Horizonte e que, recentemente, foi laureado em um concurso literário patrocinado pela Prefeitura da capital mineira.

Hoje, oferecemos aos leitores, em primeira mão, um poemeto satírico de Francisco Antônio de Alencar que escreve geralmente prosa, fazendo, entretanto, versos de inspiração humorística, como vemos nestas duas quadras:

«Cansado já da cadeia,
pedi que a morte viesse.
E a morte, então, me aparece
de foice e de cara feia.

Tive mêdo de embarcar
e disse (não sei por que):
«O que eu quero de você
é que fique em meu lugar».

Fora do Prelo

TRADUÇÃO DE «PRO ARCHIA», DE CÍCERO — Maximiano A. Gonçalves — Livraria Nunes — Rio de Janeiro.

Foi no ano de 62 que Marco Túlio Cícero — conta-nos o tradutor — escreveu a defesa do poeta Aulo Licínio Arquias. O quase-nada que sabemos da vida do poeta deduzimo-lo do próprio discurso do príncipe dos oradores latinos, porque da obra de Arquias tudo desapareceu na poeira dos tempos. Nasceu em Antioquia da Síria e foi para Roma, quando adolescente. Distinguiu-se principalmente como poeta, motivo por que a cidade de Heracléia sobremodo se honrou em o considerar seu munícipe. Mais tarde, e quando a sua fama poética atingia o auge, foi-lhe concedido o honroso título de cidadão romano. Precisamente por essa ocasião, Grácio veio a público, a fim de impugnar a distinção que o poeta recebera e de tanto se orgulhava. Aparece, então, Cícero, para tomar a defesa de Arquias, perante Quinto Túlio, seu irmão, que naquêle ano era pretor. Cícero conseguiu provar que Aulo Licínio Arquias tinha absoluto direito de se considerar cidadão romano... E prossegue encantadora a palavra do professor Maximiano Augusto Gonçalves, ao apresentar a sua — que é a primeira em nossa língua — "Tradução de «Pro Archia», de Cícero», texto latino, ordem direta, versão justalinear e literária, feita com o bom-gôsto, o conhecimento e o senso de equilíbrio característico do infatigável tradutor. Obra que nobilita o gênio de Cícero, não honra menos a cultura de Maximiano A. Gonçalves, a quem ficamos devendo mais um serviço de altos méritos. O volume é trabalho gráfico da Livraria H. Antunes.

★

IRMÃOS GRIMM, HISTÓRIAS MARAVILHOSAS - Edições Melhoramentos - S. Paulo

Os que combatem o folclore, por não admitir a adoção de coisas antigas dentro do espírito de evolução — ou, melhor, só o permitem como estudo de confronto — mesmo êsses, jamais discutem a universalidade, no tempo e no espaço, de certas idéias. Tornaram-se folclóricas porque se perdeu a noção de seu autor, daquêle que primeiro as transmitiu. Anonimaram-se e, em muitos casos, anonimato é sinônimo de propriedade geral, vale dizer, demopsicologia.

Os Irmãos Grimm foram sistematizadores científicos do populário — ninguém o nega. E recolheram alguns dos mais belos contos que, ainda hoje, encantam o coração da humanidade, êsse pobre coração que, ao envelhecer, tem seu maior júbilo na recordação e, portanto, na leitura.

Representam, assim, os Irmãos Grimm, permanente motivo de admiração para tôdas as idades: infância, juventude, velhice.

Em álbuns magnificamente ilustrados a côres por Herbert Leupin, as Edições Melhoramentos estão publicando, na série «Histórias Maravilhosas», algumas das escritas pelos Irmãos Grimm. Já apareceram três: «O Gato de Botas»; «O Valente Alfaiatezinho» e «Joãozinho Felizardo». Bastam os títulos para que, delas, todos se lembrem. São, de fato, Histórias Maravilhosas, que nos fazem bem. Joãozinho, o alfaiatezinho e o Gato merecem figurar entre os nossos companheiros das melhores horas.

★

POEMAS — Anna Amélia — Casa do Estudante do Brasil — Rio

O livro de estréia de Anna Amélia data de mil novecentos e onze. Depois, ela só voltou a publicar livros em 1926. Estamos assinalando as datas para situar a poetisa em uma época do extremado culto da forma, quer quando êsse culto era prática de parnasianos, quer quando era música simbolista. Em 26, Anna Amélia já era um poeta formado. Um dos seus livros de então — como estamos lendo na orelha dêste volume — inspirou à crítica conservadora elogios que diziam respeito «à poesia verdadeira», como então se dizia do verso tradicional, do respeito às formas consagradas, da boa e clara linguagem, na boa e certa metrificação. Em 26, portanto, Anna Amélia não sofrera nenhuma das seduções do modernismo. Hoje, a coisa é diferente e, embora ela se mantenha dentro da estrutura clássica, seus poemas já abrem algumas janelas, não apenas no subjetivismo inicial, mas, também, na sua técnica. Ela não se entregou inteiramente à poética moderna, pelo contrário, seu profundo sentimento da harmonia, seu gôsto da clareza levam-na a manter-se estritamente dentro da retórica consagrada dentro do estrito equilíbrio de linhas e de volumes. Entretanto, seu vocabulário, seus temas, a arquitetura de seus poemas já representam uma libertação, sem que nisso se perca o classicismo de sua maneira. Ela fêz aquisições, sem fazer concessões. Permaneceu fiél a si mesma, sem trair o espírito moderno e a sensibilidade de seu tempo, de nosso tempo. Conseguiu aquilo que muitos grandes poetas não conseguiram que é ser atual, sem esfôrço, sem destruição, sem traição à sua personalidade. Encontramos aqui, como nos seus primeiros livros, aquelas dominantes de temperamento — pessimismo, suavidade, doçura, um lirismo que contorna o sentimentalismo e a pieguice por um gôsto apurado, pelo melotom, pelo pudor no sentir e no dizer. Entretanto, essas qualidades se refinam, como que ainda mais se depuram e nos dão uma impressão mais poética ainda, livre de tôda eloqüência, capazes de uma linguagem sempre tocante, sem qualquer verbalismo, sem qualquer exagêro.

Aos poemas originais dêste volume, ilustrado por Pernambuco de Oliveira e Atayvan, somam-se alguns traduzidos com a correção admirável que Anna Amélia sabe dar a essas interpretações de poesia estrangeira, como vemos, sobretudo, nos «Três Sonetos de William Shakespeare» e na «Oferenda à Natureza», da Condessa de Noailles.

O LIVRO ILUSTRADO





ILUSTRAÇÕES de duas obras musicais: a primeira, tirada de «Military Music», é um tambor do Regimento de Guarda, da Inglaterra, datada de 1745; a segunda, o côro de monges, foi impressa no livro «Sacred Music» (ambos de edição inglêsa), reproduzida de um manuscrito francês de 1411.



O CÉU E PARA ÊLE

ERA um pobre rapaz. Humildade, resignação, bondade e pureza, formavam os ângulos de sua personalidade. Um Job moderno. Morava em barracão de zinco numa favela carioca ao sopé de um morro. Choça humilde e miserável em que buracos e umidade refletiam o estado de miséria de seus moradores. Encaixada num cortiço imundo com varais de roupas brancas, crianças ranhentas e peladas brincando pelo chão. Mulheres barrigudas, de cabelos desgrenhados, batendo roupa na tina, sustentando o marido bêbedo estirado na cama e a ninhada infinda. No velho morro, onde nas noites de sábado, ouvem-se batucadas nas escolas de samba. Cuicas roncando, tambores batendo, mulatos e negros dançando de modo voluptuoso e febril. Corpos rebolando. Bodum.

Nesse ambiente vivia o Zezo. Coitado! Magro como prisioneiro de campo de concentração, tinha os olhos fundos e a pele macilenta. Rapaz sem atrativos de espécie alguma. Pelo menos as qualidades necessárias para vivermos na sociedade atual, onde só as aparências valem. Elegância não tinha, nem beleza, era pobre, nada de bom possuia o coitado.

Há homens que são pobres, mas belos, e isso compensa. Ou então são feio, mas alegantes, também compensa. Feios e deselegantes, sabendo conversar são simpáticos. Compensa. Mas pobre Zezo! Nada de bom desfrutava. Todos os defeitos superficiais possuia. Gente assim, embora honrada e santa, é considerada pária na sociedade atual, isso era pequena parte de sua tragédia.

Mas sabe Deus que boa alma se escondia naquele envoltório de defeitos!

Por mal de seus pecados era sentimental, terrivelmente sonhador. E por quê? Querem mal maior que ser sentimental e pobre? Quem pode viver de sonhos e ilusões quando se precisa pegar de duro no "batente" para ganhar o pão de cada dia? E' desgraça ser assim. Mas Zezo infelizmente o era. Não tinha a aridez de alma, comum nas pessoas incultas e pobres que lutam pela vida. Sua alma era como um lirio puro, cheio de essências de finos e belos sentimentos.

À noitinha, depois de voltar do serviço, ficava a olhar pela janela, a cidade distante, envôlta na bruma maritima. Sonhava ter daqueles arranha-céus, onde por entre sêdas e galas poria a mãe para morar. Assim a pobre não teria que lavar tanta roupa para ajudar na casa.

Quando acordava e via a realidade tomava um choque. Que contraste, o arranha-céu e sua choupana! Quanta diferença! Sonhava possuir um arranha-céu e nem aquêle barracão cheio de buracos era seu! Infeliz! Era sentimental e pobre.

Os defeitos dêsse moço eram compensados pelo seu emprêgo. O mais sublime dos oficios! Tão sublime como prece fervorosa aos céus! Aquêle rapaz de rosto magro e macilento, com aquela expressão tão triste, distribuia alegrias e tristezas em todos os lares! Por suas mãos entrava no lar aristocrático o júbilo ou a angústia. Aquelas mesmas mãos levavam ao lar humilde, alento, esperança ou tristeza. Logo se vê que era sublime sua missão. Distrimuir estados dalma em tôda a cidade.

Mas seria um mágico? Só mágicos ou deuses poderiam fazer isso. Mas a resposta é simples. Era entregador de telegramas da Central do Brasil. Quem como êle levaria tantas mensagens de paz ou tristeza à população? Só êle mesmo.

Seu pai que fôra maquinista na C. B., morrera acidentado perto de Resende. Esmigalhado em papa, num enconiro terrivel que houve por aquéles lados. Deixou a pobre viúva com quatro filhos já grandinhos e um quinto em embrião. Grávida como estava, a pobre mulher ao saber da tragédia caiu de cama. Resultado: abôrto. Ainda bem. Uma bôca de menos.

Depois de se restabelecer, com sua letra humilde e disforme ,a mulher escreveu uma carta à estrada de ferro pedindo pensão para si e os filhos. Mas o pedido perdeu-se no labirinto das formalidades e na espera de assinaturas, no evidente desprêzo e desatenção que há em relação às classes pobres. Oito meses depois veio a ordem para pagamento. Cinquenta cruzeiros mensais.

Como aquela mulher sofreu! Foram os dias de luto, os mais amargos de sua vida. Desalento, angústia, desilusão. Como fazer sobreviver a familia da negrura da miséria? Ela, porém, foi forte. Empregou o Zezo, o filho mais velho na padaria do Vepe Italiano como entregador de pão, e foi logo pegando roupa para lavar. Foram passando mal, comendo pão e banana semanas a fio, mas livraram-se da fome.

O Zezo que estava no terceiro ano, saiu da escola, apesar dos protestos da professôra Dona Emilia, que sentiu não poder ser aproveitada aquela brilhante inteligência. Mas que vale ser estudioso e pobre. Quantos "bêstas quadradas" não frequentam universidade por ai, só porque são "filhinhos de papai", e quantos gênios e poços de boa vontade não estão puxando enxada por êsse sol abrasador, porque são pobres? Salve mundo bem feito!

Mas o pobre Zezo largou a escola para trabalhar. No fim do mês, o Vepe Italiano disse que pagava trinta cruzeiros, mais que isso, nem um tostão.

— Ma quê! Trinta milaréis é até munto denaro! Prá um molenga dêsses!

Isso dizia êle ao Zezo, quando ajustavam contas. A mãe, cabocla resoluta e esperta, logo gritou:

— Ara, vá saindo! Enfie os trinta mil réis no nariz! Ninguém está morto de fome! Prá ganhá uma miséria dessas, é preferivel nem trabalhar! Não dá nem prô aluguel do chiqueiro! E fique sabendo que molenga é a sua mãe!

O empreguinho da padaria foi perdido. Toca a lavar roupa e sete bôcas a sustentar. E o Zezo procura que procura emprêgo e nada. Vivia tomando pitos da mãe, que a pobreza e a luta sem fim haviam tornado sêca e áspera. Sua conversa era amarga, seus ideais pessimistas.

Foi daí, então, que Zezo lembrou-se de pedir emprêgo na estrada de ferro. Quem sabe se com a influência do nome do pai, arranjaria alguma coisa? Lá se foi êle pessoalmente, no escritório do chefão, calçando tênis e enfiado num terno velho. O homem mediu-o de alto a baixo, e disse com voz grossa:

— Você é filho do Machado, aquêle que morreu no desastre, não é?

— Sou, sim senhor.

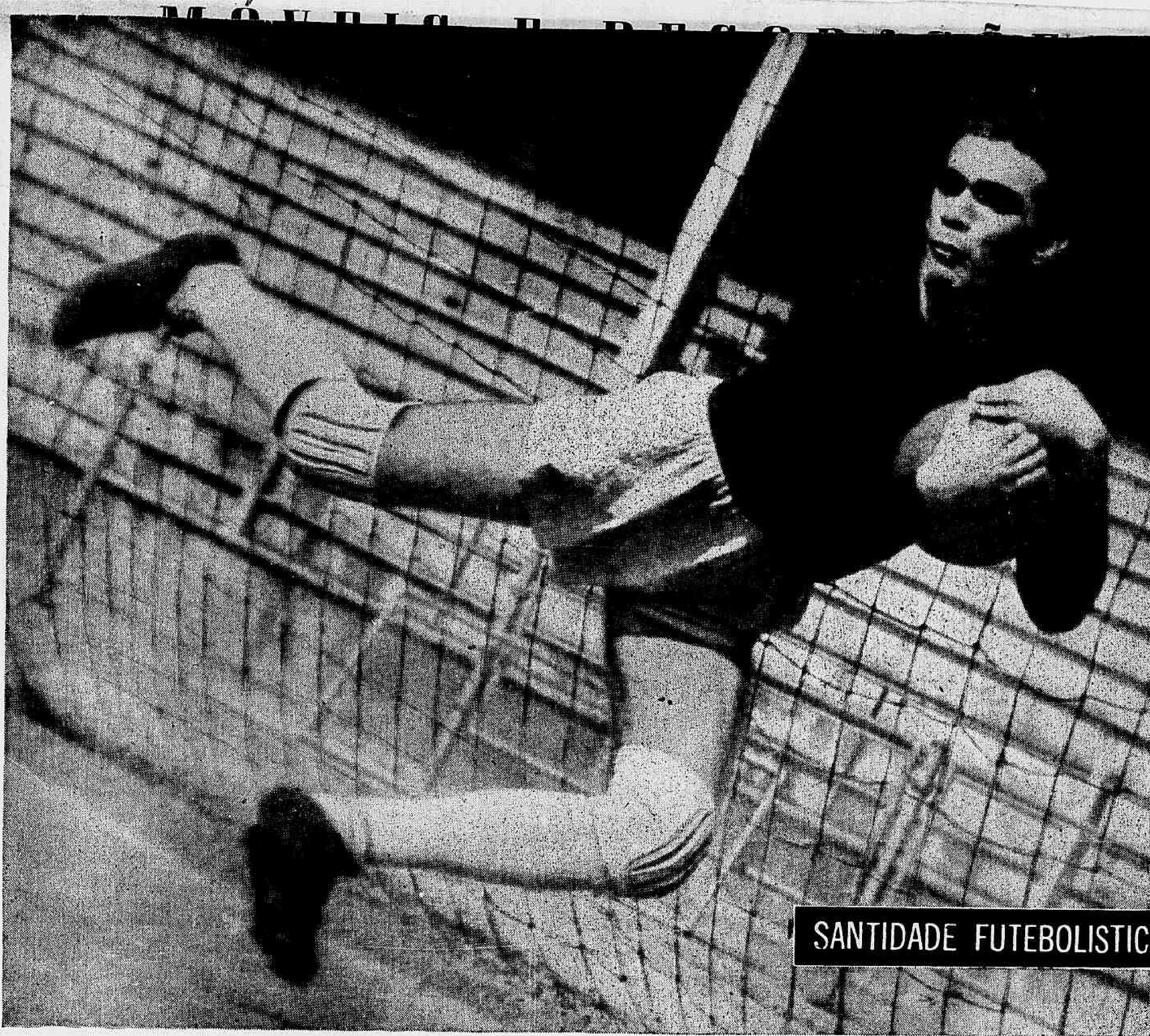
— Bem. Levando em consideração o nome de seu pai...

Deu-lhe um emprêgo. Mas que emprêgo! Precisava ter pernas de ca-

(Cont. na pág. 48)

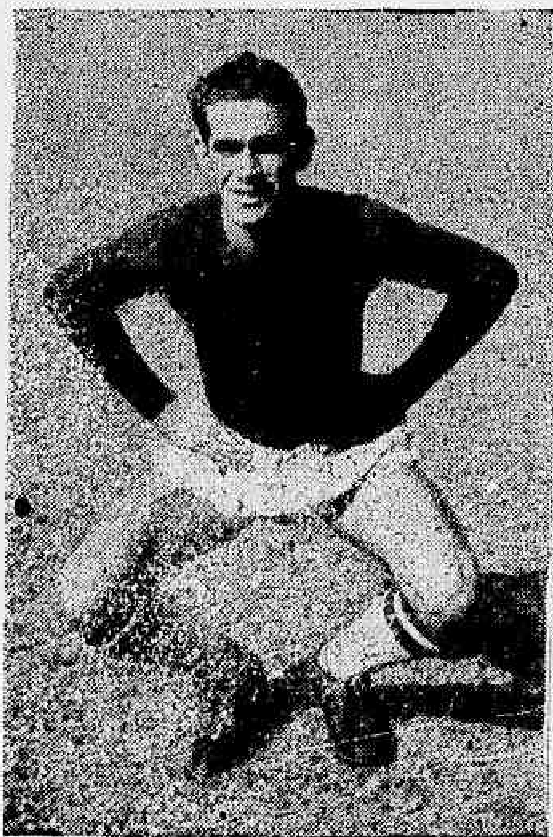
Conto de
Waldemar I. Fernandes

Ilustração ds
Abelardo Zaluar



CASTILHO AGARRA o balão no momento preciso, salvando um goal certo do ataque adversário. Suas intervenções oportunas lhe valeram no Fluminense um lugar na equipe

NEM "SÃO CASTILHO" É INFALÍVEL



GINÁSTICA especial para a flexão das pernas possibilita a um arqueiro elasticidade.

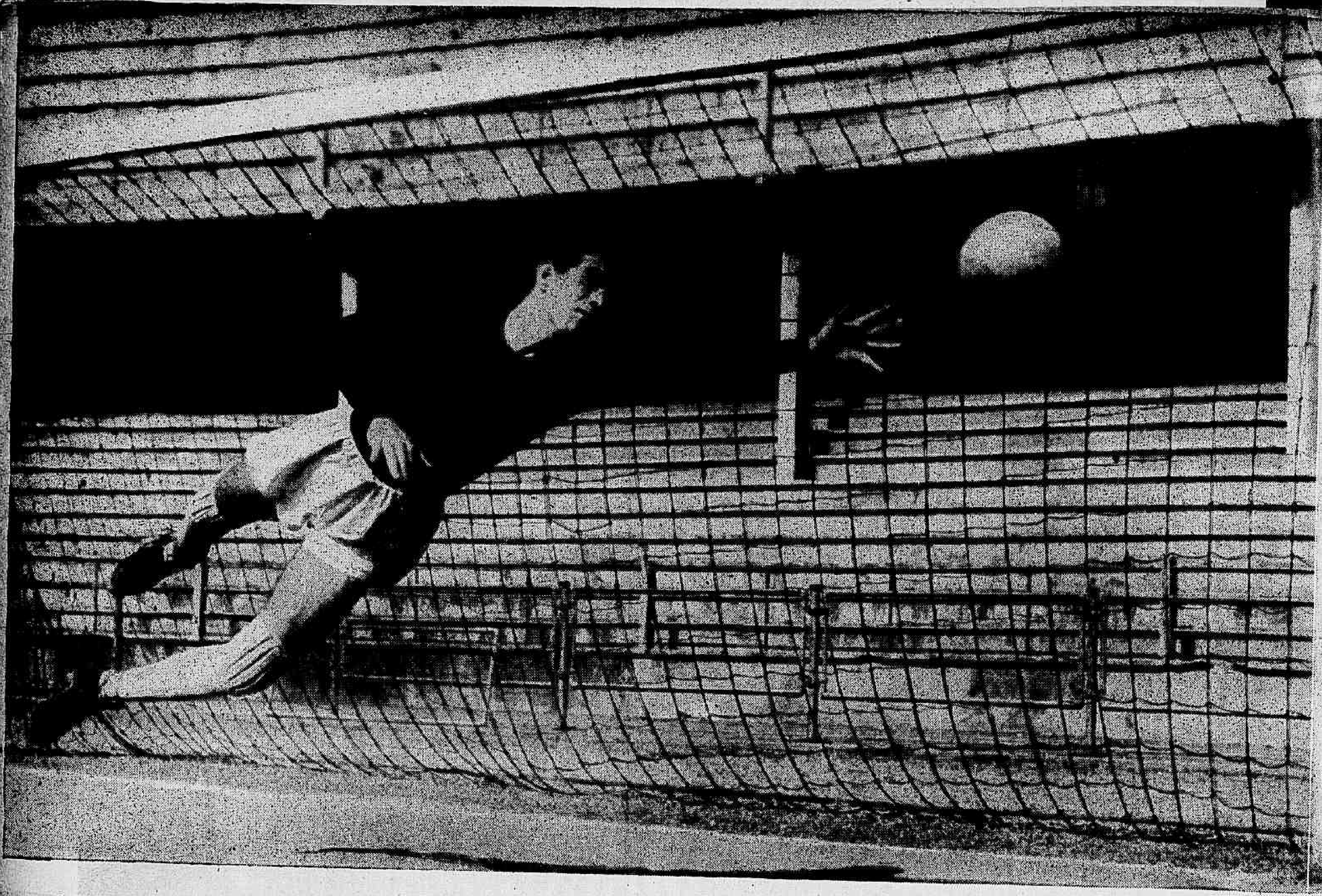
VARIAÇÕES MATEMÁTICAS EM TÔRNO DO GOAL ★ COMO SURGE UM SANTO NO FUTEBOL ★ DE EXTREMA-ESQUERDA A KEEPER ★ REFLEXÕES DE UM GOLEIRO SÔBRE TUDO QUE LHE PODE ACONTECER ★ QUANTO GANHA UM BOM ARQUEIRO ★ ASTROS PREFERIDOS

Reportagem de **LEVY KLEIMAN**

UM jornalista esportivo belga deu-se ao curioso trabalho de calcular quantas vêzes uma bola caberia na área delimitada pelo quadrilátero do "goal". Para obter o resultado desejado teve que realizar várias operações matemáticas. Assim a superfície do "goal" obteve multiplicando o comprimento da barra horizontal (7m 32) pela altura dos postes laterais (2m 44), obtendo um total de 17,86 cms. quadrados. Depois para obter o espaço da bola tomou o perímetro da mesma (70 cm) e dividiu por Pi (3,1416) a fim de obter o diâmetro do balão ou seja, 22,28 cm. Como a geometria nos ensina que a área dum círculo é igual ao produto de 3,1416 pelo quadrado do raio, e como no nosso caso o raio é 11,14 cm (metade do diametro) temos que a superfície projetada de uma bola de futebol é 11,14 x 11,14 x 3,1416 ou seja 389,64 centimetros quadrados. Fazendo uma simples operação de dividir, chega-se à conclusão de que a área ocupada por uma bola cabe 458 vêzes na área total da baliza. Existindo 458 oportunidades para uma bola entrar no "goal", o jornalista belga não podia compreender a dificuldade que os atacantes encontram para marcar um "goal" sequer em 90 minutos de uma partida. Esqueceu-se, porém, que futebol não é bilhar em que a tacada é calculada vagarosamente, e a bola rola num plano, ao passo que no futebol existem a marcação, a velocidade, as falhas do terreno, os ângulos



A MAIOR ATLETA tricolor, Helena Cardoso de Menezes, cumprimentada por Castilho.



ESPETACULAR DEFESA do goleiro tricolor, possibilitada pelos exercícios diários a que se submete. No flagrante, Castilho manda a bola a escanteio, em último recurso.

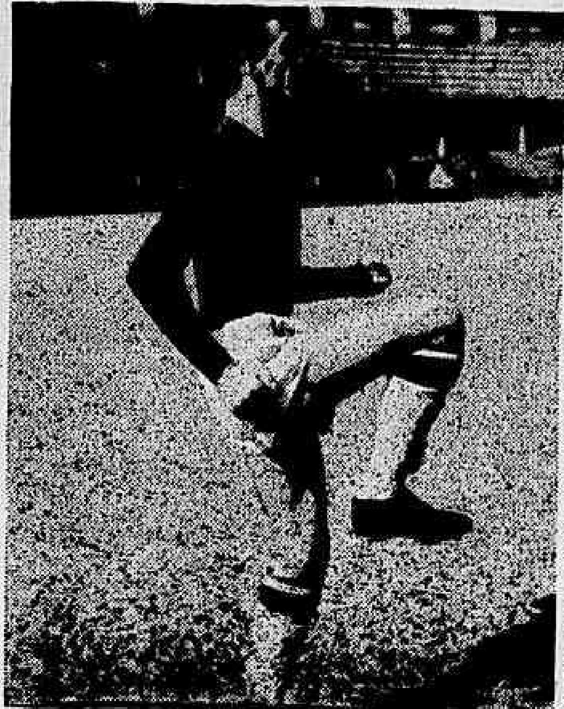
A FLEXAO DO TRONCO, juntamente com a cabeça, permitem a um arqueiro uma série de acrobacias nos instantes de perigo para o arco do Fluminense.

de colocação do chutador, e principalmente o keeper no arco, o qual com ligeira noção de geometria faz o impossível nesta ciência positiva, fecha o ângulo. Tudo isso, obstáculos que reduzem a zero as 458 possibilidades que a matemática assegura a um jogador de marcar um "goal". Na teoria dá tudo certo, mas na prática a matemática leva um chute. Principalmente se o goleiro fôr Castilho, um elemento que em inúmeras partidas jogou pelos seus 10 companheiros não permitindo que os avantes contrários alcançassem o máximo que se exige numa partida de futebol: "goals", graças ás suas oportunas intervenções.

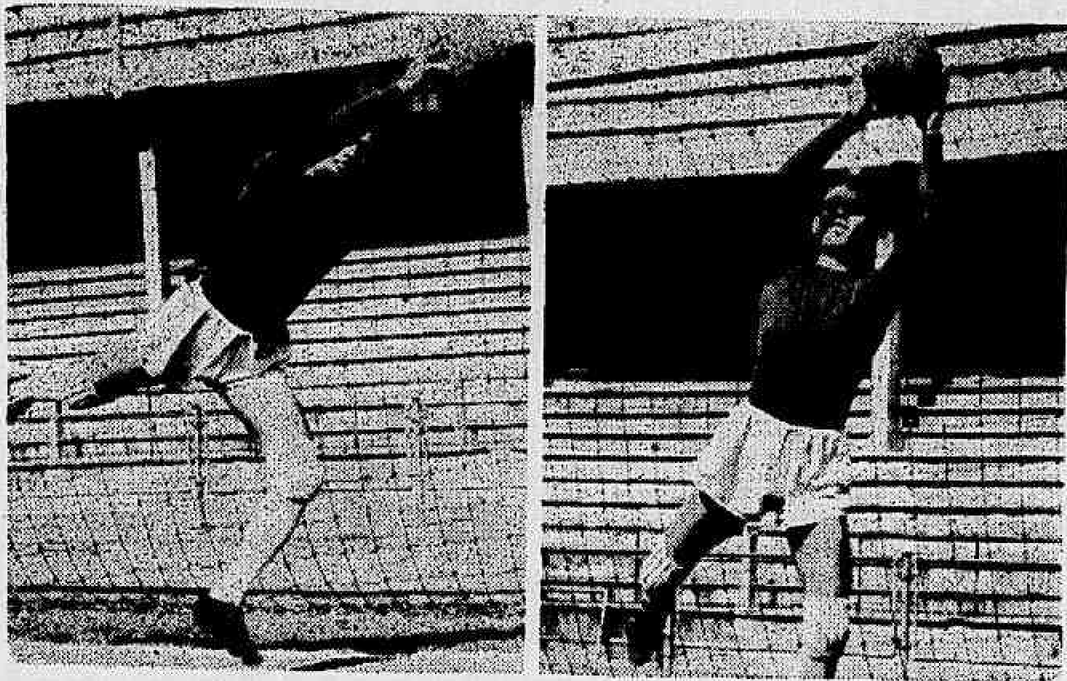
"SÃO CASTILHO"

Na gíria futebolística, tão rica em neologismos e em têrmos que a torcida, os locutores e jornalistas especializados abrasileiraram dos originais inglêses, que deu para Leonam Pena elaborar um pequeno dicionário do futebol, recentemente editado, chama-se de "santo", a um keeper que faz milagres no arco, defendendo bolas com endereço certo, e que apesar de uma pressão constante do time adversário consegue deter repetidas vêzes a trajetória fatídica do balão de couro, enfim, que com o seu esfôrço extraordinário entre aquêles 7 metros e 42 centímetros por 2 metros e 44 centímetros, com 458 chances contra 20, consegue salvar o seu clube da derrota. No ano passado, quando o Fluminente atravessou um período infeliz, Castilho foi a grande figura do time, e as suas sensacionais atuações salvaram, em várias oportunidades o clube tricolor de derrotas por escores alarmantes, do que lhe valeu entrar para

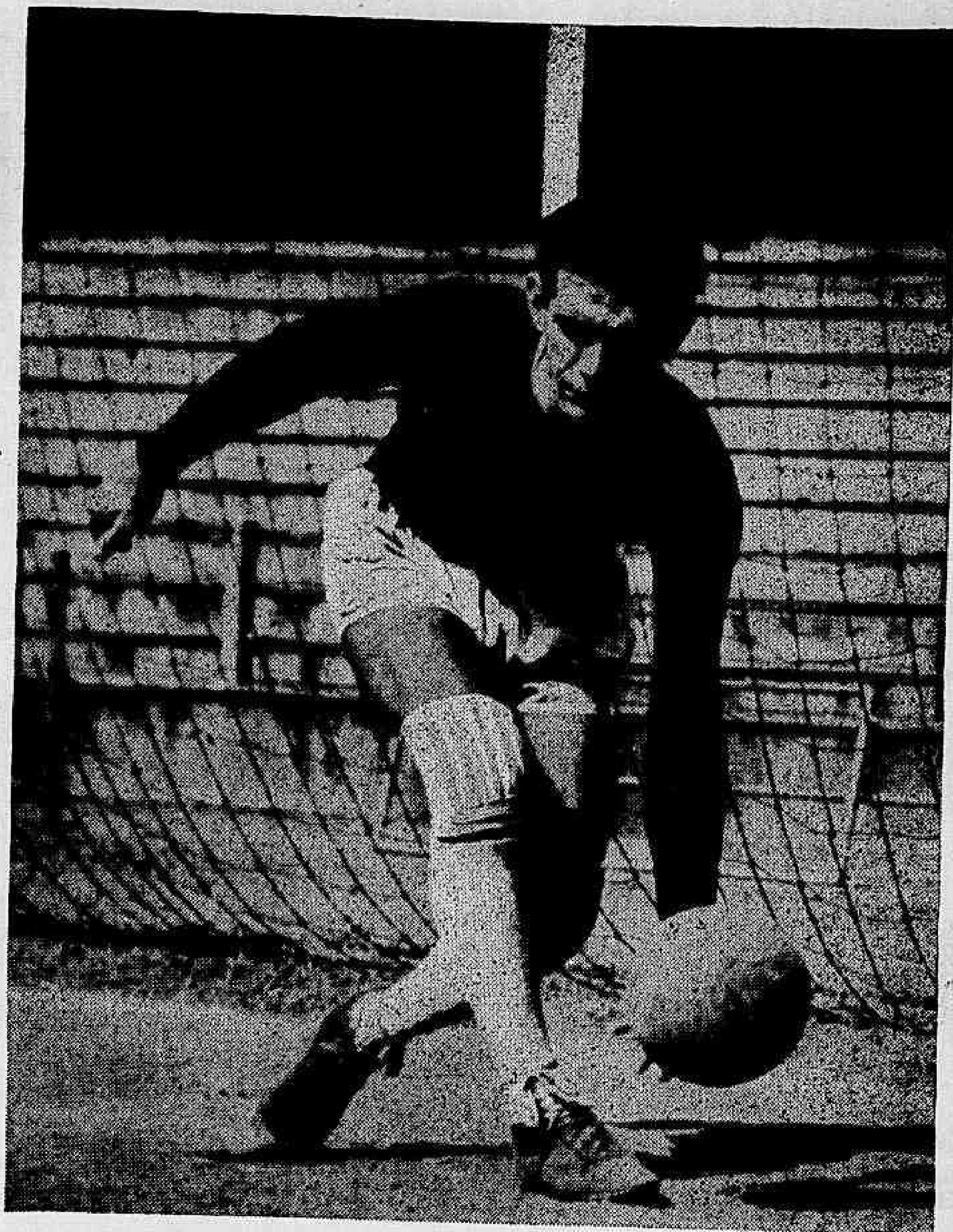
MAIS DOIS EXERCÍCIOS que Castilho considera importantes na preparação de um goleiro. À esquerda, quando a mão falha, o pé entra em ação. À direita, para evitar «frangos».







DEFENDER DE qualquer maneira, eis a missão de um goleiro. Fechando os ângulos, confiando nos golpes de vista, e na fôrça dos punhos, Castilho evita a entrada da bola.



a santidade futebolística, com o nome de "São Castilho".

O DESTINO MUDA A POSIÇÃO

Um dos mais queridos ídolos da torcida do elegante clube das Laranjeiras, Castilho não começou a sua carreira de futeboler como goleiro. Iniciou-a no ataque atuando de ponta esquerda, ás vêzes de centro avante. Um dia, num torneio, o goleiro do seu time machucou-se, e êle foi para o arco. Gostou da posição e ficou.

O jovem arqueiro nasceu em São Cristóvão a 27 de novembro de 1927, e desde menino gostou de futebol. Começou na "pelada" em Bonsucesso. Em 1945 ingressou no futebol oficial defendendo as côres do Olaria. Em 46 ingressou no Fluminense na qualidade de não amador. Em 47 passou para o time titular onde continua até hoje. Foi campeão do Torneio Municipal de 48, vice-campeão do mesmo torneio em 49 e campeão carioca de aspirantes em 48. Tem 1 metro e 81 centimetros de altura e acha que os goleiros devem ser atletas altos. Pesa 74 quilos, pêso que acha ideal para um goleiro que precisa ás vêzes de realizar saltos acrobaticos para levar a bom têrmo a sua missão, impedir que a bola entre no arco.

FILOSOFIA ENTRE OS POSTES DO "GOAL"

Castilho considera como atacantes mais perigosos, Ademir, Zizinho e Maneca.

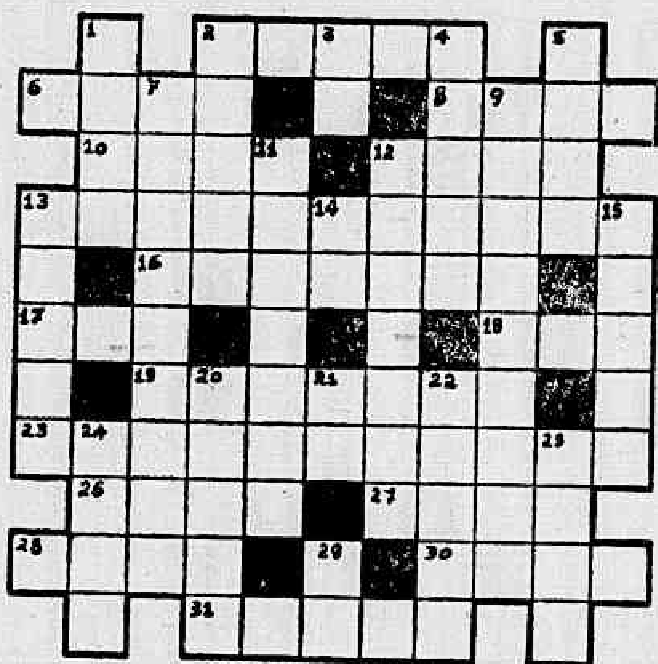
VEJAM COMO É espinhosa a missão de um «keeper». Tem que impedir a entrada da bola num retângulo de 7m34 de largura por 2m44 de altura 400 chances contra uma defesa.

AGARRAR O petardo de um artilheiro, desferido à distância ou à queima-roupa, já constitui uma tarefa difícil com os dois braços, quanto mais defender com um só.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 71 -- PARA VETERANOS



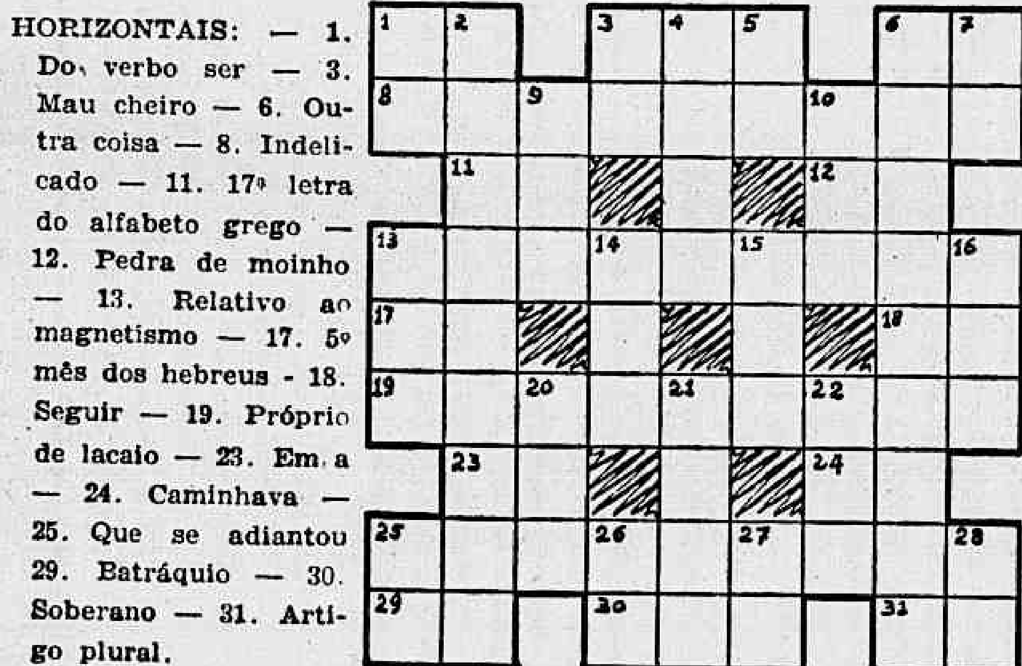
HORIZONTAIS: — 2. Falta de energia — 6. Aposento, estância — 8. Oportunidade — 10. Indígenas da tribo aruaque do rio Cassiquiare — 12. Antigo tributo — 13. Devaneia — 16. Pequenas cavidades — 17. Atarracado — 18. Filho de Troô, rei de Troia — 19. Acanhadas — 23. Filhotes de baleia com mais de seis meses, mas que ainda, mamam — 26. Vela que nos ofícios da Semana Santa ocupa o vértice do candieiro triângular — 27. Moeda grega — 28. Manifestação individual de doença — 30. Nome atual de Cristiânia — 31. Livres.

VERTICAIS: — 1. Relógio de algibeira — 2. Estado patológico — 3. Medida japonêsa de extensão — 4. Esqueço — 5. Indígena da tribo que habitava os sertões situados entre o Araguaia e o Xingu — 7. Discussões importunas — 9. Que aderem — 11. Subdivisão mais antiga do sistema geogênico da era cenozoica — 12. Alcunha — 13. Gostas muito — 14. Vila da Itália (Piemonte) — 15. Calambuco — 20. Nome dado à flauta pelos gregos (pl.) — 21. Sufixo diminuitivo — 22. Macaco da América (pl.) — 24. (Diogo de) Escultor espanhol do século XVI — 25. Deus dos ventos — 29. Gênero de árvores da família das Coníferas.

★

PROBLEMA N. 71 -- PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Do verbo ser — 3. Mau cheiro — 6. Outra coisa — 8. Indelicado — 11. 17ª letra do alfabeto grego — 12. Pedra de moinho — 13. Relativo ao magnetismo — 17. 5º mês dos hebreus - 18. Seguir — 19. Próprio de lacaio — 23. Em a — 24. Caminhava — 25. Que se adiantou 29. Batráquio — 30. Soberano — 31. Artigo plural.



VERTICAIS: — 1. Preposição — 2. Repreensão — 3. Antes de Cristo — 4. Do verbo criar — 5. Grito de dor — 6. Um tanto doce — 7. Tecido finíssimo — 9. Abreviatura de logarítmo — 10. Aranha amazônica — 13. Moléstias - 14. Despedida - 15. Pássaro da família dos Tanagrídeos — 16. Rezo — 20. Vai ao chão — 21. Nome de mulher — 22. Fecha as asas para descer mais depressa — 25. Atmosfera — 26. Aparência — 27. Variação pronominal — 23. Artigo plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 70 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Acará — Talas — Lã — Arnab — Da — Marabús — Eta — Ibo — Oba — Sarco — Saros — Bur — Bom — Sumia — Cocar — Mab — Fra — Asa — Iriemos — Ru — Alfas — Fi — Uiqué — Lajem.

VERTICAIS: — Alfes — Cã — Raa — Arrió — Tabos — Abu — Ad — Sacas — Nab — Marumbi — Sorocas — Tábua — Bomas — Çri — Abo — Smiru — Afile — Camal — Ratim — Ref — Rau — Osa — Ui — Fé.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Arribar — Cria — Uauá — Ei! — Pôr — Ir — Lamaceira — Ar — Lá — Irritarei — Ri — Gad — Ab — Ocra — Orça — Obsesso.

VERTICAIS: — Aria — Ri — Raparigas — Burelados — Aa — Ruir — Celeiro — Araribá — Oc — Mar — Iar — Rico — Ta! — Eaco — Rb — Rs.

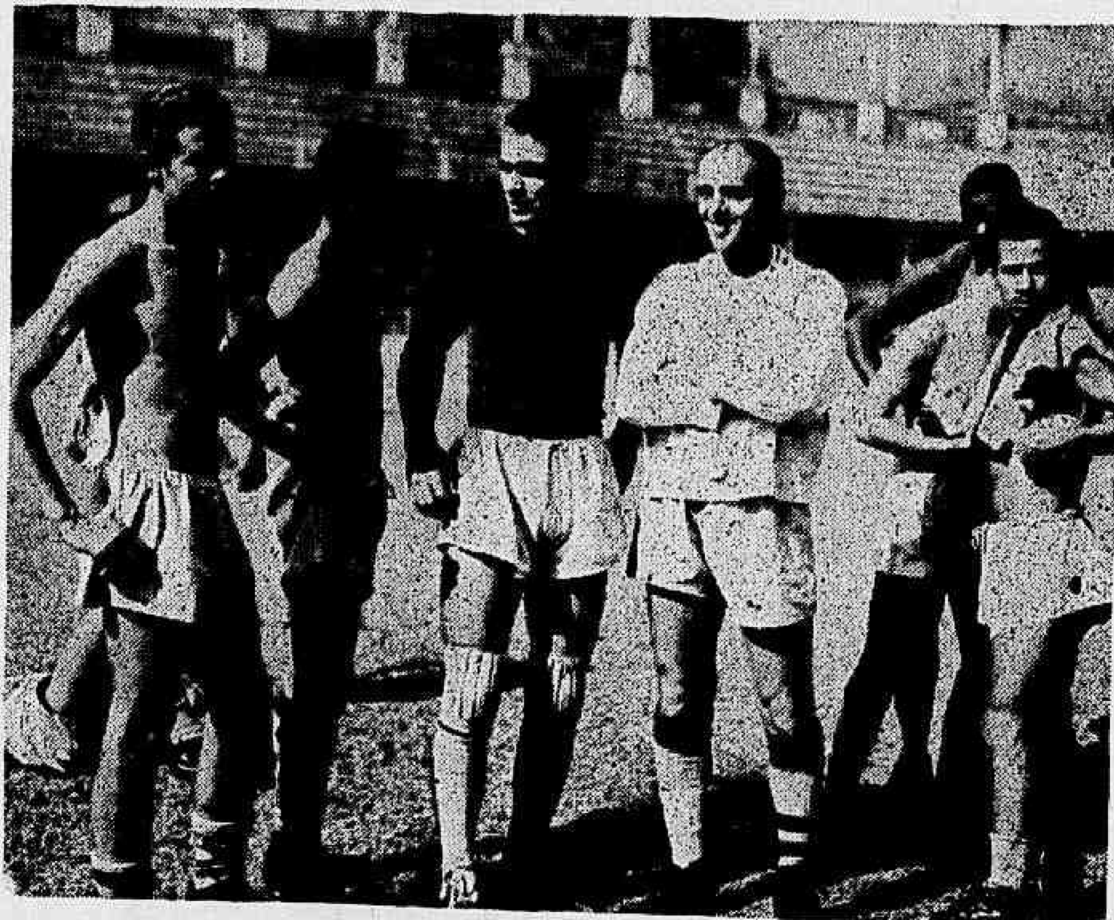
Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.



ATÉ DO GOLEIRO suplente, Castilho tem que se defender. Ei-lo disputando o couro com Veludo, o arqueiro «colored» dos aspirantes tricolores, uma constante ameaça ao seu lugar.

Admira o seu colega de posição, Barbosa, do Vasco. O kiper que lhe serviu de modêlo foi o goleiro que durante muitos anos ocupou o seu atual pôsto no Fluminense, o grande Batatais, outro "santo" que realizou milagres no arco tricolor. A defesa mais bonita no seu vêr, é a que defende com firmeza. Não teme os chutes de perto nem de longe. Não vê diferença em perigo entre uma cabeçada e um chute. Quanto ao metodo de fechar o ângulo, usa os que todos os goleiros adotam, mas não revelou o instante psicologico em que coloca a chave na fechadura do goal. Não acha que um kiper trabalhe nem mais nem menos que os demais elementos móveis de um time, póis depende das circustâncias de um jôgo. Entre um jôgo na chuva e um tempo sêco, considera mais difícil a primeira hipotese, dado o terreno ficar escorregadio, e impedir a precisão nas defesas. Acredita que o técnico influêncie com os seus conse-

(*Continua na pág.* 48)



OUVINDO AS INSTRUÇÕES técnicas de Zezé Moreira, o renovador da equipe tricolor, que lhe tirou todo o pêso de responsabilidade de salvador de derrotas em 1950.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

15 — TRABALHADORES DO BRASIIIIIIIL





NINGUEM QUER SER BOMBEIRO

NOVENTA E CINCO ANOS festejou o Corpo de Bombeiros recentemente e a maioria do povo não pôde tomar conhecimento do fato que merecia grande repercussão. Aqui está um detalhe das festividades feitas quase na intimidade, mostrando o sargento Jarbas num salto em trampolim. Vamos preparar grandes homenagens aos bombeiros para o centenário?

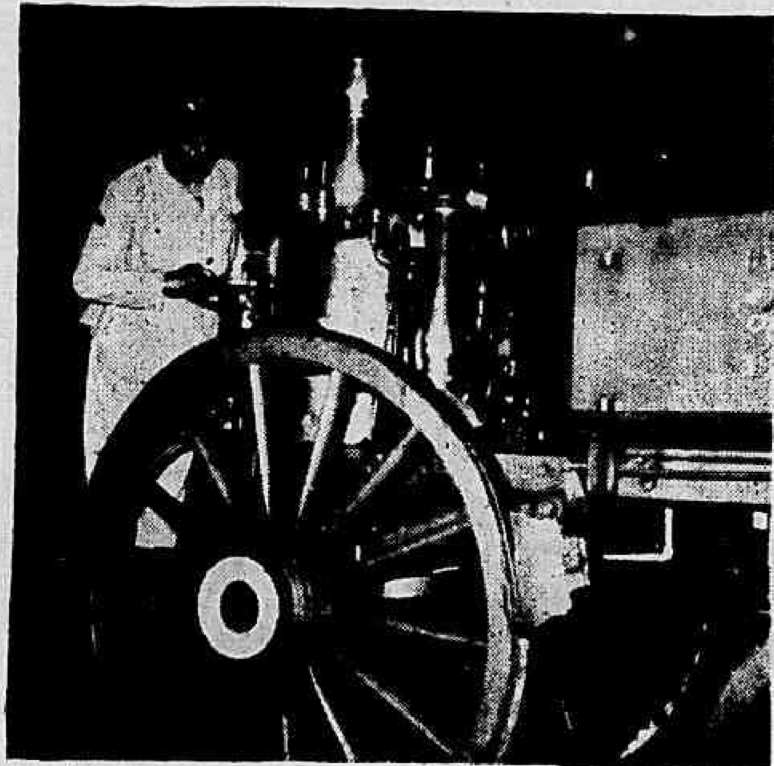
VINTE CRUZEIROS POR DIA

PARA APAGAR INCÊNDIOS

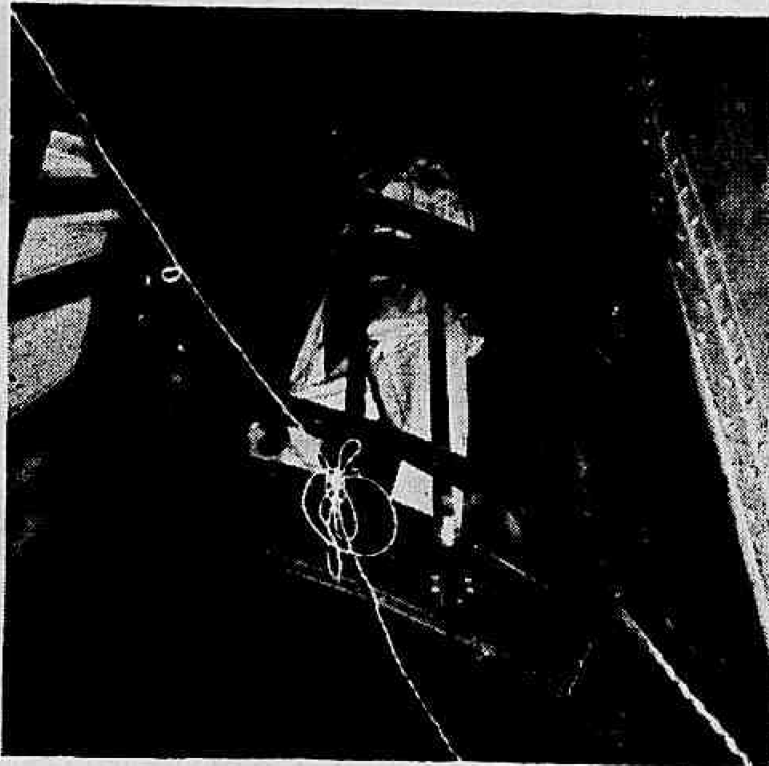
É QUANTO GANHAM OS HERÓICOS SOLDADOS DO FOGO ★ CURTA VERBA, POUCA GENTE E DEFICIÊNCIA DE MATERIAL, EIS A SITUAÇÃO A QUE CHEGOU A GLORIOSA CORPORAÇÃO ★ SEISCENTOS MIL CRUZEIROS POR ANO QUANDO PRECISA DE MILHÕES PARA EQUIPAR-SE COM EFICIÊNCIA

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

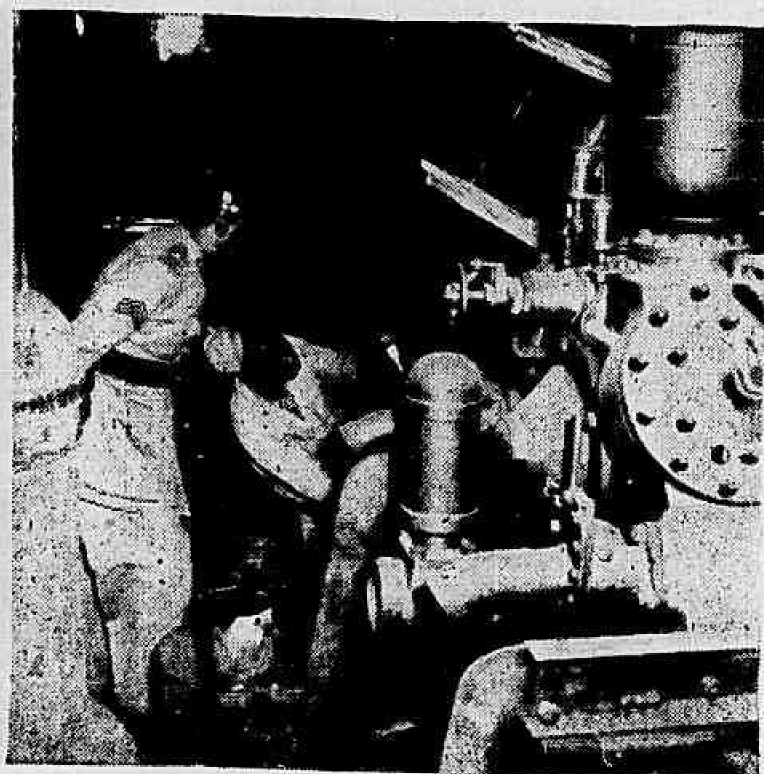
QUANDO transpomos os portões do Quartel Central do Corpo de Bombeiros, vamos animados da intensão de trazer ao conhecimento do leitor a faina diária dêsses denodados soldados, que têm por missão salvaguardar a vida e os bens dos habitantes desta cidade. Queremos colher, no contato íntimo com êsses apóstolos do bem, alguns momentos de emoção mais forte, algo que nos diga mais do que o pouco que podemos observar, quando êles passam curvados em seus carros em disparada, ou nos fugidos momentos da visão dos incêndios. E o que presenciamos, excedeu a espectativa. Naquele Quartel, que já é, por si, um raro monumento arquitetônico, ha também uma verdadeira epopéia de bravura, dedicação e heroismo, na tarefa diária de aperfeiçoamento profissional em que se empenha aquêle pugilo de bravos, como que nunca satisfeitos com o grau de adestramento atingido.



UM DOS PRIMITIVOS carros de apagar incêndio, usados quando o socorro era feito ainda com veículos de tração animal.



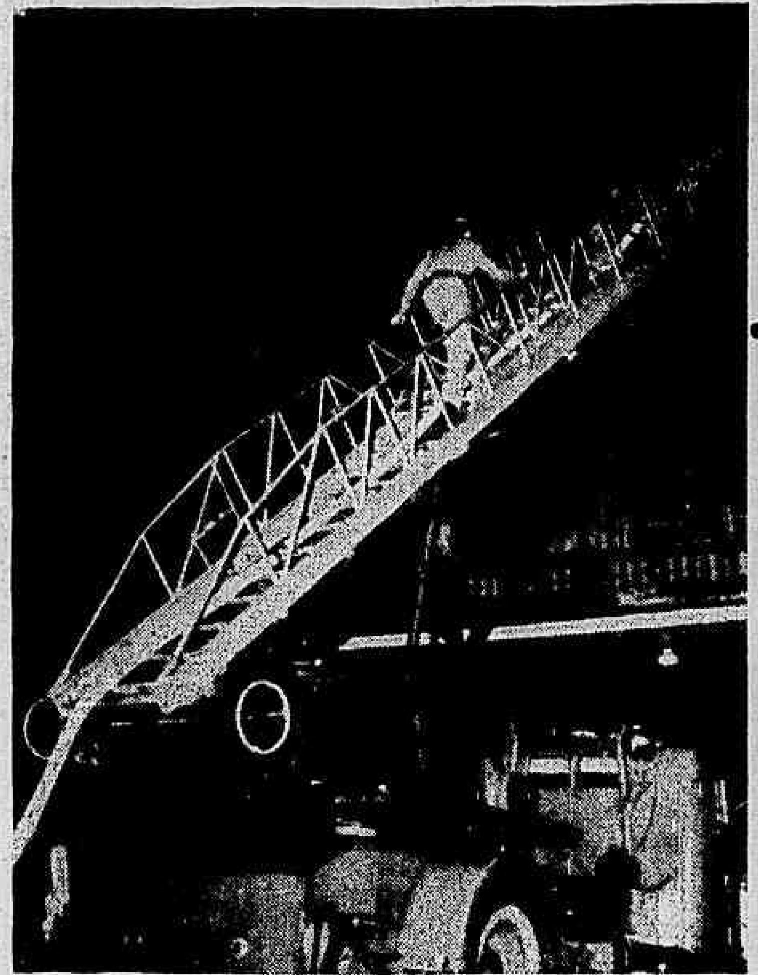
POR ESSA ESCADA de caracol, os bravos rapazes sobem e descem, vertiginosamente, quando se escuta o sinal de alarme.



O TRABALHO DOS bombeiros não consiste apenas em atacar as labaredas: êles são pau para tôda obra, dentro do quartel.

SÃO BRAVOS, DESPRENDIDOS da própria vida, prestam socorros de tôda natureza — mas ganham vinte cruzeiros por dia...

N'NGUÉM QUER SER BOMBEIRO



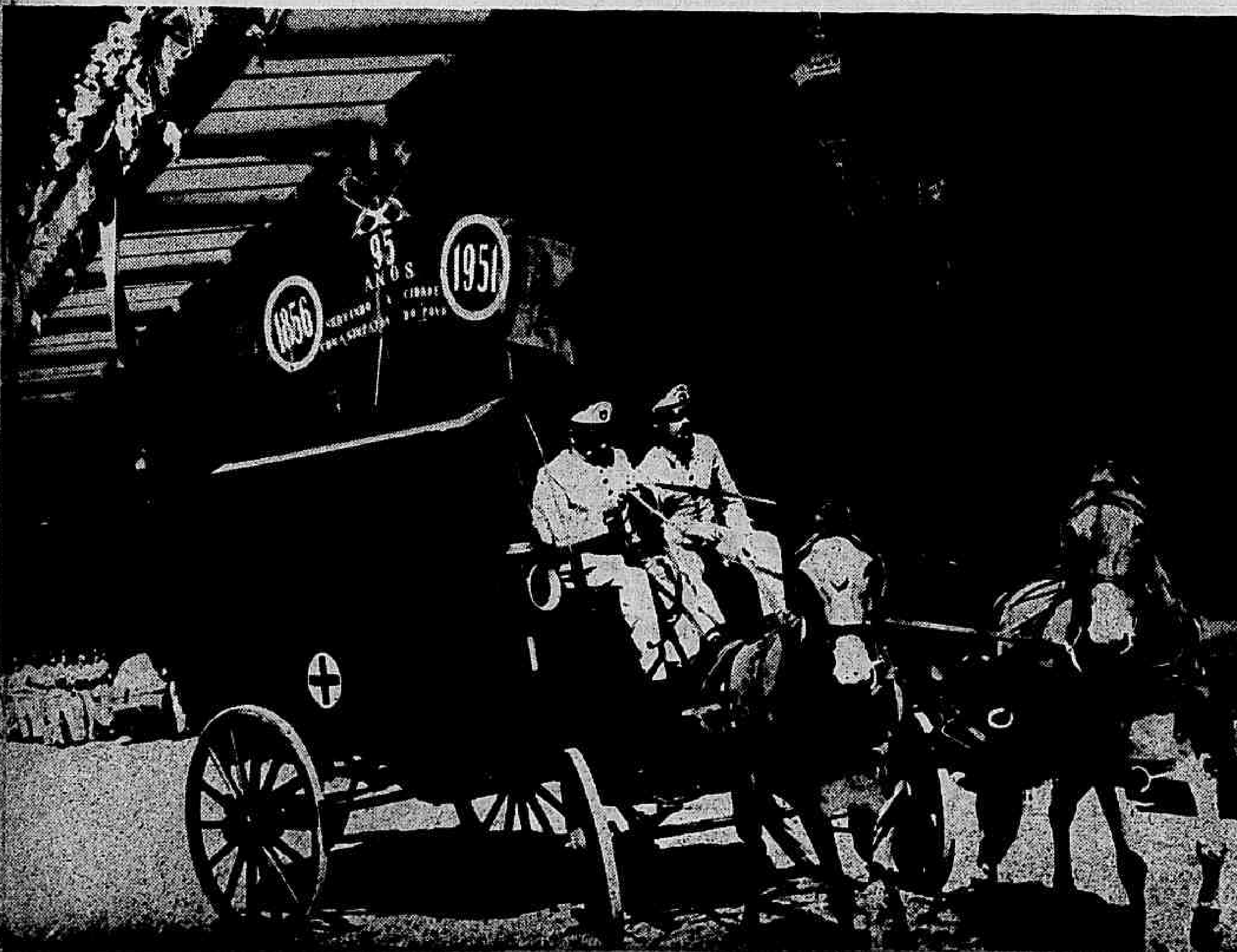
DO ARQUIVO da corporação, reproduzimos êstes flagrantes de alguns
socorrer as vítimas do fogo em plena Avenida Rio Branco; ao centr
bombeiros no fogo da S

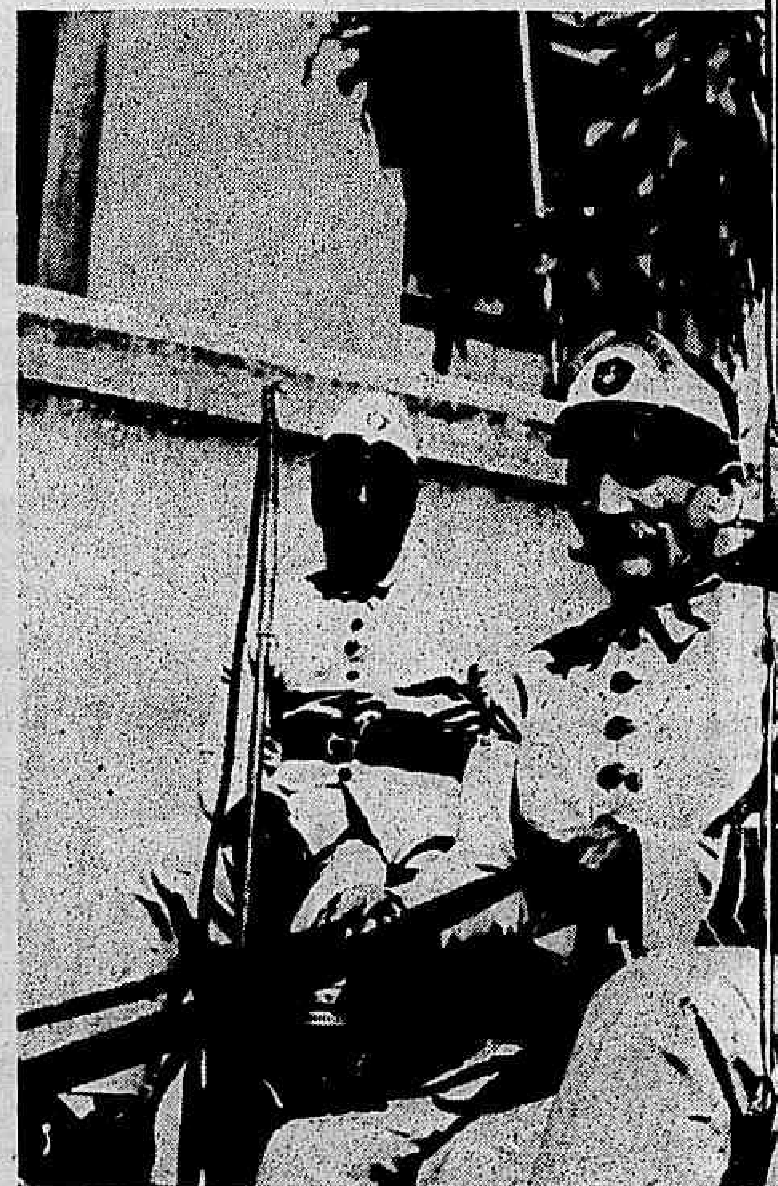
Os exercícios diários constituem algo de inacreditável, pois nêles é o homem pôsto em contato com os mesmos riscos que enfrentará empenhando-se na extinção de um incêndio, num salvamento ou em outro tipo de operação inherente à Corporação. Os soldados do fogo penduram-se no espaço, pendentes de uma corda, ou escalam alturas de dezenas de metros, em uma tôrre de exercícios, utilizando apenas uma frágil escada que mal parece sustentá-los... E tudo, naturalmente, como rotina.

As horas corriam como se fossem minutos, pois a cada instante ficava-mos em suspenso ante o sangue frio, destreza e perícia com que os exercícios se sucediam. Mal podíamos, mesmo, compreender as palavras do Coronel Henrique Delfino Sadok de Sá, digno Comandante Geral da C poração, que gentilmente nos servia de g naquele torvelinho de emoções fortes.

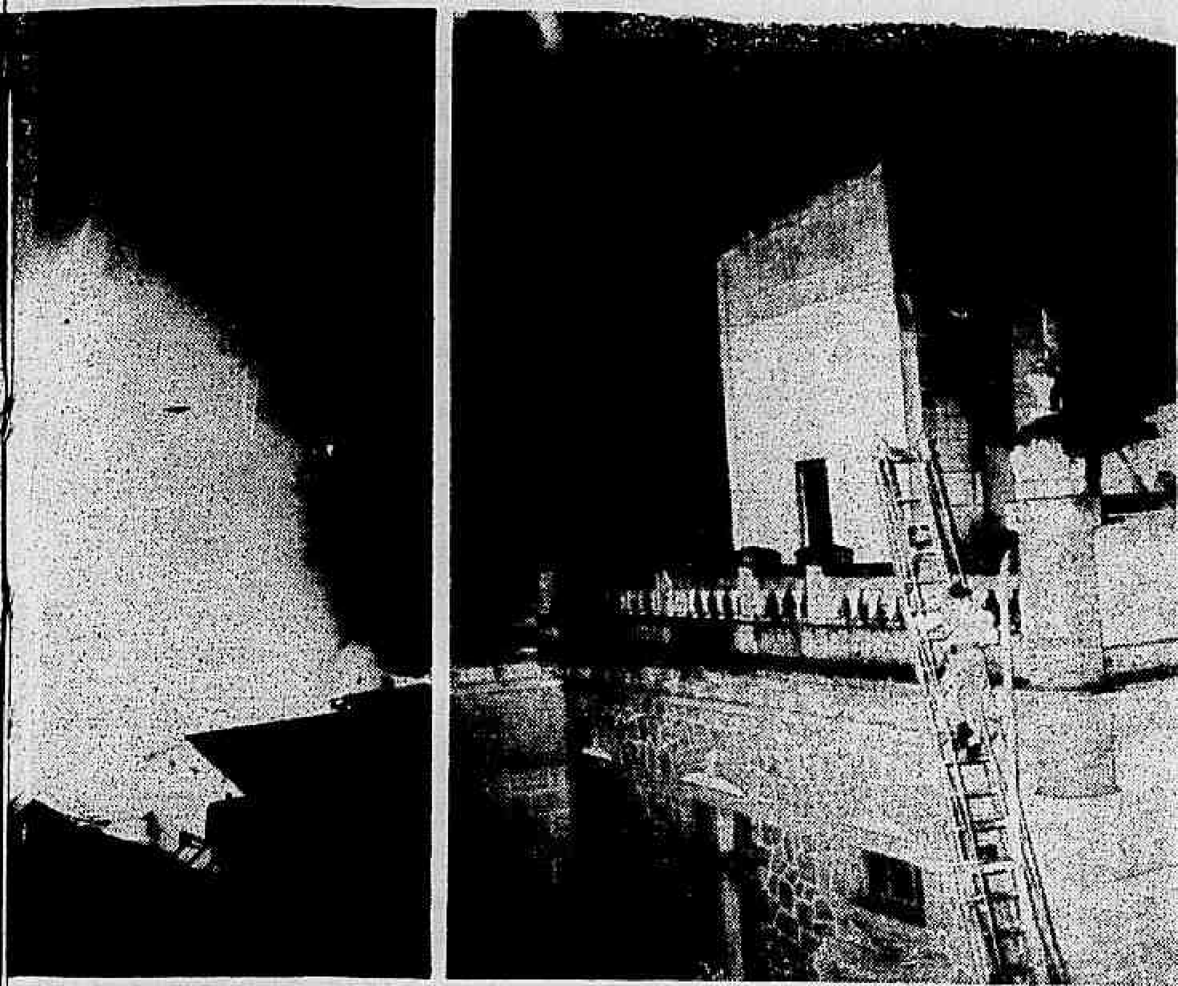
Quando nos demos conta, terminava horário matinal de instrução e, pros guindo o ciclo diário da caserna, está mos em plena hora do *rancho*, a hora almôço, para nós civis. Fomos com os dados ao seu refeitório. A alimentação farta, de boa qualidade e variada. Qua ao número diário de refeições, verifica que às 6,30 horas é servido café com le pão e manteiga; às 10,30, almôço, c tando de 4 pratos diversos; às 16,00, tar, da mesma forma que o almôço, e 19,30, ceia, constando de café e leite, e manteiga. Imaginamos que o oficial carregado dêsse serviço deve operar

ÊLES DESFILARAM, GARBOSOS, com o pavilhão ›acional desfraldado ao vento, no dia 2 de julho, data comemorativa da fundação que maiores simpa ias infunde, e muito justificadas. Mas o leitor soube algo dêsse contecimento?





ERAM ASSIM os bombeiros do passado. Episódios que
animais que andavam sempre amestrados e até com os b



...mosos incêndios da cidade: A esquerda, a escada Mangirus ao ser erguida para ... o belo-horrível de um incêndio, em 1949, no Beco do Bragança, e à direita, os ...úde Pública, no mesmo ano.



AINDA NAS festividades do 95º aniversário do Corpo de Bombeiros: O comandante geral, coronel Henrique Sadok de Sá, passa em revista a oficialidade, no páteo do quartel-general, com tôda a tropa perfilada junto aos veículos.

dadeiros milagres, pois ao que nos foi informado, a diária para a alimentação é de Cr$ 12,80 por soldado.

O LADO TRISTE DA HISTÓRIA

Assombra ao leigo na matéria a falta de recursos pecuniários de vencimentos com que lutam êsses homens. Têm por prêmio ao risco diário da própria vida apenas a satisfação do dever cumprido, além dos parcos vencimentos que lhes assegura deficitàriamente a vida de suas famílias.

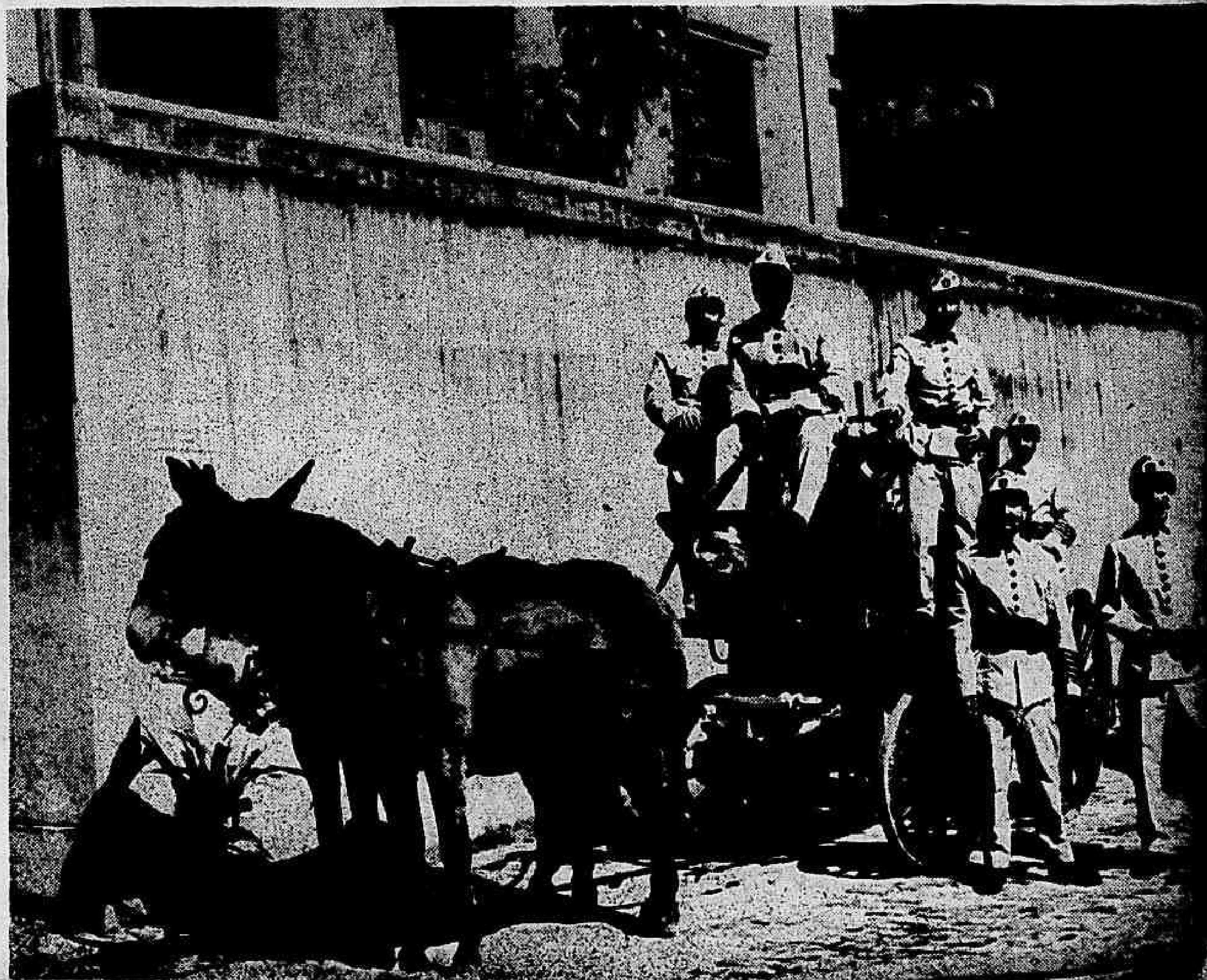
Um bombeiro ganha em média Cr$ 600,00 mensais. Êsse o valor estimado para cada uma das vidas... Nada mais têm como recompensa ao perigo da carreira que abraçaram.

A' Guarda Municipal, criada na gestão do Prefeito Pedro Ernesto, já tem um efetivo de alguns milhares de homens, e o seu ordenado inicial é de Cr$ 1.950,00 mensais. São considerados funcionários públicos e como tal gozam de todos os direitos e regalias de servidores públicos do país.

O atual Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares nenhum benefício trouxe aos soldados e cabos do Corpo de Bombeiros, com menos de 5 anos de serviço, o que nada amenizou a sua situação. Nem sequer a gratificação, dada a todos os que trabalham com risco de vida e de saúde, lhes foi aplicada. Ora, ninguém poderá ter estímulo em ser bombeiro, dedicando-se à causa pública, sem que para isso possa viver condignamente e dar um relativo con-



...e os rapazes evocaram êste ano, com os veículos da época, os ...bigodes muito em moda nos bons tempos. Que belos bigodes!





QUANDO O CORNETEIRO-MÓR, 2º sargento Agenor Lemos Mesquita, dá o alarme, tôda a tropa se movimenta. Fogo! Em poucos minutos ela estará chispando... Em baixo, salto mortal executado por uma das praças. Elas precisam adestrar-se para tôdas as emergências.



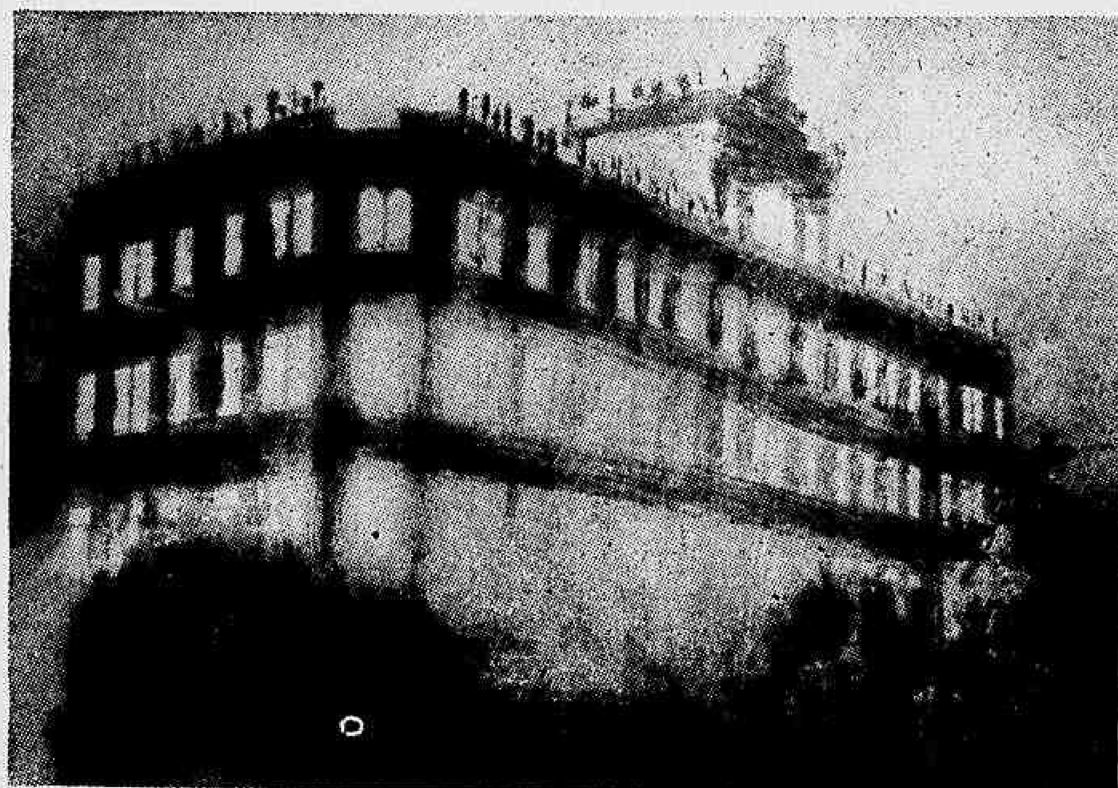
fôrto à sua família. Por esta razão ninguém fica no Corpo de Bombeiros por mais de 4 anos, que é o tempo que o soldado se obriga a servir, quando verifica praça, a não ser os que deixaram a sua mocidade enterrada na Caserna. Após 5 anos de serviços, pelo Código de Vencimentos, um bombeiro passará a ganhar mais Cr$ 60,00 mensais, correspondente ao abono militar e, ao completar 15 anos de trabalho consecutivos, mais Cr$ 60,00 correspondente a 10 % de seus vencimentos, perfazendo, assim, um total de Cr$ 120,00 decorridos 15 longos anos de trabalho.

Para que se tenha uma idéia das gratificações dadas às praças especializadas do Corpo, citamos a do empregado de hidrantes, uma das principais especialidades, função de grande responsabilidade, pois exige o conhecimento de tôda a rêde hidráulica e de tôdas as localizações dos hidrantes de incêndio de sua área. Para o de 1.ª clásse — Cr$ 40,00 mensais; para o de 2ª Cr$ 30,00 e para o de 3ª Cr$ 20,00.

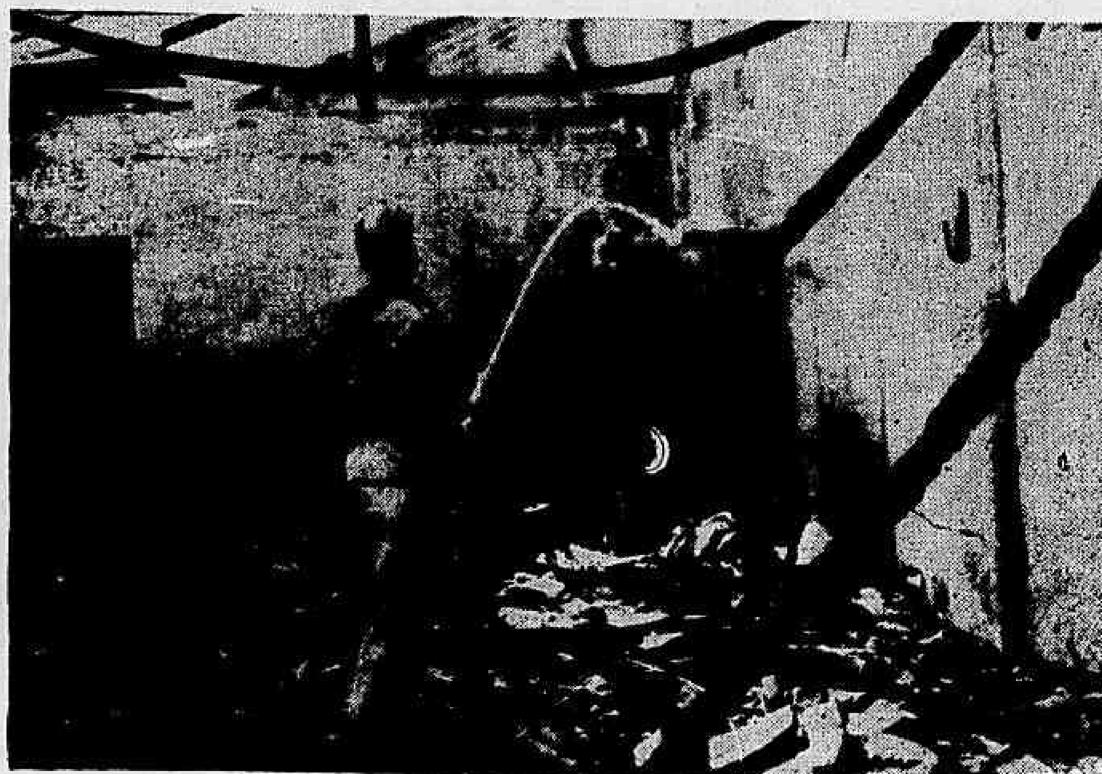
Os bombeiros não têm a vida segurada pelo Estado. Por concessão da Cia. de Seguros Sul América, êles são segurados coletivamente, pagando anualmente os seus próprios seguros, para arriscarem as vidas no exercício da profissão. O seguro para os soldados e cabos é de Cr$ 20.000,00, no caso de falecimento; de Cr$ 30.000,00 para os sargentos, e de Cr$ 50.000,00 para os oficiais.

A dotação do pessoal da Corporação é simplesmente exígua. A totalidade da guarnição, incluindo oficiais, é composta de 1.282 homens, que assumem a responsabilidade do contrôle da extinção de incêndios terrestres e marítimos, salvamentos e proteção em incêndios e acidentes, e ainda o conhecimento atualizado da rêde hidráulica de consumo geral, e isso em tôda a área do Distrito Federal. Os Quarteis — postos que tem a seu cargo áreas correspondentes, estão lotados com 8 homens, incluindo os graduados, desdobrando-se na tarefa ingente de não deixar cair o coeficiente de produção normal de uma guarnição que a pleno efetivo contava 14 homens. E o fazem, em que pése o enorme dispêndio de energia nessa tarefa de se superarem a si próprios. A cidade foi crescendo, a população multiplicando-se e o Corpo de Bombeiros quedou imobilizado, com o mesmo efetivo que possuia há 10 anos atrás. O mesmo efetivo, os mesmos vencimentos insignificantemente aumentados, incompatíveis com o padrão de vida atual.

As conseqüências têm-se refletido desastrosamente sôbre a vida da Corporação. Inúmeros são os claros existentes, decorrentes do nenhum atrativo pecuniário oferecido por uma profissão de sacrifícios. Os possíveis candidatos recuam ante o obstáculo intransponível. Os bombeiros que terminam os seus períodos de tempo que se obrigaram a servir, como já foi dito, dão baixa, desanimados pela falta de amparo social que receberam no exercício de tão espinhosa profissão. Em virtude dessas numerosas baixas, os soldados, que normalmente têm um dia de prontidão e outro de folga, vêem-se obrigados a tirar, às vêzes, 2 dias de



LEMBRAM-SE DAQUELE grande incêndio da casa Dias Garcia, na Avenida Venezuela? Aqui está uma visão hoje no arquivo.



E MESMO DEPOIS DE abafado o fogo, ficam as turmas de rescaldo, sempre com a mangueira a postos. Trabalho duro!

serviço. Entretanto, êsses homens, que têm seus momentos de lazer e de descanso completamente sacrificados em prol do bem da causa pública, ao invés de serem recompensados, são ainda prejudicados, pois têm que descontar de seus parcos vencimentos a alimentação que fazem, perdendo assim Cr$ 12,00 cada dia de dobra de serviço.

Não tendo amparo em leis humanas que tornem amenas as suas vidas, os bombeiros, quando vitimados por certas doenças oriundas ou conseqüentes de sua profissão, sofrem muito.

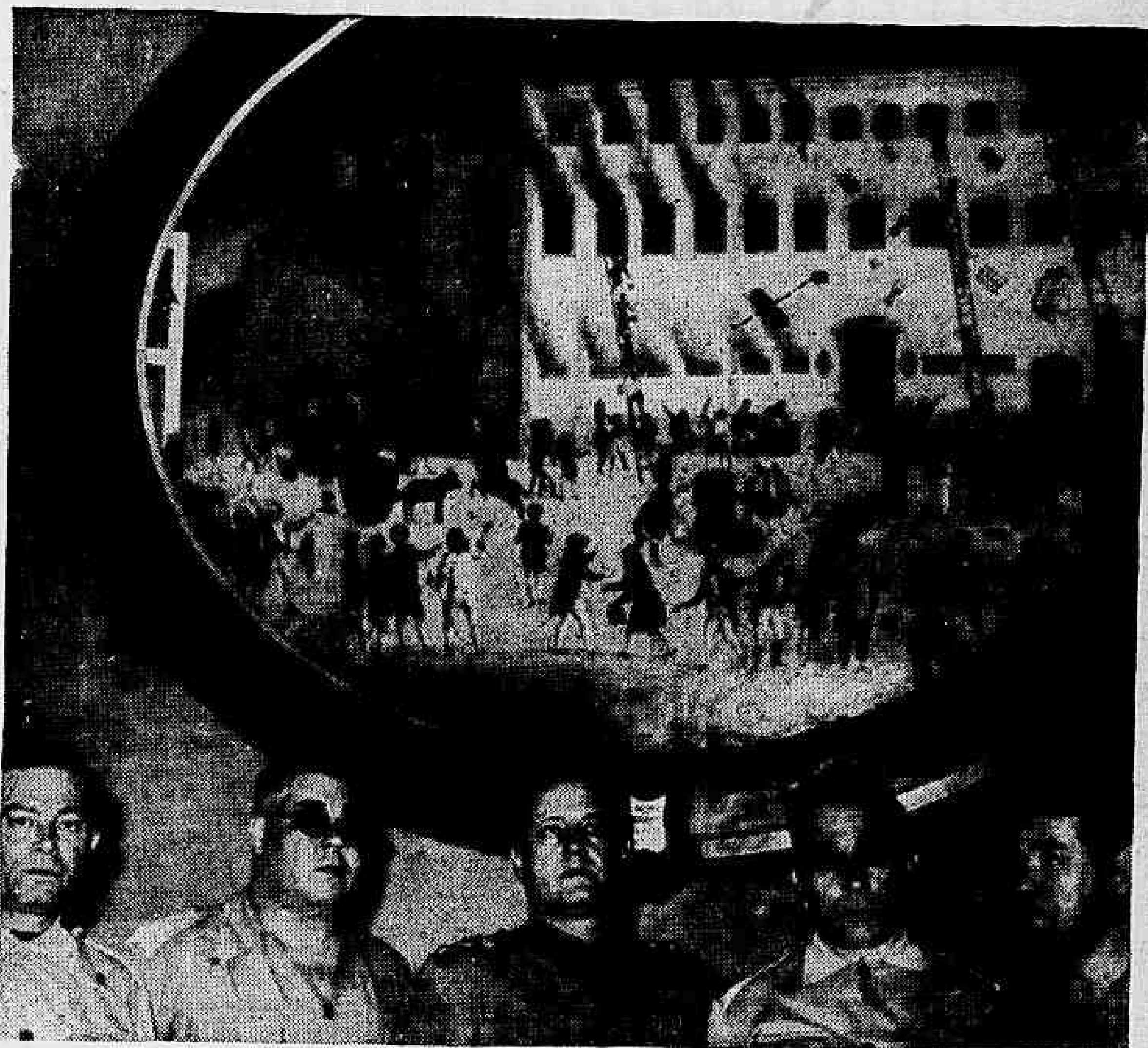
Êsses homens, apesar de tanta legislação social existente, não possuem o direito de reforma, mesmo que já tenham 40 ou 50 anos de serviços prestados. A lei pertinente à matéria só lhes concede a almejada reforma, quando portadores de doenças ou acidente físico eventual, que os declare inaptos para o serviço, isto é, quando o estado de seus organismos não lhes permite fôrça siquer para viver... Profissão em que se vê o homem exposto a emoções violentas, trabalhando quase sempre em situações de insalubridade absolutas, não se lhes reconhece o direito a reforma por incapacidade física com a totalidade de vencimentos, a não ser nos casos estabelecidos para os servidores do Estado, de vida funcional comum. Até as doenças de origem claramente decorrente da natureza profissional do serviço, tais como as oriundas do sistema cardíaco, e que em países mais adiantados, como os Estados Unidos, já tem o amparo da lei, são no Brasil consideradas como de origem estranha à especialidade...

Se êste lado das necessidades dos soldados do fogo fôr cuidado com os desvelos que merece, queremos lembrar aos nobres legisladores que também o violento, o rude e o imprevisto são lugares comuns no exercício dessa profissão altruística, e que depois de 25 anos de serviços prestados ininterruptamente, o bombeiro já conquistou mais que brilhantemente o direito de viver tranqüilamente, na reserva, êsse período crítico da vida em que o organismo vencido, encontra fôrças apenas para viver sem que nada mais possa produzir. E' bom dizer que êsse benefício, inteiramente justo, entretanto, é já concedido à profissões muito menos arriscadas. E' comum suceder que um bombeiro seja reformado, para vir a morrer 6 meses ou 1 ano depois... Já sacrificara seu último alento, poderia, pois, como prêmio, morrer em paz, porém o mais ràpidamente possível...

*

Quanto à situação do material especializado, é penosa e triste a análise. Engenhos caríssimos, por não existirem no país fábricas que os produzam, possue o Corpo de Bombeiros dêles apenas reduzida quantidade. A verba anual destinada a tal fim é pequena (600 mil cruzeiros) e de forma alguma permite uma dotação ao me-

(*Continua na pág.* 52)



GRUPO DE OFICIAIS, tendo ao fundo um quadro do incêndio do Recolhimento de N.S. do Pôrto, em 1789. Além do comandante, aparecem os majores Rufino Coelho Barbosa, Manoel da Costa Guimarães, Manoel Ribeiro da Silva e Tenente-Coronel Diniz Nunes Filho.



OUTRA REMINISCÊNCIA, esta é de um incêndio de largas proporções que ocorreu, há dois anos, na rua São Cristóvão.



ÊLES TÊM DE COMBATER o fogo de qualquer jeito. Neste incêndio, à Rua Buenos Aires, 178, a coisa foi muito séria.



AQUI NAO FOI INCÊNDIO, mas um desabamento nas Laranjeiras, em 1949. Bombeiros também servem para êsse mistér.



OUTRO FLAGRANTE do mesmo desabamento, onde houve feridos a socorrer. E lá estavam os prestimosos soldados da paz.

O RAPTO

(CONCLUSÃO)

UM dia chegou uma carta, que não me foi mostrada logo, como as outras, mas sòmente na manhã seguinte. Sensação voraz toldou-me os sentidos, a angústia traiu-me aos olhos da moça: havia um noivo, a carta era dêle, voltava do estrangeiro pleno de amor e de carinho. Dizia de seus projetos futuros, iria vê-la, beijá-la, matar as saudades. Descrevia com enlêvo o seu grande, desmedido afeto, parecia sincero... Olhei-a contrafeito. Talvez em meu semblante houvesse um ar de desgôsto, quando perguntei, olhando-a pesaroso, se já respondera. Constança disse-me que não, nem responderia, não devia nem queria; que o noivado não a interessava; que cuidaria de sua saúde, primeiro. Houvera certa precipitação, quando êle viesse dir-lhe-ia tudo, estava bem ali, a menos que eu a mandasse embora, ficando livre, abandonando-a a um casamento infeliz... Acudi, intimamente satisfeito pelas suas palavras, dizendo-lhe que ela ficaria durante o tempo que, espontâneamente, quisesse. Pediu-me, então, que não tocássemos em assunto tão desagradável.

Entretanto, operava-se ràpidamente o milagre da cura. Dos escombros daqueles trapos de existência ressurgia a jovem prazenteira e vivaz, de faces lavoradas, reassumindo a posse completa de sua real personalidade. Isto, de certo modo, entristecia-me e trazia-me em amarga expectativa, porque sã, ela me deixaria e eu, assombrado, compreendia hora a hora, não mais poderia viver sem ela! Constança era a companheira ideal, meiga e boa, cuidava da casa com desvelos de espôsa caprichosa e feliz; resolvia, determinava, sugeria, adivinhava meus desejos, lia meus pensamentos. Que poderia eu esperar, além de sua graça e do seu sorriso mimoso, que enchia de encantos meu lar? Com 52 anos eu caminhava já para a velhice, pôsto que fôsse forte e não aparentasse a idade, não seria possível dos algarismos inverter a relação e transportar o tempo, estabelecendo a igualdade... E os dias voavam, enquanto Constança se tornava cada vez mais dedicada, dispensando-me os maiores carinhos e cuidados. Quando íamos a passeio ou à missa, de traços dados, juntinhos, à vista incômoda da curiosidade quente da vizinhança, insistia a jovem em que voltássemos, porque adorava a permanência em nossa casa, comigo, porque sem mim, dizia, a sinfonia desafinava. Se eu saía só, ela esperava nervosa o meu regresso. Aos estranhos parecíamos pai e filha. Como era justo, devido às atitudes da moça, diante de todos, sempre agarrada a mim, falando manso, com extrema ternura e singular intimidade, olhos nos meus olhos, começaram, à bôca pequena, os fuxicos de aldeia, as intriguinhas, as conclusões apressadas, fundadas nas aparências e agravadas pelas levianas conjeturas côr de rosa... Mesmo o mais ingênuo dos matutos jamais acreditaria no meu sentimento espiritual, restrito aos olhares ternos e às palavras doces, repassadas de carinho, mas puras, sem intenção, espontâneas, livres de insinuações. Para todos não éramos amantes, simplesmente, mas engajados, na mais absoluta acepção do têrmo, com forma, significação, suposições, deduções e até afirmações. Estas, porém, eu sabia à conta de quem corriam: Peixoto, o maquiavélico Peixoto, que, na sombra do ódio e da sua covardia, negrejava desmoralizando-me. Quem iria crer naquele lirismo inocente entre protetor e protegida, ambos adultos, cândidos e sós, insulados na mais bela vivenda da região, tôda branca com suas janelas azúis, a fumaça a sair pela chaminé, seu jardim sempre florido e seu feroz cão de guarda? A varanda enluarada era propícia aos sonhos... Eu tinha o cuidado de colocar-me nobremente acima da situação a que o acaso me incorporara, porque tinha muita experiência da vida, adquirida através das observações de 52 anos. Nunca forcei fingida ou intencionalmente uma ação comprometedora. O amor, se havia entre ambos, era traduzido apenas pelo olhar e pelos pensamentos. Quem poderia compreender o que se passava entre as paredes do cobiçado ninho?

Um dia, aquilo que eu tanto temia aconteceu: apareceu lá o noivo! Constança re-



Novela de VICENTE C. DE CARVALHO
Ilustração de ORVAL

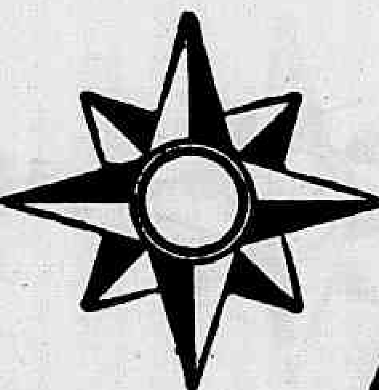
cebeu-o friamente na porta, apresentando-o, indiferente, como o Sr. Rômulo de Matos. Êle se recusou a entrar. Uma pedra rolava-me dentro do coração. E se êle a convencesse do regresso? Fugia-me o ânimo a êste pensamento desconfortador. Rômulo era um belo rapaz, nervoso, simpático, voluntarioso, de boas maneiras. Afastei-me, houve ligeira troca de palavras, êle insistia com acesa obstinação em que a noiva regressasse logo, ao que ela se opunha apoiada na causa, que eu sabia já remota, da enfermidade. Evidentemente, Constança estava a dois passos do restabelecimento completo, já recuperara a primitiva compleição e seu porte esbelto de mulher perfeita expandia tôdas as graciosidades incontidas de sua natureza, até então algemadas pela enfermidade. Tornando à alegria de viver, a jovem exibia uma atraência sadia, meneios e donaires, como roseira despida de fôlhas que voltasse à fértil floração. Seus olhos eram os da escrava restituida à liberdade, os lábios carminados suplicavam beijos, suas mãos eram cálidas, os cabelos admiráveis esvoaçavam tocados, à tarde, pela aragem que agitava as trepadeiras...

Cheio de ciúmes percebi que o rapaz estava realmente apaixonado. Consegui apanhar trechos da conversa. Êle dizia, alterado e impetuoso, que se ela não gostava mais dêle, como tudo indicava, fôsse franca, êle compreendia muito bem que a doença era o grande pretexto, sua inexistência era o que havia de mais claro em todo aquêle absurdo. Porisso estava vivamente impressionado pela sua transformação inexplicável; dava-lhe uma prazo para pensar, êle escreveria, ela que visse bem o que fazia... Estava tudo preparado para o casamento, e nunca a vira tão corada... Constança permaneceu calada. Foi para mim um momento de penoso sofrimento. O jovem partiu, não se despediu de mim. Constança entrou chorando... Tive pena do rapaz. Pensei em aconselhar a moça a que o seguisse e se casasse. Ela estava perfeitamente, quase sã, citar a enfermidade, agora, como motivo, não era digno, porque odiosa mentira. Esta idéia, entretanto, sufocou-me os sentidos. Preferi o silêncio. A cada dia que passava mais se acentuava o apêgo de Constança. A felicidade, tão buscada em minha mocidade, morava comigo, viera a mim, portas a dentro, por acaso ou por determinação de Deus. Não seria tarde? Que poderia esperar de mim uma jovem de 25 anos, na plenitude de sua beleza? Quando a saúde se manifestasse totalmente teria eu coragem de propor-lhe casamento? Não seria ridículo? Ou eu estava equivocado e ela acabaria seguindo o noivo, como era coerente? De qualquer modo Constança era o meu anjo, a mulher que eu sempre desejara. Como pude viver só durante tanto tempo? Pobre solitário! De cabeça fria procurei apreciar a situação e dela sair sem desaire. Triste de mim! Eu estava manietado, de coração e espírito, figura central daquele drama!

Uma tarde, estando sentado junto à fonte, atrás da habitação, ouvindo o cascatear das águas lamentosas a correr entre seixos e vendo Constança a bordar tristonha, enchi-me de coragem e, valendo-me de um eufemismo, indaguei o motivo da melancolia. A passarinhada, ruidosa, buscava os ninhos na ramada clorofilada e enredada de cipós.

Estava pensativa por sentir saudades do Rio? Constança fitou-me demoradamente. Depois balbuciou, numa queixa, que não esperava de mim tal pergunta, nada do Rio a interessava, a não ser os parentes, não tinha mais compromissos... Recebia cartas e a nenhuma respondia.

Depois chegou uma endereçada a mim. Era de Rômulo e continha ameaças. Indignado, o moço declarava-me culpado da recusa da ex-noiva, a mim cabia a culpa da sua atitude. Dizia que tinha informações seguras de que eu lhe sonegava a noiva querida, nêsse sentido recebera cartas anônimas que lhe davam conta da minha falta de pudor! Não sabia a poder de quais sortilégios; perguntava se um velho como eu não tinha vergonha de tão condenável e sórdido procedimento. Terminava a inflamada missiva avisando-me de que, fôsse como fôsse, iria buscar a noiva, livrando-a das nojentas garras do querido adventício! Era o grito da mocidade! A carta anônima, certamente procedente de Peixoto, excitara cruelmente a paixão do infortunado [illegible] por [illegible], Vaduza, Rodolfo,

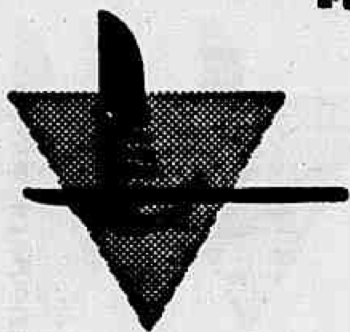
Traço de união  entre o Norte, Centro e Sul

A linha aérea do São Francisco!



Coube ao rio São Francisco um papel de relevante importância no curso de nossa história. É a estrada do sertão, o elo que sempre ligou o Norte ao Centro e ao Sul, dando escoamento à produção das imensas regiões que percorre. Mas o progresso exigiu novos e mais rápidos meios de transporte. Hoje, abrindo amplas perspectivas ao interior do Brasil, existe a Linha Aérea do São Francisco que a NACIONAL criou para unir o sertão e suas fontes de riqueza aos grandes centros do País, através dos caminhos do ar. No momento em que a Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso torna-se uma brilhante realidade — contribuindo decisivamente para o desenvolvimento econômico do Nordeste — cresce de importância a Linha Aérea do São Francisco, que a NACIONAL tem orgulho em dedicar aos supremos interêsses da coletividade.

ESCALAS - ida e volta



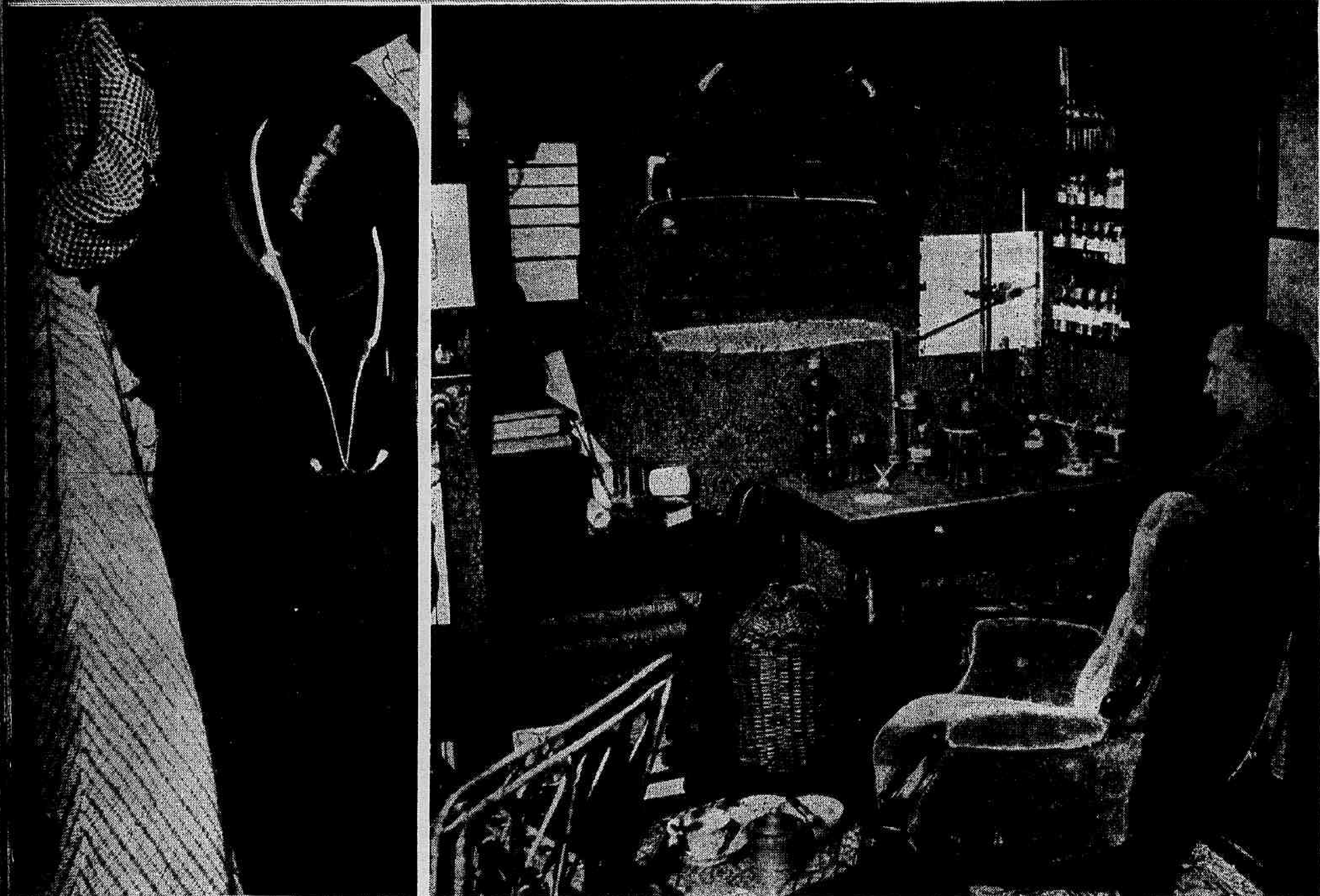
Salvador
Petrolina - Juazeiro
Remanso
Xique-Xique
Barra
Lapa
Carinhanha
Januária
Pirapora
Belo Horizonte
Rio de Janeiro

Ao viajar, procure o nosso agente local que fornecerá tôdas as informações desejadas.

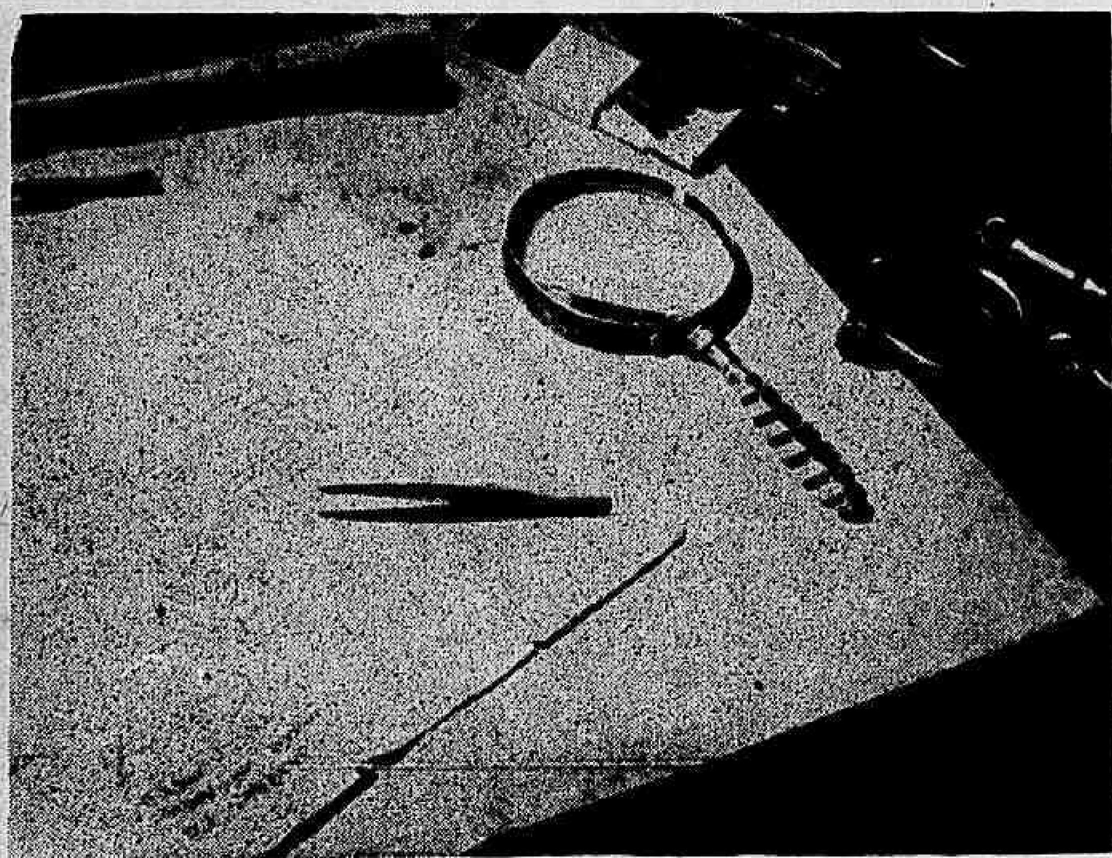
NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 685-B — Tels.: 32-7399 e 32-6119 — Rio de Janeiro

SHERLOCK HOLMES



NO APARTAMENTO de Baker Street, em Londres, em determinada sala, ainda se podem ver os apetrechos e peças de vestuário do dr. Watson. Da mesma maneira são encontrados objetos de uso do mais famoso detetive do mundo, Sherlock Holmes, tudo isso na reconstruida habitação dêsse terrível policial, cujo modêlo em sêra está ali.



SOBRE A MESA de traba'ho do detetive Holmes, que era a do seu criador, Conan Doyle, se vêem vários objetos de pesquisas policiais e outros indispensáveis a pesquisas.

A FICÇÃO DE CONAN DOYLE CRIA UM PERSONAGEM IMORTAL ★ MUITA GENTE JURA QUE HOLMES EXISTIU

POUCO antes de morrer, Arthur Conan Doyle prometeu aos seus companheiros do Círculo espirirista de Londres, que, logo depois do tempo necessário para dar uma espiadela pelo outro lado da vida, voltaria imediatamente à Terra e se manifestaria entre os mediuns seus amigos de Londres dizendo o que achara lá pelo outro mundo. O fato é que os compromissos por lá, pareceram muito longos, ou a burocracia é muito complicada, uma vez que os seus amigos da Inglaterra ficaram esperando a volta de Conan Doyle durante nada menos de quatro anos.

Contudo, Conan Doyle manteve sua palavra, e, em 1934, quando se realizava uma sessão espírita, foi invocado o seu espírito do grande escritor. Estava-se em fins de dezembro de 1934. Êle morrera a 7 de julho de 1930. Subitamente viram os que estavam na sessão, que tomava forma uma visão diafana, formando uma imagem humana. Pouco a pouco a imagem tomava as feições de Conan Doyle.

Em 1938, mais outros quatro anos, o espírito de Conan Doyle voltava novamente a manifestar-se fisicamente, numa sessão em que estavam presentes o seu filho e sua nora. Entretanto, antes dessas manifestações, Harry Price, com a medium Garret, havia mantido longa conversa com o

VOLTOU PARA CASA



ESTA ERA a Baker Street, ao tempo de Sherlock Holmes. Montando a qualquer um dêsses veículos, o detetive partia para dar caça aos criminosos, enchendo de assombro ao seu fiél amigo Watson, que não compreendia como era que Holmes descobria os mais intricados delitos. A fôrça da ficção literária de Conan Doyle é inabalável.

espírito de Conan Doyle, do que resultou publicar um artigo no "Nash Magazine", sob o título, "A volta de Conan Doyle".

Importância ainda maior teve uma outra aparição dele, tudo controlado pelo "National Laboratory Psichycale" e que afasta tôda e qualquer suspeita de truque por parte do medium. Para os inglêses, essa história do "outro mundo" é uma coisa muito séria, espécie de outro domínio do ser humano que se vai. A aparição foi registrada mediante um sinal automático, combinando-se tudo com células fotoelétricas. Em seguida ao processo, obtêm-se uma fotografia de Conan Doyle! O mais interessante de tudo é que, embora Conan Doyle esteja no coração de todos, muito mais imortal se tornou o seu herói de ficção, o famoso detetive Sherlock Holmes, sempre vivo nos seus livros e cada vez mais popular entre tôdas as populações do mundo que lê.

Dizem os críticos e historiadores que, quando um país não possui nenhum herói nacional, os literatos procuram criar um, embora de ficção. Essa opinião não se aplica à Inglaterra, nação que possui muitos heróis autênticos de carne e osso, como Ricardo, o Conquistador, Nelson, Pitt, Francis Drake, Cromwell, Lord Kitchener, Churchill e tantos outros, desde os mais recuados tempos até aos nossos dias.

Mas, como o povo aprecia mais os seres fictícios do que os reais, vemos que um Mickey Mouse, um Robin Hood, uma Alice no seu país de maravilhas, Peter Pan, Pato Donald etc., conseguem sobreviver aos seus próprios criadores. E isso se verificou também com Sherlock Holmes e o famoso Conan Doyle. E notem o que se dá com isso: pode-se provar que, dentro da Inglaterra, seja em Gales, na Escócia ou na Irlanda, milhares de inglêses podem ignorar a existência de Ricardo III, de Bacon, de Newton, de Milton; mas o último dos trabalhadores do pôrto de Liverpool, o mais ignorante dos mineiros do país de Gales, o mais indigente dos proletários de Londres não ignoram quem foi Sherlock Holmes, embora nem mais se lembrem do nome de seu inventor.

E não se acham entre as crianças os seus maiores admiradores ou fãs, como se diz hoje. Os apaixonados das aventuras policiais de Holmes são os maiores, os velhos, os homens de negócios, banqueiros e magnatas. Foi pensando na imensa popularidade mundial dessa personagem da invenção de Conan Doyle, que os organizadores do Festival da Inglaterra tiveram a excelente idéia de mostrar ao povo e aos turistas, que Sherlock Holmes havia voltado. E montaram uma espécie de Musei com tudo o de que precisou Holmes para capturar criminosos e descobrir crimes...

EXAME DE CONSCIÊNCIA - 4

VOCÊ TEM PERSONALIDADE?

OU É APENAS UM RAPAZ OU UMA JOVEM IGUAL A TANTOS OUTROS? — TIRE A PROVA RESPONDENDO A ÊSTE TESTE.

Por MARY DAVIES ★ (Reprodução proibida)

É você aquêle homem ou mulher num milhão, com que todos sonham? Com uma personalidade radiante, colorida, cheio de iniciativa, com um "quê" que o faz notado, ou é apenas uma jovem ou um rapaz igual a tantos outros? Verifique se em você adormece uma personalidade. Eis o que deve fazer: responda às perguntas com um SIM ou um NÃO. Se tem dúvida sôbre sua responta, há uma terceira coluna para você indicar. Quando tiver decidido sôbre suas respostas é SIM à primeira pergunta, risque o 2. Se responder a êste questionário em grupos, você deve escolher um líder de grupo, que lerá as perguntas. Cada membro do grupo deve escrever num pedaço de papel a resposta a cada pergunta, e depois colocar no lugar do Não, do Sim ou do Não Sei, respectivamente, os números 1, 2 e 3. Quem alcançar o total mais elevado terá maior personalidade.



PERGUNTAS

Não Sim Não Sei

1—Acha que tem personalidade? 1 2 3

2—Gosta de gente alegre, de festas e bailes? 1 2 3

3—PARA MULHERES

Você trabalha num grande escritório com muitas mulheres. Sùbitamente entra um homem. Procura atrair a sua atenção? 1 2 3

3—PARA HOMENS

Voce têm um encontro com a diretora de uma firma. Cuida para que seu cabelo esteja bem penteado, e que o laço da gravata esteja perfeito?.. 1 2 3

4—PARA MULHERES

Pede a seu cabelereiro para copiar um estilo que viu numa revista? 1 2 3

4—PARA HOMENS

Acha que o bigode de Clark Gable lhe ficaria bem?...... 1 2 3

5—PARA MULHERES

Se vai comprar uma saia azul e a vendedora lhe diz que não tem nenhuma em estoque, mas lhe recomenda uma vermelha, «muito mais elegante», você aceita? 1 2 3

5—PARA HOMENS

Procura impressionar os outros contando histórias sôbre o que você fêz? 1 2 3

6—Se é mulher usa «slacks» e se é homem, usa um monóculo, porque os outros usam, sabendo que não lhe assentam bem? 1 2 3

7—Se a conversação entra num assunto que você desconhece, fica ouvindo em silêncio?.... 1 2 3

8—Ou tenta participar da conversa, fazendo perguntas tolas? 1 2 3

9—Se a conversa gira sôbre sexo, num ambiente mixto, considera inconveniente falar sôbre o assunto na presença de mulheres? 1 2 3

10—Deixa que os jornais, o rádio e as revistas o ajudem a formar «suas idéias» sôbre o mundo? 1 2 3

11—Compraria um chapéu que acha ridículo sòmente por que está na moda? 1 2 3

12—Contenta-se em deixar as coisas como as encontra num apartamento, num quarto ou numa sala mobiliada? 1 2 3

SOMA: ....

CONTAGEM

AGORA *some todos os números não riscados em tôdas as três colunas.* **O total obtido significa:**

DE 36 a 30 ***Lamento dizer que sua personalidade é nula. Sua vida não é conduzida por você, individualmente, é apenas um "côro" e nada é feito por sua própria vontade.***

DE 40 a 44 ***Você não é exatamente "um em um milhão", mas algumas vêzes têm vontade própria, embora não seja exatamente a vontade da personalidade. Você deve preocupar-se um pouco mais com as cousas que estão diretamente no seu caminho.***

DE 45 a 47 ***Veja apenas a jovem média. Não leia tantos romances de amor nem tantos filmes de Hollywood.***

DE 48 a 55 ***Você têm vontade própria, e uma boa quantidade de toque pessoal. Mas não é ainda "um quê". No entanto, poderá melhorar.***

DE 56 a 60 ***Eis aqui um homem de personalidade, uma mulher sempre notada pelo seu bom gôsto, sua vontade forte e espírito de iniciativa.***





Os vestidos brancos, são bastante usados em tôdas as estações. Aqui está uma coleção de modelos, nos mais variados feitios e tecidos. São todos de fácil execução, muito práticos e elegantes. E' interessante notar a predominância de tecidos pesados, como fustões, algodões e linhos.

BRANCO



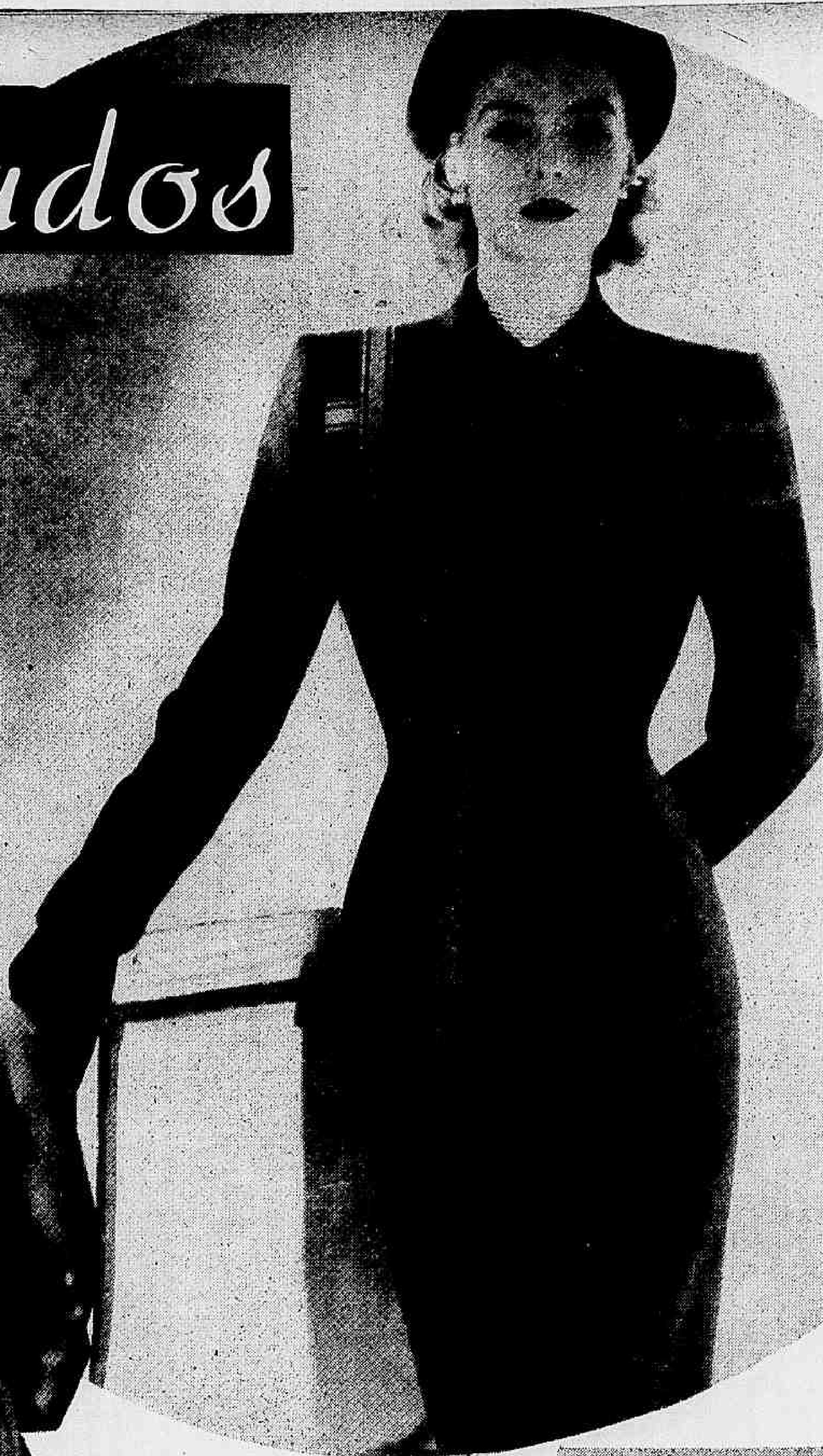
DO CADERNO DE UM POETA

Tu trazes à minha vida um encanto novo, diferente. És, ao mesmo tempo, uma nota grave e profunda aos meus ouvidos e uma cintilação, alegre e luminosa, nos meus olhos. Penso em ti, como em tôdas as coisas definitivas da existência, as coisas certas e eternas. Penso em ti como nos acontecimentos naturais, porque és espontânea, sincera, simples e harmoniosa, como os fatos da natureza. Penso em ti como em uma noite de luar, que é de luar e poderá ser, amanhã — sendo a mesma noite — uma noite de tempestade, sacudida de ventos irresistíveis. Penso em ti como em uma destas leves manhãs de luz difusa, de um azul fluido que nos escorre n'alma e nos contagia de um irreprimível desejo de alegria, de ventura. És como as noites, as manhãs, as ondas, as nuvens. És, assim, bela, natural, simples e poderosa. Tens essa lógica, êsse ritmo, essa fascinação das coisas eternas. Possuis a variedade numerosa e imprevista, na mais sóbria e sonora unidade. Tens o movimento e a harmonia, a linha e a graça. Trazes a lembrança de todos os deslumbramentos, o encanto de todos os mistérios, o êxtase de tôdas as revelações. Tenho a sensação de que existes desde sempre, como as ondas, como a luz, como os astros, que vens do fundo da vida, para a minha vida. E, entretanto, tenho, também, todos os dias, diante de ti — a sensação de um acontecimento fascinante, de uma surprêsa maravilhosa, de uma nova, inefável harmonia, palpitando numa paisagem irreal de sonho.

LYSE

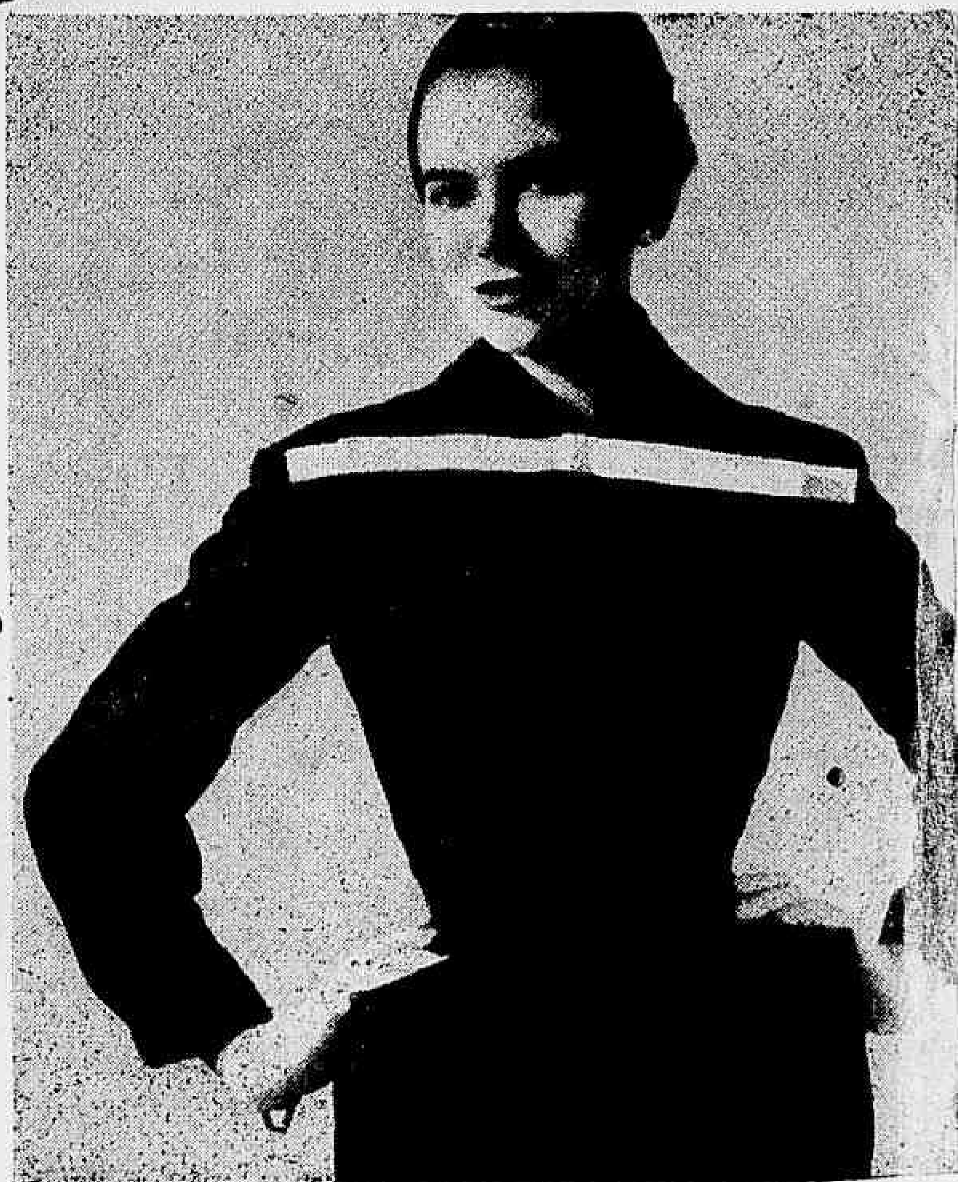


Variados





TRÊS variados vestidos, adaptando-se para diversas ocasiões: manhã, tarde e noite. Elegante casaco em lã clara, bastante transpassado. Bolsos embutidos e decote assimétrico, contornado com branco. Vestido de faile prêto. Saia bem justa com grandes bolsos embutidos. Corpo transpassado, laço de gorgurão branco, com grandes pontas. Uma fazenda barrada é o tecido escolhido para a confecção dêste «tailleur». As barras são aproveitadas para formar desenhos no casaco, que é bastante comprido.



NOITES DE

Gala







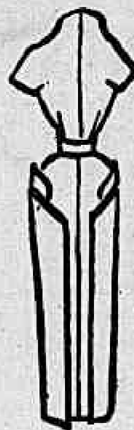


ÊSTES modelos destinam-se às grandes noites, para a lírica. Por exemplo: — Vestido em sêda branca, com o corpo adornado por uma fita de cetim azul escuro. Veludo é o tecido dos vestidos. Corpo bem justo adornado com peles e saia bastante godé. O encanto dêste modêlo está no corpo cruzado e saia bem ampla, com várias camadas de tule, superpostas. Modêlo enfeitado com rendas, lantejoulas e bordados a fio de ouro, formando diversos desenhos.

22 DE SETEMBRO: *Primavera*









ÊSTES são próprios para a estação mais bela do ano, que hoje começa. Linhas simples, estampados e tecidos leves, tudo muito fácil de confeccionar. A silhueta da mulher moderna, que pratica esporte e frequenta a praia, veio auxiliar os figurinistas e as mártires das donas elegantes, hoje e sempre, as costureiras...



ESTÁ À VENDA
EM TODOS OS
PONTOS DE
JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE SETEMBRO

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso-postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

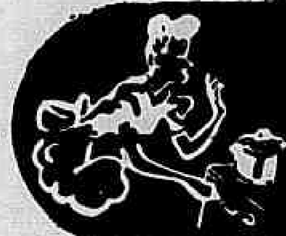
Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

AGENCIA ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 67



WEEK-END

TORTA MIKADO

25 gr de manteiga, 150 gr de açúcar, 5 ovos, casca ralada de limão, 500 gr de farinha de pão, um pouco de arrák, 100 gr de farinha de trigo e 1 colherinha de fermento em pó.

Bate-se e mistura-se bem a manteiga e o açúcar, as gemas e a casca ralada de limão. Junta-se a farinha de pão umedecida no arrak e mais a farinha de trigo peneirada com o fermento e as claras bem batidas.

Enche-se, com isto, uma fôrma untada e polvilhada com semoline e leva-se ao forno quente. Depois de fria, corta-se ao meio e passa-se entre as partes uma geléia de maçãs ou de marmelos ou então um creme de manteiga. Juntam-se as duas partes, espalha-se por cima uma glacê de café e leva-se ao forno sòmente para secar.

BÔLO RELÂMPAGO

150 a 200 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, 4 ovos, 4 colherinhas de fermento em pó, caldo e casca de meio limão. Bate-se a manteiga como creme, juntam-se os ovos, o açúcar, o caldo e a casca ralada de ½ limão e, por último, a farinha e o fermento peneirado. Bate-se tudo muito bem e espalha-se a massa na grossura de 3 milímetros, em assadeira untada, leva-se ao forno durante ½ hora. Antes de ir ao forno polvilha-se com açúcar, canela e amêndoas picadinhas. Corta-se o bôlo enquanto quente. Guardando-se em uma lata bem fechada, conserva-se fresco por muito tempo.

DELICIOSAS DE CANELA

4 ovos, 500 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas raladas, 30 gr de canela, 500 gr de farinha de trigo.

Amassam-se êstes ingredientes, estende-se a massa na grossura de ½ cm, corta-se com forminhas, pincela-se com gema e assa-se em forno fraco.

GALINHA COM CHAMPIGNONS

Depois de bem limpa uma galinha, parte-se pelas juntas e tempera-se com caldo de limão, sal com alho, pimenta verde e do reino, cebola batidinha e cheiros verdes. Leva-se ao fogo a galinha assim temperada numa panela com duas colheres de manteiga e deixa-se refogar muito bem. Quando todos os pedaços estiverem tomando côr dourada, junta-se um copo de vinho branco, doce ou sêco, bom, sendo o tipo Madeira ou Pôrto o preferível, e uns tomates. Tampa-se a panela para a galinha cozinhar tendo-se o cuidado para que os pedaços não peguem no fundo da panela. O que se evitará pingando água tôda vez que começar a frigir. Quando a galinha estiver macia, juntam-se môlho e com pedacinhos de pão torrados na manteiga. Esta galinha poderá ser feita também com pedaços de palmito em lugar dos champignons.

TOMATES EM FLOR

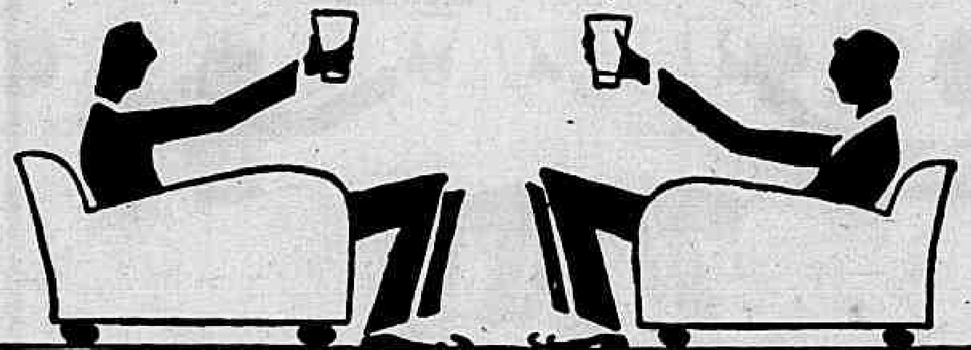
Faz-se um pouco de môlho de maionese. Escolhe-se 12 tomates regulares, carnudos, do mesmo tamanho, mergulha-se em água quente e retira-se a pele com cuidado: corta-se em cruz, (só até ao meio) sem destacar. Toma-se duas maçãs, 1 pepino regular, (sem sementes), 2 brancos de aipo, uma lata de champignons escorridos ou 2 chuchus cozidos, 4 cenouras, grandes, partindo-se tudo em quadradinhos de 1 centímetro.

Mistura-se tudo e tempera-se com um pouco de môlho de maionese, sem empapar, junta-se uma xícara de camarão ou lagosta, também picadinhos, revolvendo-se tudo com cuidado, sem esmigalhar, com essa mistura enchem-se os tomates, deixando os gomos entreabertos como uma flor. Arruma-se cada um dos tomates recheados sôbre uma fôlha de alface, na qual se põe um pouco de môlho de maionese, a fim de prender o tomate.

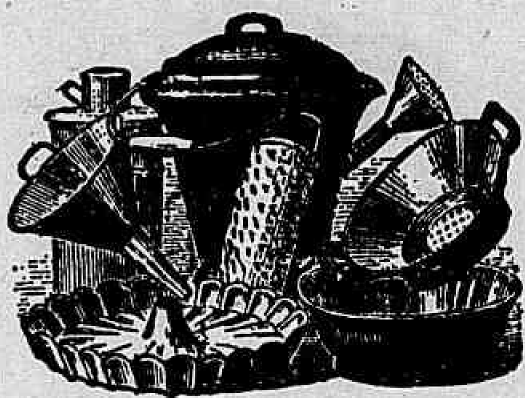
CAMARÕES COM CREME

Ingredientes: 3 colheres de sopa de azeite doce, uma cebola pequena, tomates, pimenta do reino, cheiros verdes, 1 colher de môlho inglês, 1 quilo de camarões, 2 xícaras de leite, 2 colheres de maizena, 3 de queijo ralado, 3 gemas, 2 claras, ½ colher de manteiga e sal.

Modo de preparar — Com o azeite a cebola picadinha, dois ou três tomates, a pimenta do reino, os cheiros verdes pi-



NA COZINHA



cados e o môlho inglês, faz-se um refogado ao qual se juntam os camarões depois de bem limpos e temperados com um pouquinho de sal e caldo de limão. Refoga-se tudo mais um pouco e abafa-se para que os camarões cozinhem. Prontos, retiram-se do fogo. Com uma espumadeira, tiram-se do refogado todos os camarões e coa-se o môlho, juntando-se novamente os camarões. Em seguida faz-se o creme assim: ferve-se o leite, retira-se do fogo e juntam-se as gemas, a maizena, desmanchando-a devagarinho para não encaroçar e junta-se o queijo ralado. Leva-se de novo a panela ao fogo, mexendo-se sempre, até engrossar. Retira-se outra vez do fogo e juntam-se as gemas, sal a gôsto e a manteiga: misturam-se os camarões com o môlho a êste creme e leva-se a mistura ao forno, num prato próprio Pirex, cobrindo-se com as claras batidas em neve e polvilhando-se com queijo ralado. Deixa-se tostar e serve-se.

PÃO DE MEL DE NURENBERG

3/4 de litro de mel, 300 gr de açúcar, 750 gr de farinha de trigo, 10 gr de potassa diluída em um pouco de arrak, 375 gr de amêndoas picadinhas, 100 gr de laranja azêda cristalizada e picada, a mesma quantidade de cidra, 4 gr de cravo em pó, 50 gr de canela e 6 gr de cardamomo.

Ferve-se o mel com metade do açúcar até cair em pérolas da colher, mexe-se até esfriar, junta-se a farinha peneirada e a potassa diluída, mistura-se tudo muito bem e aperta-se até ficar uma massa bem consistente: deixa-se descansar dois dias. Derrete-se então o resto do açúcar com um pouco de água, torram-se levemente as amêndoas com o açúcar diluído, misturam-se os outros temperos, adiciona-se tudo à massa e estende-se esta na grossura de 3 cm. Corta-se em retângulos estreitos, enfeita-se com cidra e deixa-se descansar mais uma noite em assadeiras polvilhadas com farinha, em lugar quente.

No dia seguinte leva-se ao forno quente e depois passa-se em glace de açúcar.

CREME DE CHOCOLATE

1 litro de creme de baunilha (com gelatina), 125 gr de chocolate ralado, alguns makronen, ½ xícara de creme chantilly.

Dissolve-se o chocolate em pouca água, mexe-se bem, mistura-se com o creme Chantilly e junta-se ao creme de baunilha.

Põe-se em fôrma untada ou molhada com óleo de amêndoas, vira-se quando está frio e serve-se guarnecido com creme Chantilly e pequenos makronen.

MONTANHA REAL

Pão de lot, 6 ovos, 6 colheres de açúcar, 6 colheres de farinha, 250 gr de ameixas, 1 xícara de açúcar, doce de pêssego.

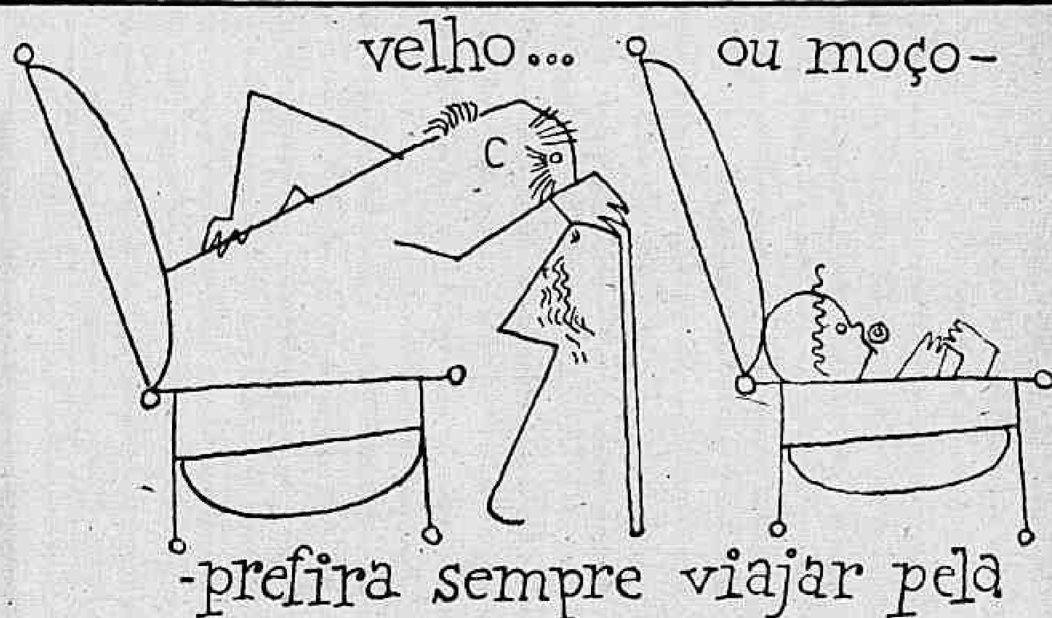
Doce de ovos: 12 gemas e 4 colheres de açúcar.

Faz-se um pão de ló com ovos, nas mesmas proporções já indicadas: sendo uma colher de açúcar e uma de farinha para cada ôvo. Vai ao forno em fôrma untada de manteiga. Tira-se, deixa-se esfriar, e corta-se em fatias. Faz-se um doce de ovos. Cozinham-se também as ameixas sem caroços, com o açúcar. Abre-se uma lata de compota de pêssego. Arruma-se em uma cremeira, uma camada de pão de ló e as frutas, de modo que se veja de fora, para o que a cremeira deve ser branca e transparente. Sôbre cada camada de pão de ló e frutas, coloca-se um pouco de doce de ovos. Quando acabaram as camadas de pão de ló, cobre-se tudo com o resto do doce de ovos e enfeite com as mesmas frutas que se empregam na receita. Enfeita-se com merengue bem batido, na proporção de 2 colheres de açúcar para cada clara. Bastam 2 ou 3 claras para enfeitar o doce.

BISCOITO RUSSO

250 gr de nozes, 250 gr de amêndoas, 2 litros de leite, 6 gemas, 10 ou 12 colheres de açúcar.

Pelam-se as nozes, passando-se em água quente ou pondo-a no forno para tirar-lhes depois a pele, como se faz com o amendoim. Pelam-se também as amêndoas. Moem-se as nozes e as amêndoas, na máquina depois de descascadas. Fervem-se com o leite, coa-se, faz-se uma gemada com o açúcar e as gemas, engrossa-se o leite e deixa-se esfriar. Pondo-se as nozes com a pele fina, o leite talha.



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência. sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

L E I A

A CENA MUDA

Revista semanal que trata de Cinema, Rádio, Teatro e Música. Em todos os pontos de jornais.





CINE-NOVELA

VALSA DE PARIS

NUMA tarde radiosa do ano de 1860, dessas em que um resto de sol doira e faz brilhar tôdas as coisas oferecendo um claro escuro, pelos jardins perfumados do Palais Royal, onde as flores balançavam ligeiramente tocadas por uma brisa medrosa, um jovem seguia uma linda moça. Êle não sabia se seguia a mulher ou se perseguia o seu vestido roseo e vaporoso, que dava um toque de romantismo... era uma canção que o atraia... uma canção da qual êle conhecia apenas os primeiros compassos e que queria aprender tôda. Infelizmente, a cantora estava no mesmo caso, ignorava o resto da melodia. Mas ela existia, estava no ar, estava em potencial no coração daquele homem. Foi assim que Jacques Offenback (Pierre Fresnay), vislumbrou pela primeira vez a encantadora e disputada Hortense Schneider (Ivonne Printemps), a mulher por quem êle sofreria, e com a qual teria as melhores horas de sua vida de artista genial. O cair da noite e sua pronunciada miopia não lhe teria permitido reconhecer o rosto daquela mulher e assim seu destino seria outro, não fôra o seu amigo, o ator Berthelier (Jacques Charon) ter tido uma ideia. Êste violentamente enamorado de Hortense, conhecendo os seus méritos como cantora, sua beleza e sua graça como mulher, desejava que ela fôsse a intérprete de uma das famosas operetas de Offenback.

A maior dificuldade seria o artista a aceitar, pois seu nome era uma verdadeira proteção a qualquer cantora, o qual já estava feito, suas obras alcançavam sucesso e êle era solicitado por todos e para tôda parte.

Offenback se fêz de rogado. A insistência e o espírito daquela fizeram-no mais condecedente e um dia êle sentou-se ao piano para acompanhá-la. Era uma audição de uma novata como tantas, que não teria maiores conseqüências, senão algumas polidas palavras de esperanças. Quando, porém, ouviu aquela voz maravilhosa, um entusiasmo incontido apoderou-se do mestre que não hesitou mais um momento. Apresentaria Hortense em uma das suas operetas. Estava diante de uma voz de cristalino, único no mundo, desconhecido no Palais Royal, que êle sabia, iria vibrar em noites de aplausos inesquecíveis.

Hortense Scheneider, cumprindo o seu destino e influindo no do mestre, estreiou no teatro "Vie Parisenne". Nada lhe custou eclipsar a "estrêla" do momento, Marie Pradeau (Noelle Norman) Hortense tornou-se ràpidamente a mulher da moda daquele "Tout Paris" faustoso, fútil, amante a arte, que não cuidava senão do prazer Vivia-se então o mais belo dos momentos do segundo Império, época despreocupada com a terminação da guerra,

(LA VALSE DE PARIS)

ELENCO:

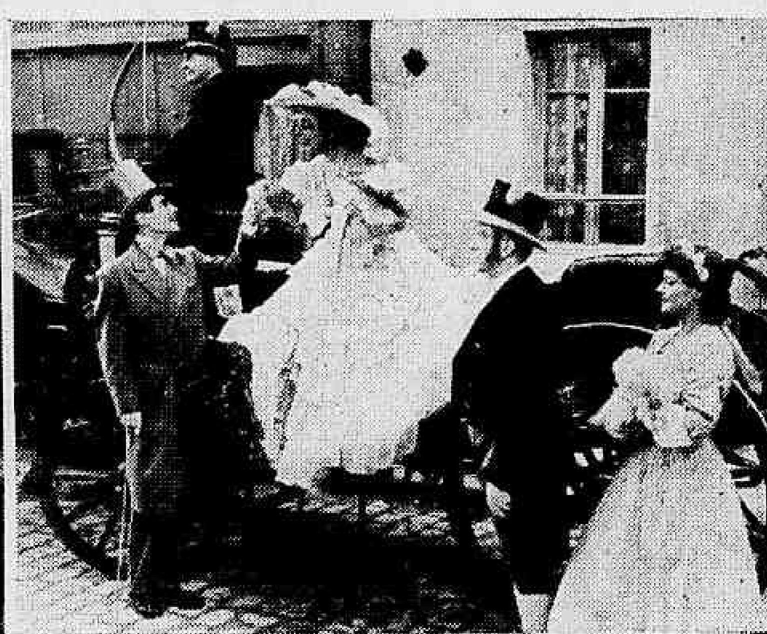
Jacques Offenbach	**PIERRE FRESNAY**
Hortense Schneider	**YVONNE PRINTEMPS**
Berthelier	**Jacques Charon**
Marie Pradeau	**Noelle Normam**
Príncipe Imperial	**Claude Sainval**
Duque de Morny	**Jacques Castelot**

com André Roussin — Raymonde Allain — Denise Provence — Gobin — Pierre Dux
Músicas de Jacques Offenbach
Argumento original de Marcel Achard — Fotografia de Christian Matras
Um filme de Marcel Achard
Produção de Lux Films Paris, em cooperação com Lux Films Roma — Distribuição de Globo Filmes

Músicas de Offenbach interpretadas por uma pleiade de artistas franceses da Comédie Française, tendo a voz cristalina de Yvonne Printemps, cantando as obras imortais do grande músico.







quando ainda não se previa o começo da próxima.

A graça, a beleza e o talento ímpar de Hortense tornou-a desejada pelos mais importantes homens da época. Inclusive os nobres a perseguiam. Era afinal, o prosseguimento do poema, da canção iniciada por Offenback, naquela tarde, que já ia longe, mas que nunca se apagara da lembrança do mestre. Um príncipe da família imperial (Claude Sainval), estava perdido de amôres pela cantora, sua paixão era avassaladora e insistente. Oferecia a Hortense tudo o que pode desejar uma criatura nascida e votada para uma vida brilhante; jóias caríssimas, palácios, criadagem, carruagens, tudo Hortense tinha a sua disposição. Mas, as linhas brilhantes do destino tem os seus pontos de sombra: o Duque de Mornay (Jacques Castelot), lançou um manto de tristeza sôbre fulgurante carreira. Exigiu o Duque, apresentando ultimatum ao príncipe no sentido de que, êle escolhesse entre um exílio que o afastaria de Paris, e conseqüentemente de Hortense, e uma rotura com ela. Com isso o Duque desejava salvar as aparências no meio aristocrático. Entre dois fogos, o jovem resolveu deixar sua deliciosa amiga e esta, desolada correu a relatar seus desenganos ao seu benevolente protetor Offenback. Os conselhos de que seu amigo lhe ministrou, conselhos sábios e judiciosos proporcionaram a bela Hortense, a oportunidade tão perseguida de recuperar o seu nobre apaixonado, mas seduzido do que nunca e disposto a enfrentar com galhardia a nobreza e a sociedade, fazendo-a princesa. Era a felicidade completa e sem receios que se vislumbrava. Era também a continuação da canção... A lição servira à cantora que de sucesso em sucesso, em "La Perichole", "La Gran Duchesse" e outras obras primas da música ligeira, escritas para ela por Offenback. Um só homem, por mais poderoso que fôsse, já não satisfazia, a ela que tinha tôda Paris a seus pés... incluindo todos os príncipes estrangeiros enviados à Côrte de Napoleão III. O próprio Imperador um Garden-Party, em Fontainebleau, se dignou recebe-la amàvelmente e felicitá-la. O amor, essa essência que não poupa potentados e miseráveis, que avassala o coração humano nivelando a espécie, é fluido que não discrimina, sòmente se diferenciando no modo de explodir, ora lento, ora impetuoso, mas sempre presente tecendo uma teia invisível, teria que unir e desunir.

O músico e sua intérprete favorita viam-se freqüentemente. Era mesmo na personalidade frivola mas encantadora da jovem que êle encontrava seu mais forte motivo de inspiração para as suas melodias. E um belo dia Hortense fêz esta descoberta maravilhosa: ela não pensava senão em Offenbach, êle o único que lhe importava. Graças ao seu gênio criador e apesar de sua fealdade, ela o amava.

Viveu então horas esplendidas, incomparáveis, todos os citavam como o casal ideal... mas a inconstante Hortense em breve compreendeu que não possuia fôrças para resistir aos anseios dos seus admiradores, mais numerosos do que nunca. Infiél por natureza, ela assim teria de morrer...

Mas para que romper aquela união perfeita, nascida do amor à arte? Para que? Offenbach comporá ainda para Hortense seus estribilhos mágicos, e Hortense prodigará a Jacques os tesouros de sua voz incomparável.

Assim ficará terminada a canção perseguida nos românticos jardins do Palais Royal.



O SEGREDO DA SUA MOCIDADE

TRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém ... de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente. O seu uso previne a queda do belo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revi... tendo voltado, portanto, sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE TES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da aqui lrgo e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante move as partículas mortas e eimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a sã, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante, indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias



quando se encontra no armário uma roupa roída pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas, nem cheiro.

Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

PACTO MALDITO

(Cont. do número anterior)

— "Esta é a justiça de fato ou a mentira de toga" — pensei.

O promotor proferiu seu arrasoado cheio de observações psicológicas sôbre meu caráter e meu temperamento. Leu uma série de escritos de meu punho, onde expunha meus pensamentos de jovem, mas concluiu pedindo minha condenação à pena máxima, porque — dizia — "é um gérmem nocivo que vive para corroer a sociedade".

Êles, porém, ignoravam a verdadeira história, inclusive meu advogado, a quem pedi para que se limitasse quanto às testemunhas, confundindo-as e desacreditando-as. Não confiei em ninguém. Todavia, qual não foi o meu espanto quando o Juiz falou:

— Senhorita Isabel das Dores Loyola, última testemunha, compareça!

De tez pálida, mas altiva, a moça estendeu a mão sôbre a Bíblia e jurou confessar a verdade. Debaixo da curiosidade da vida dos presentes, foi dizendo:

— Permitam-me senhor Juiz e senhores jurados, ler para vós o final de um documento que, faz uma hora, acabo de receber das mãos do tabelião M..., porque é muito importante para êste julgamento; leu o seguinte:

"... que tua tia legítima, Isabel Filomena das Dores, pelo amor que me dedicava, a mim, sua irmã, caçula da família, foi vítima da velhacaria do Satanaz, quando eu me encontrava com uma enfermidade que, no dizer dos médicos, não resistiria aos sofrimentos físicos por mais de uma semana, no que estavam enganados. Mas minha irmã, a quem tu foste entregue em sinal do meu reconhecimento pelo seu sacrifício, receiosa pela minha morte prematura, recorreu ao maldito, já descrente de outras promessas — fazia seis meses que eu estava acamada — ofereceu sua ALMA em troca do meu restabelecimento. Sòmente depois da perfídia do tirano, já curada, tomei conhecimento de um contrato que fôra assinado com — o teu próprio sangue — tu eras criança — e estava assim redigido:"

"Eu, Isabel Filomena das Dores, em troca do pronto restabelecimento da saude de minha querida irmã, Ester Filomena das Dores Loyola, ofereço minha ALMA ao Satanaz que, no dia 13 de setembro de 1913, às 13 horas, virá buscá-la, sem perdão e sem rogos. O sinal de sua presença é fazer correr o sangue de minha sobrinha, com o ferimento não mortal, porque foi com êste que assinamos o presente documento, eu e o Satanaz. Em sinal de confiança êste documento fica guardado em meu poder, até o dia final".

Após essa leitura misteriosa, a jovem caiu, sobressaltada:

— Aquêle maldito documento fôra queimado pelo réu, involuntariamente, embora. Mas o Demônio odiento assassinou minha tia. Onde estará sua alma?

NEM "S. CASTILHO"...

(Cont. da pág. 26)

lhos no rendimento de um kiper, mas opina que ser goleiro não é qualidade inata, qualquer elemento pode ser transformado num bom goleiro, haja visto o seu caso que de extrema esquerda, artilheiro do seu time, passou a goleiro. Fora do "goal" gostaria de voltar a ser extrema esquerda. Finalmente não acredito em superstição nem uso amuletos durante os jogos.

MILIONÁRIO DO FUTEBOL

Em quatro anos de profissionalismo, Castilho já conseguiu juntar 250 mil cruzeiros, tem um bom carro e um bom ordenado, nada menos que dez mil cruzeiros mensais. Espera comprar uma casa no fim do ano. Se ganhasse um milhão de cruzeiros na loteria, não abandonaria o futebol. Espera ainda jogar durante mais cinco anos. A sua grande vontade é ser campeão carioca.

VIDA DE UM CRACK

Para estar sempre em forma, acorda às 7 horas da manhã e deita-se às onze. Faz pouco treinamento físico, mas muito bate-bola. Não se incomoda com a crítica dos torcedores, pois a considera um direito dos assistentes.

GOSTOS E PREFERÊNCIAS

Interessante será verificar a opinião de um goleiro quanto aos artistas de outras artes: no teatro, admira Oscarito, no cinema extrangeiro, Humphrey Bogart, e Ingrid Bergman; no cinema nacional, Eliana e Anselmo Duarte; no rádio, Dalva de Oliveira e Nelson Gonçalves. Não quer ouvir nem de longe a voz de Jorge Veiga. Gosta de ler romances de aventuras.

"SÃO CASTILHO" E' HUMANO

A sorte nem sempre acompanha os goleiros. Todos têm a sua tarde negra, como já aconteceu com o melhor kiper do Brasil Barbosa, no dia 16 de julho de 1950, e isto se verificou com Castilho no último jôgo do Fluminense contra o Vasco, quando foi vencido por quatro vêzes, e êle mesmo confessou que foi o culpado da derrota do tricolor. Isto prova que "São Castilho" também não é infalível...

O CÉU É . . .

(Cont. da pág. 22)

valo, mas aquelas perninhas franzinas foram aguentando o baque. Era percorrer o dia todo, os bairros da cidade, entregando telegramas. Distribuir venturas ou tristezas. Ser um mensageiro alegre ou triste. Alegre, quando ia ao palacete de Mme. Penteado lá no Leblon levar esta notícia: "Sandra Regina segue hoje Abraços. César". Ah, que alegria! Triste, quando fazia chegar num casebre do morro: "Seu irmão Pedro faleceu. Maria". Ai, que tristeza!

Zezo não sabia, na sua ingenuidade de criançola, tampouco os grandes compreendiam, o papel que êle fazia neste mundo!

★

Os primeiros dias de trabalho foram longos e exaustivos. Pouco conhecia as ruas, foi com sacrifício que deu conta do recado no fim da tarde. Mal chegava de volta, já vinha o telegrafista com outro maço de telegramas na mão: "São urgentes".

Lá ia o coitado outra vez. Assim dias e dias a fio.

Um dia mostrou à mãe os sapatos velhos e rotos.

— Acho que precisa mais meia sola.

— Que? Não faz nem quinze dias que foi no sapateiro! Você não ganha nem prá sapato, meu Deus!

Mas que remédio, se precisava consertar? Lá iam os vinte cruzeiros na meia sola. Dêsse jeito a metade do ordenado do Zezo ia em consertos de sapato. Mas que fazer, se precisava andar como um louco?

A péssima alimentação e as fadigas excessivas deixaram-lhe, em poucos meses, como uma múmia. Além disso, sua vida se limitava em trabalho e economia. Prazeres de espécie alguma gozava. Não ia nem a cinema para economizar. Pobre mocidade!

Os otimistas quando ouvem falar em mocidade, lembram logo, multidão de jovens atletas, bem nutridos e corados, correndo pelas praias, dançando nos cassinos ou de bicicletas pelas avenidas. Tudo sorriso e beleza. Ah, mocidade! Palavra que lembra madrigais em flor, gozos infindos.

Mocidade de Zezo. Pálido, mal nutrido, lutando sem tréguas pela exis-

CORREIO DA REVISTA

BRUNO PAVEL — Rio — Sua sugestão é interessante; mas, como sabe, nossas edições são sempre por conta dos autores respectivos. Em relação ao conto «Um caso de polícia», foi recebido. Os outros já foram referidos em «Correio» anterior.

J.H. KURT — S. José do Rio Prêto — S. Paulo — Seu conto «A morte, diabo e o libertino», está com a Comissão Julgadora.

MOACYR DUARTE — Natal — Recebemos o «Uma idéia fixa». Aguarde.

JOSÉ LARA — Rio — Estão conosco os seus contos referidos em sua carta. Mas, como há alguns na fila, e há muito, pedimos ao amigo ter paciência e aguardar uns dias. Quanto à alteração do título do outro conto seu, motivou isso o haver um de outro colaborador, com um batismo muito semelhante.

O.D.J. — Seu conto «Noite de S. João» foi recusado. Mas não se entristeça e mande outro de atualidade, ou que não se prenda à assuntos do momento.

MARKO — Rio — Muito curtinho seu conto. Puxe pela cabeça, amigo Marko, e mande outro com, pelo menos, três páginas daquêle papel.

J.C.F. — Surubim — Pernambuco — «Seu Almeida tinha um grande coração», não passou. O português não ajudou. Aconselhamos ao amigo aperfeiçoar sua linguagem. Não lhe faltam inspiração e fluência: mas sua sintaxe deixa muito a desejar.

ANNALINDA GUIMARÃES NUNES — Icó — Ceará — O endereço que pede em sua carta de 20 de julho é o seguinte: «Emissora Nacional», Lisboa, Portugal.

M.A.M. — Rio — Recebemos. Aguarde.

BARRETO, SOUBRE E SILVÉRIO — E.P.C. — Barbacena — Minas — Não temos oportunidade para três. E, para um, se tivéssemos no momento, teríamos que tirar a sorte.

LOIVA LEIRIA BORBA — São Leopoldo — R.C. do Sul — Aprovados os seus contos, «Horas Vazias» e «Segrêdo de Lídia».

EDGAR DE SOUZA MACHADO — Icéió — Aprovado o seu «Coincidência» e recebido o «Amai-vos uns aos outros».

FELICIANO DO AMARAL JUNQUEIRA — S. Paulo — Infelizmente não podemos aceitar a sua sugestão. Nosso quadro de colaboradores efetivos está preenchido.

W. L. C. — Rio — O seu conto "Rasgado" não foi aceito. Além de erros de linguagem, o conteudo estava muito fraco.

Alberto Gonçalves Lua — Rio — Foi recebido o seu trabalho. Aguarde julgamento. Quanto à substituição da palavra que nos pede, será atendido.

Evangelia Kalafatás — Florianópolis — "Quando a esperança renasce" está com a Comissão Julgadora. Queira esperar.

Luis Carlos Pereira — Santos — Não foi possível aproveitar o seu conto em virtude da exiguidade do mesmo. Queira ler as condições estabelecidas por esta REVISTA.

J. de O. N. — Rio — O seu conto de natal não está mau. Contudo, não foi aprovado porque não encerra conteudo capaz de merecer publicação em nossa edição especial. Os contos de natal devem possuir mais vigor literário, mais profundidade. E' também conveniente escrever contos sem deixar que o leitor já antecipe o desfecho. A vulgaridade atrapalha os que começam, e foi o que sucedeu com o amigo. Tente outro.

tência. Sem conhecer um prazer. Vivendo de sonhos, o ópio dos desventurados...

★

Era dezembro. Verão escaldante. Zezo ia sofrendo o "suplício moderno", segundo Monteiro Lobato. Levando existência sem livres revoadas, como pede quem é jovem e quer viver. Percorrendo os bairros com a testa suada e o peito ofegante, como sofria!

Uma tarde, chuva tremenda lhe desabou nas costas, logo quando estava alagado de suor. Ficou com gripe, bronquite, depois... Bem. Depois o compadre Zico, um amigo da família, levou-o ao dispensário de tuberculose, tirar radiografia. O resultado foi horrível:

— O médico diz que o rapaz tem o pulmão cheio de bacilos de Koch...

— Que?

— Tuberculose.

A mãe abafou um grito no avental encardido. Mas que fazer? Deus é grande!

E morreu numa linda tarde de verão quem na vida nada foi, nem viveu. Vegetou apenas. A própria Natureza, que é tão boa, nem lhe teve dó. Em vez de cobrir-se de tristeza com sua morte, fêz um dia bonito e azul.

Quem passasse naquele trecho do morro, via através duma porta escancarada, um caixão tôsco contendo o corpo magro do jovem. Poucas pessoas no velório. Os bacilos de Kock eram perigosos...

Assim morreu Zezo, flor murcha de uma mocidade sem viço. Coitado! Era pobre, feio, deselegante, antipático, meio aluado, um poço de defeitos. Viveu para o trabalho e a luta, sem um prazer. Puro como lírio imaculado, açoitado e morto pelo vendaval da vida.

★

O caixão de Zezo na tarde bela e azul foi para a cova rasa de um cemitério qualquer. Cemitério de pobre, com certeza. Tudo que tinha e lhe davam, era pobre. Só o Céu foi a exclusiva coisa rica que êle recebeu. Se existe Céu, êle bem que o mereceu!

Pobre Zezo! Quando em vida distribuiu alegria em tantos lares! Agora na sua morte ningém se lembrou dêle. Nenhum daqueles que se sentiram felizes pelas notícias trazidas por suas mãos magras lembrou-se de dar um dinheirinho para que êle tivesse um entêrro decente. Só os quatro homens que seguraram as alças do caixão foram os que acompanharam o entêrro. Só quatro homens...

E Zezo, que distribuiu tantos telegramas pela cidade, alegrias, venturas, desilusões, tristezas, não recebeu para sua mãe, um telegraminha sequer de "pêsames". Nada. Nada mesmo. Mundo ingrato!

O RAPTO

(Cont. da pág. 34)

no● E se êle viesse para cumprir a ameaça? Constança, cada vez mais terna e solícita, procurava distrair-se. Dançavamos e íamos à noite e pelas tardes ou de manhã cedinho saíamos a passeio na minha charrete azul, respirando o ar puro da alvorada e posando para fotografias.

Um dia despertaram-me os repetidos latidos de Javert, logo que as sombras da noite eram batidas pela claridade. O molosso, irritado, ladrava arrebatada e assustadoramente. Uma suspeita atravessou, rápida, meu pensamento mal desperto, saltei da rêde, corri ao quarto de Constança, bati, chamei... Nada... Aflito, dei volta ao jardim. A janela de seu quarto estava aberta e o leito vazio! Desorientado, hesitante, saltei a cêrca do jardim, o mastim batia-se, furiosíssimo e impotente, tentando, a dentuça à mostra, narinas dilatadas, livrar-se da poderosa cadeia que o prendia. Os músculos das pernas vigorosas distendiam-se com incrível elasticidade, impinava-se e arremetia mordendo a corrente, escarvando ferozmente a terra. Desci um pouco e olhei para a estrada que a luz da ante-manhã começava a clarear. No meio do percurso, a uns 600 metros, divisei minha charrete em marcha, afastando-se apressadamente, nela iam Rômulo e Constança com seu casaco azul... Cumprindo a ameaça, êle realizava o rápto, à capucha, na calada da madrugada, enquanto eu dormia indefeso e inocente... Dentro em pouco partiria um trem da estação para onde êles se dirigiam... Desci correndo em perseguição da charrete fugitiva, ganhei a estrada, e acheime na longa alameda tapeçada de floricas rubras, cobri os primeiros 500 metros, ganhando terreno. Uma confusão de idéias solapava-me o raciocínio em composição. Adiante fiz breve retardo, menos pelo cansaço que pelas deduções. Se ela o acompanhara sem um protesto, sem relutar, sem um grito, é porque o fizera espontaneamente, nada a obrigaria; eu devia deixá-los ir em paz. Constança decidira-se afinal, preferindo o moço. O velho fôra um acidente, acabava-se alí o romance vulgar, inconseqüente e perigoso... Nada me devia, nem um adeus, nem explicação; não precisava mais do extremoso enfermeiro, do tolo protetor, nem de sua nobreza... Ficasse eu só, com as recordações e as máguas... Só! Olhei para trás, para minha casinha branca, onde ela nunca mais estaria... Detiveme assombrado! A poucos metros, atrás de mim, avançava Javert, trazendo pendentes da coleira de aço os elos chocalhantes da forte corrente rebentada; gemia de raiva rilhando a queixada, em louca disparada, no encalço da charrete! Chumbado ao solo não pude detê-lo, passou por mim velocíssimo, olhos fora das órbitras, como um bólido, na direção da carreta... Atirei-me para frente gritando, de trecho em trecho, mas o animal não me atendia e em pouco pilharia o raptor. E a corrida temerária continuava dentro da alameda fria, enevoada e calma. A carreta, mal dirigida, não desenvolvia tudo, em breve seria alcançada e Rômulo estraçalhado! Estava já o canino a poucos metros, quando ouvi várias detonações. Javert grunhiu ferido, mas continuou a marcha e alcançou o carro da malograda fuga...

Ouvi um grito de Constança, gritei ainda, o veículo parou adiante, baixei a cabeça para não ver... Era tarde. Quando cheguei a sorte deparou-me um quadro horrível: o gigantesco cão tinha as patas dianteiras retesadas sôbre o corpo estraçoado do infeliz apaixonado. A cabeça do morto era horrenda massa informe e sangrenta, o sangue gotejava do focinho do imponente animal que, assim, aplacara o seu furor, abatendo o aventureiro. Tinha uma pata traseira fraturada, espumarenta a língua volumosa e a cauda inquieta... Lambeu-me as mãos como temendo minha desaprovação. Caído a uma banda vi o revólver de Rômulo, carregado, faltando 4 projetis. Constança, encolhida na boléa, olhava tudo estupefacta. Encarei-a com dureza interrogativa, talvez com desprêzo; saltou, deu 3 passou em minha direção, parou cambaleante; corri a ampará-la. Ela abraçou-se a mim sofregamente, pediu-me perdão, balbuciou o meu nome e, com expressiva meiguice, disse que ia explicar, lábios na minha face, o colo agitado; estava impaciente, ansiosa, como se pretendesse tudo dizer numa emissão única... Banhou-me o fulgor estranho de seus olhos grandes... Mas a cabeça rolou para o meu peito e ela tombou fulminada, em meus braços, a bôca cheia de sangue... Estalara o precioso e frágilimo vaso de cristal...

(Cont. na pág. 52)

"Em casa, todos somos Kolynos-istas!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais. Esses ácidos são a causa principal das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Que horror!... O dentista disse-me que as cáries são causadas por milhões de bactérias que temos na boca...*



2 *...e essas bacterias produzem ácidos que atacam o esmalte dos dentes e causam as dolorosas e horriveis cáries!*



3. *Por isso mesmo, o dentista recomendou-me o Creme Dental Kolynos, que destroi as bacterias causadoras desses ácidos. Kolynos é indispensável para a higiene da boca.*



4. *E o que é mais.... Kolynos clareia os dentes, limpa melhor, refresca a boca, embeleza o sorriso... Por isso, em casa, todos somos Kolynos-istas!*

Basta 1 cm na escova seca



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-404-P

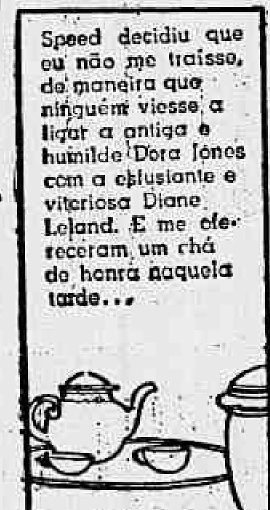
UMA JOVEM DO OUTRO MUNDO























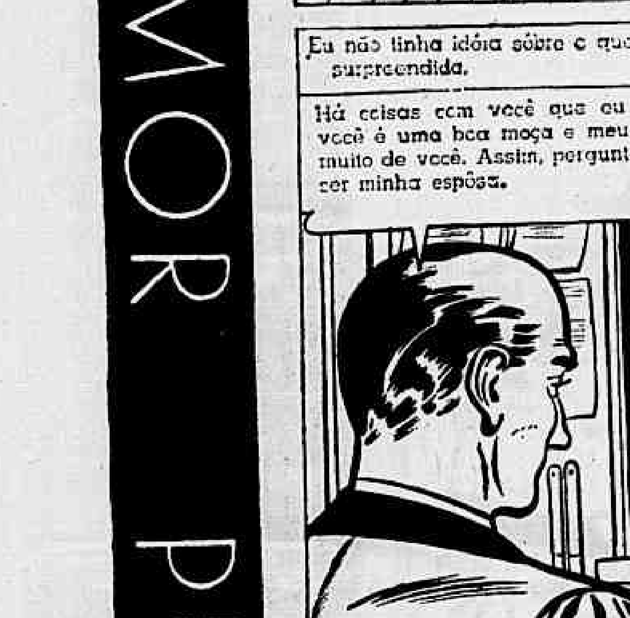
UM AMOR PROIBIDO

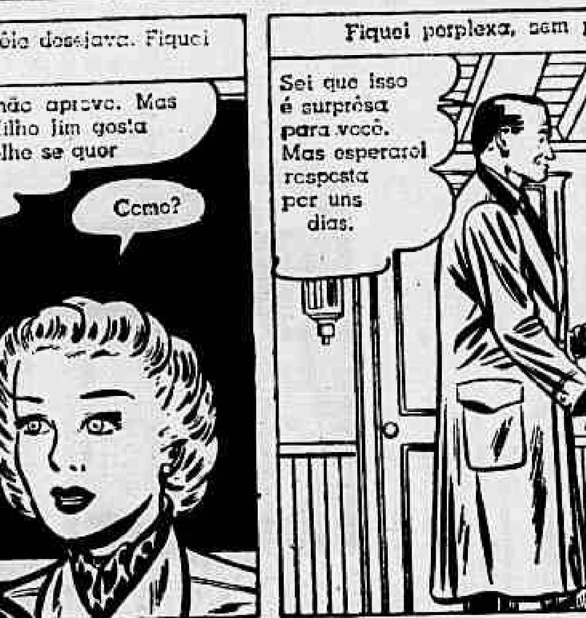
























GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

CAPAS NEGRAS

(Cont. da pág. 8)

As homenagens em caráter oficial, associativo e particular, multiplicaram-se a tal ponto, que os universitários e seus mestres tinham de dividir-se em turmas, para atender a todos os compromissos.

Na tarde de 8 do corrente a embaixada rumou para São Paulo, onde se dava início a nova série de festividades. Rapazes e moças, mal refeitos das emoções vividas na Capital da República, preparavam-se para outras, não menos entusiásticas. E ainda pisam terra brasileira neste momento, recebendo novas manifestações de carinho dos seus compatriotas que aqui vivem e da gente da terra.

NINGUÉM QUER SER...

(Cont. da pág. 33)

nos regular. Os quarteis-pôstos que são 4, afora o Central, e estão localizados respectivamente no Cais do Pôrto, Humaitá, Vila Isabel e Meier, dispõem apenas de uma viatura cada um. Distam, entretanto, quilômetros um do outro, e é bastante sabido que nêsse gênero de serviço, um minuto de atraso por defeito eventual, mas possível, redunda inveriàvelmente em catástrofe.

Além do claro existente, foram criados diversos serviços, sem aumento de efetivo, prejudicando mais ainda o pessoal de tileira. Muito embora êsses deveres sejam imprescindíveis ao desempenho harmônico, os mesmos foram criados por atos internos, sem ser pedido o material e pessoal necessários aos seus funcionamentos.

Dos serviços criados pelo Comandante Henrique Sadok de Sá ressalta o de Proteção e Salvamento, que tem dado sobejas provas de justeza pelos benefícios que vem prestando à economia pública e privada. A sua principal função é a de prevenir ou reduzir ao mínimo os danos causados pela ação da água, do fogo, cinzas, calor, fumo, choque, etc., durante e depois da extinção dos incêndios e fiscalizar a iluminação do local em que se estiver trabalhando. Quando isolado, o referido serviço atende a tôdas as solicitações de salvamentos, onde haja pessoas em perigo de vida. A sua guarnição é composta de 9 homens e de uma só viatura, para atender a todos os recantos do Distrito Federal, visto só pertencer ao Quartel Central, dada a deficiência de material e pessoal já citada.

Para que a capital da República tenha um Corpo de Bombeiros na altura de seu desenvolvimento, é preciso que as autoridades responsáveis providenciem junto a quem de direito, a fim de ampará-lo condignamente, sendo que, para isso, terá que melhorar os vencimentos dos soldados, a fim de que o Corpo possa melhor selecionar os candidatos as suas fileiras e conservar aquêles que, de fato, têm pendor para a profissão; reequipar o material, de maneira que possa atender a tôdas as suas finalidades; organizar os seus diversos serviços, imprescindíveis a sua existência, amparar o bombeiro vitimado por doenças oriundas da profissão, por meio de leis humanas e auxiliar a sua família, caso venha a falecer no exercício da profissão, ou em conseqüência do mesmo, como soe ocorrer com o pessoal da Marinha, Aeronáutica, etc.

Estamos convictos de que o atual Comandante Geral — Cel. Henrique Sadok de Sá — que é um trabalhador dinâmico, homem de visão larga, de coração magnânimo e sempre voltado à causa dos seus subordinados, exporá ao govêrno o panorama real da situação com que se defronta o Corpo de Bombeiros, para que, ao elogiarmos a bravura costumeira dos soldados do fogo em suas intervenções profissionais, não tenhamos que pensar, com amargura, na messe de sacrifícios irreconhecidos que lhes galardoa o espírito, mas lhes tira da alma a vontade de viver.

HISTÓRICO

Reunindo sob uma só administração as diversas secções que até então existiam para o serviço de extinção de incêndios nos Arsenais de Guerra e Marinha, Repartições e Obras Públicas e Casa de Correção, foi, por decreto nº 1.775, de 2 de julho de 1856, organizado o Corpo Provisório de Bombeiros da Côrte.

De acôrdo com o regulamento publicado, tinha o mesmo um diretor geral, oficial superior do corpo de engenheiros; um ajudante, oficial subalterno do mesmo Corpo, para coadjuvar o diretor geral e substituí-lo em seu impedimento; um instrutor geral, especialmente encarregado do ensino do pessoal; e cada secção um comandante e um instrutor parcial, podendo êstes dois pôstos ser exercidos pela mesma pessoa.

Poucos meses depois, possuia o Corpo de Bombeiros 15 bombas manuais, 73 mangueiras de couro, 23 mangotes, 190 baldes de couro, 13 escadas diversas e 2 sacos de salvação, distribuidos pelas secções, e 240 palmos de mangueiras em arrecadação.

Naquele tempo os incêndios eram em número muito limitado e sempre de pequena importância. De 1.º de março de 1857 a 30 de abril de 1858 houve 16 incêndios, e, dêstes, 13 foram em chaminés. Julgou-se tão exagerado êsse número, que se propoz a multa de 20 mil reis para qualquer casa que apresentasse fogo nessas condições, desde que ficasse provado ter-se originado por excesso de fuligem, devendo o dinheiro proviniente das multas ser recolhido ao Tesouro, para auxiliar as despesas do Corpo.

O sinal de fogo, em qualquer das freguesias da cidade, era dado naquele tempo por tiros de peças de artilharia de grosso calibre, disparados no Morro do Castelo; pelo toque do sino grande da igreja de São Francisco de Paula e pelo toque do sino maior da matriz da frequesia, onde se havia manifestado o incêndio.

De dia, o Morro do Castelo dava o sinal de fogo disparando três tiros de peça, com intervalos de 5 minutos um do outro, e içava no mastro, que para êste fim se havia ali levantado, uma bandeira encarnada, que assim continuava enquanto durasse o incêndio.

A' noite, disparava o mesmo número de tiros com os mesmo intervalos e colocava no tôpo do mastro uma lanterna vermelha, que também ali permanecia até terminado o serviço de extinção.

Em 1865 recebeu o Corpo a primeira bomba a vapor, especialmente destinada aos incêndios à beira mar e a ser embarcada nos casos de ter de funcionar para extinção de incêndio a bordo.

Em outubro de 1870, foi adaptado o uso da corneta militar para os sinais do Corpo, em substituição ao apito até então em uso, iniciando-se no mesmo ano a tração das viaturas por muares.

O Corpo de Bombeiros, organizado em 1856, ficou sob a jurisdição do Ministério da Justiça. Assim continuou, ainda depois de organizado difinitivamente pelo regulamento de 1860, até que, por aviso do mesmo Ministério, em 11 de março de 1861, foi comunicada a sua transferência para o Ministério da Agricultura e Obras Públicas, de acôrdo com o nº 6 do art. 10 do Dec. nº 27,48 de 16 de fevereiro de 1861, que organizou a respectiva Secretaria de Estado.

A 21 de novembro de 1892, isto é, 31 anos depois, voltou a pertencer à jurisdição do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

No período de 1875 a 1950 houve 21.012 incêndios na capital da República, tendo os soldados do fogo prestado os devidos socorros em todos êles. Também durante êsse tempo já foram mortos em acidentes 27 bombeiros, entre os quais destaca-se Celestino Zacarias da Silva — ou melhor, o 414 — que pereceu queimado no grande incêndio do Parc Royal, ocorrido no dia 12 de julho de 1943.

Entre os grandes incêndios em que foram vítimas outros bombeiros, podemos citar o da Ilha do Cajú (27-2-1925); Lojas Victor (18-12-1931); Docas Pedro II (9-6-1919); Trapiche (1-1-1942); Paiós de Deodoro (15-4-1948); Teatro Carlos Gomes (27-8-1929). Citaremos, também, entre os desastres o desabamento do York Hotel (16-6-1917), desabamento do Edifício Assis Brasil e o primeiro Acidente do Pão de Açúcar.

HEMORROIDAS
E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

[illegible]

Hemo-Virtus

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

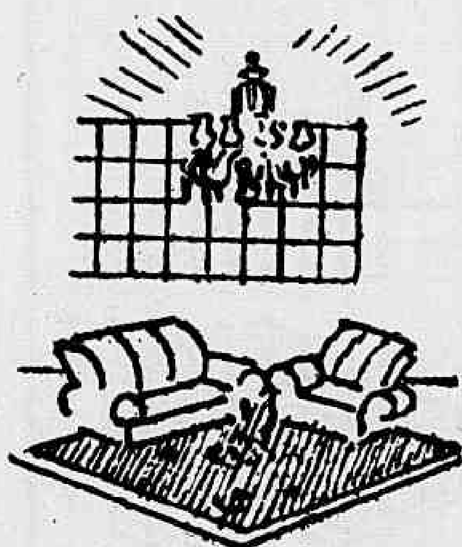
Respostas ao teste:

1—Virgínia Cherril
2—Colibri (beija-flor)
3—Pio IX
4—Ao Conservador
5—Espôsa de Pedro II
6—Renomado matemático
7—Custódio José de Melo (23-11-1891)
8—Afonso Celso de Assis Figueiredo
9—29-3-1858
10—Gazeta do Rio de Janeiro (10-9-1808)
11—Pe. Feijó
12—Abdicação de D. Pedro I
13—Morreu num desastre de auto na Suiça
14—1905
15—A astronomia

PREÇOS DE CLASSE

LUSTRES DE CRISTAL

Produção oriunda de 26 das maiores fábricas Européias para todo o Brasil.





NILO RIBEIRO

Proporciona a todos os lares o que de mais belo a Europa produz em lustres de cristal.



A PARTIR DE 1.000,00

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

GALERIA SÃO PEDRO

Av. PRINCESA ISABEL, 126-D
Junto ao TÚNEL NOVO
COPACABANA

Vendas pelo REEMBOLSO POSTAL

TELEFONES:
37-1200
37-3428

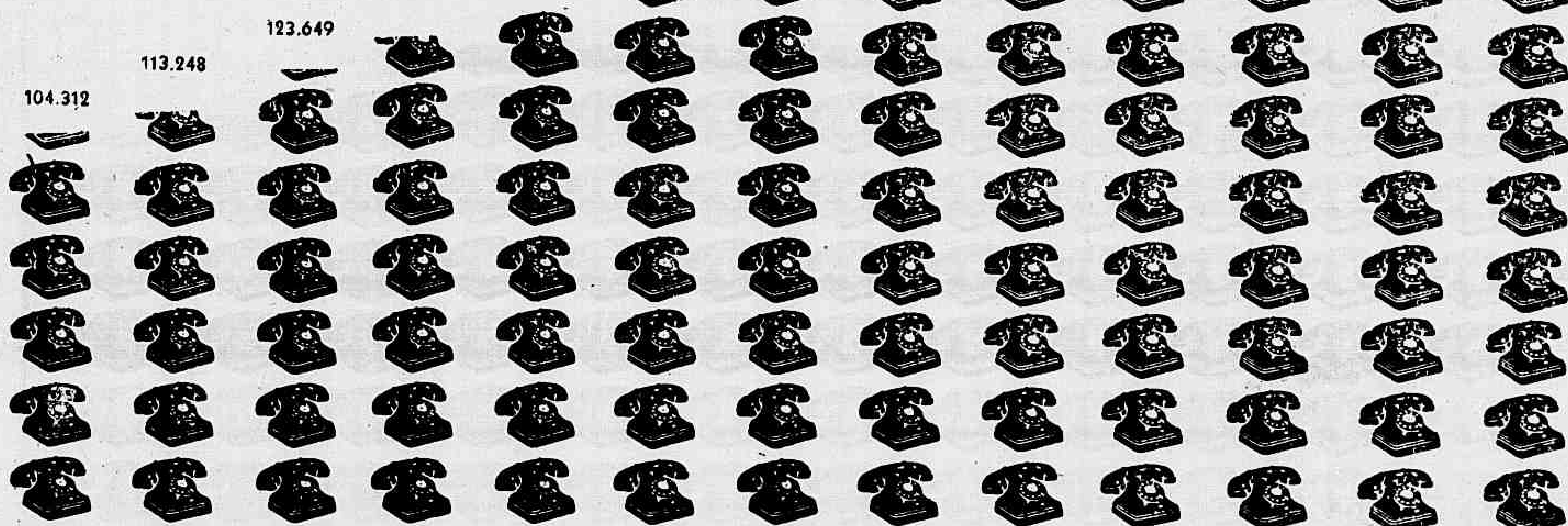
DECORADORES E DESENHISTAS

★

FACILITA-SE O PAGAMENTO

ENQUANTO A POPULAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL CRESCEU 44% DE 1939 A JUNHO DE 1951, A RÊDE TELEFÔNICA TEVE UM ACRÉSCIMO DE 106% NÊSSE MESMO PERÍODO.





TUDO ISTO ACONTECEU

A CARREIRA DE GARÇON



DIVULGARAM os jornais vespertinos do dia 4 e os matutinos do dia 5 de setembro, uma notícia bastante curiosa. Dois vigaristas portuguêses, não se sabe se já velhos residentes nesta cidade ou se vindos para cá recentemente, descobriram que alguns dos seus patrícios possuíam regulares economias na Caixa Econômica e em Bancos do Rio. Nada mais natural do que prepararem o "paco" e atrair os incautos à esparrela. Os dois meliantes, cuja técnica é das mais perfeitas, atrairam os dois patrícios para uma entrevista e lhes expuseram o motivo de "excelente negócio" para ambas as altas partes contratantes. Dispunham os dois galunos, de bons terrenos em zona privilegiada do Distrito Federal; mas, como não possuíam recursos bastantes para edificar e mesmo, de um dêles, passar as escrituras, estando na iminência de perderem, resolviam passá-los adiante. Mas, como era natural, desejavam que os novos donos fôssem pessoas distintas, patrícios lá da santa terrinha, e por êsse falar bonito a fora, os ladrõezinhos foram dando corda à língua e embrulhando os dois patrícios. Em dado momento, porém, apareceu um guarda, anteriormente falado por uma das futuras vítimas, e surpreendeu os galunos vigaristas na hora H do "paco". Foi, não resta dúvida, grande azar; mas uma das vítimas estava um tanto desconfiada e escapou, com o amigo, de prejuízo certo. Mas sabe o leitor quanto ia pagando um dêles, pelo terreno? Sessenta mil cruzeiros, retirados havia minutos do Banco. Sabe ainda o leitor qual a profissão do comprador? Garção. Como vemos, é mais negócio ser garção neste Rio, do que professor, literato ou jornalista.

GANDIFICAÇÃO DO EGITO



NÃO é novo o sistema de vencer-se a resistência política através de greves da fome. Mas, como todos sabemos coube ao imortal Mahatma Gandhi instituir êsse sistema como base fundamental de vitória contra o poder político da grande Inglaterra... Gandhi jejuava dias, semanas e meses seguidos como protesto contra a supremacia britânica da Inglaterra em sua pátria, a Índia. Achavam que isso de nada valia, e não faltavam maus conselheiros que recomendavam reação armada em lugar de férias aos estômagos. Mas Gandhi era pela vitória pela greve da fome, guerra pacífica, protesto branco como o lençol de algodão lavado em que se embrulhava e saía pelo mundo com sua cabra ama-de-leite. E Gandhi venceu. Parece mesmo coisa do tinhoso. Êsse homem baixotinho, magro como um pé de açaí, sem fôrças para matar uma barata, o Mahatma conseguiu revolucionar o mundo oriental e emocionar o ocidental. A poderosa Britânia, um dia, teve mesmo que ceder e veio a independência da Índia. Gandhi foi um dos mais decisivos fautores dêsse triunfo político-social sem derramamento de sangue. Só êle foi imolado pelo braço de um fanático. O exemplo da Índia está sendo seguido agora por vários egípcios, que desejam amolecer a influência britânica na zona de Suez por meio de jejuns. Vinte grevistas da fome, a 4 de setembro, estavam com dez dias de jejum, como protesto contra a presença de tropas inglêsas no Canal. Dos vinte grevistas, um é uma mulher. Estão êles deitados no chão da sede do Clube do Partido Elkota, e todo o país se emociona com essa maneira gandiana de convencer a Inglaterra. E falam que muitos outros aderirão até à vitória final. Ou a morte por inanição...

MISTÉRIOS DA VIDA



E' inútil estarmos a procurar desvendar os mistérios da vida orgânica. Cada qual procura explicar certos fenômenos, mas, no final das contas, tudo fica ainda mais misterioso. Vejamos o que acaba de suceder em Batley, no Yorkshire, Inglaterra, com o Sr. Ernest Spurr, de 57 anos de idade. Há cêrca de 4 anos passados, êsse senhor foi acometido de enfermidade muito grave. Graças aos tratamentos prescritos e a dieta respeitada, conseguiu recuperar a saúde; mas uma desgraça irreparável recebeu como conseqüência da doença: ficara cego de ambas as vistas! Mas, como todo bom inglês, encarou a infelicidade com o estoicismo de bom cidadão e foi continuando a viver na escuridão. Há um ditado muito velho que diz: "Vão-se os anéis, e fiquem-se os dedos". Êle poderia parodiar, declarando: "Que se vá minha vista, mas me fiquem os olhos". Em última hipótese, poderia, mais tarde, fazer a operação de recuperação da vista pela transplantação da córnea dos olhos de alguém que quisesse fazer benefícios em última vontade. Mas Mr. Spurr não ligava muito a tais coisas e se conformou com a sorte adversa. Recentemente, porém, foi êle acometido de fortíssimas dores de cabeça, para as quais não houve sedativo nem purgante que servissem. Parecia que lhe estavam abrindo o crânio a serrote. Pois bem: após mais de 24 horas de torturas na cabeça, eis que sua visão voltou como dantes! Logo que acabou de passar a cefalalgia aguda, seus olhos começaram a ver! E vá alguém procurar explicar isso tudo aí por dentro do nosso crânio...

QUE AMOR!



D. Segismunda não via com bons olhos o namôro do filho com aquelas mocinhas das vizinhanças num dos subúrbios da Central do Brasil, nesta bela cidade do Rio. Não que elas fôssem más; é que o rapaz ainda era muito jovem e não podia casar. Além do mais, o namôro era duplo, o que não deixava de ser estranho num país que exige a monogamia e pune com cadeia o cidadão que não respeita a lei e as nossas tradições antimuçulmânicas. Um dia d. Segismunda chamou o filho e lhe passou um sermão dêste tamanho. O rapaz ouviu a voz materna e prometeu afastar-se do perigo. Aquelas jovens eram muito lindas e prendadas; mas, como dizia a mamãe, podiam provocar incêndios no coração do jovem inexperiente. Há muito maior perigo numa dessas passagens de nível entre o incauto e um coração incendiado pelo combustível do amor adolescente, do que nos choques de trens contra tanques cheios de gasolina. O rapaz procurou cumprir a promessa e foi-se afastando das garôtas. Elas, porém, não suportaram o desprêzo e confabularam: "Que terá havido? Isso deve ser coisa da velha", concluíram. Daí a uma ligeira troca de palavras com a futura sogra, foi coisa de horas. E a d. Segismunda, não suportando os desaforos das moças, repeliu-as enèrgicamente. Foi a conta: as quase noras avançaram para a muralha chinesa que as separava do ideal inatingido e lhe aplicaram tapas a valer. O rapaz, vendo sua mamãezinha sob a fúria das namoradas, correu para socorrê-la, mas as atacantes o apanharam de jeito e distribuiram dentadas por várias partes do corpo. Êle achou bom que elas o "mordessem" assim, pois da outra forma dói muito mais...



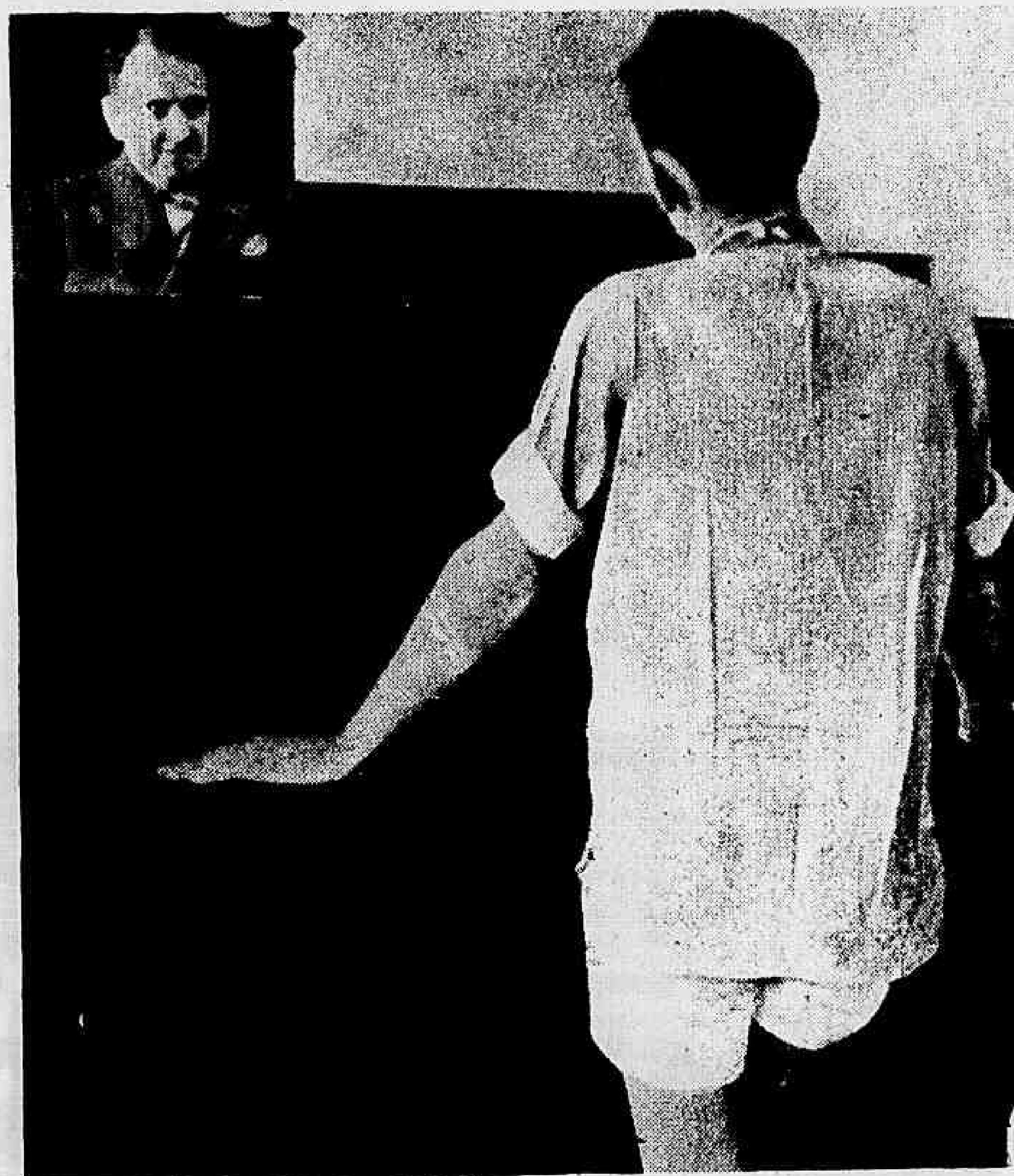
NOVA YORK

é o paraíso dos fotógrafos, não resta a menor dúvida. Tanto profissionais como amadores, os fotógrafos podem obter, em Nova York, poses e cenários de todos os feitios: Com apenas a despesa de um dólar qualquer fotógrafo pode ir ao seu «Paraíso» e ali escolher o que bem quiser em matéria de cenas individuais ou coletivas, em praias, montanhas, zonas geladas, ruas, praças, parques de diversões, tudo, enfim, que imaginar. O cenário lhe é montado num abrir e fechar de olhos, e mais de cem garôtas do outro mundo estão à disposição para servir o mais exigente criador de boas fotografias. Vejam os leitores o que sucede quando os fotógrafos desejam bater suas chapas. Enquanto, no mesmo local uma jovem está deitada em sua alcova, outra se apresenta a bordo de um navio, e outras na praia...





EM LAGUNA BEACH, Califórnia, Estados Unidos, Anatole Robbins, mestre das artes plásticas, prepara o rosto de Vivian Arnette, a mulher que venceu o concurso entre mais de seiscentas pessoas, candidatas a representar no Festival Californiano, a Madona Sistina de Rafael. O quadro que saiu dêsse arranjo foi impressionante, não sòmente porque foi interpretado magistralmente pelo artista, como porque Vivian Arnette estêve admirável. O fundo azul, servindo de teto e, ao longe, o mar, deram à perspectiva um encantamento inesquecível. O espetáculo durava duas horas e meia, sempre empolgando o imenso público que ali acorria e não se cansava de aplaudir os artistas.



ÊSTE ESTRANHO CIDADÃO não é nenhum indiano, nem tão pouco aderiu ao modêlo brasileiro que tanto conhecemos. Com êle se passou uma tragédia. Tendo ido a Chicago para realizar negócios de seu ramo, sucedeu que se excedeu um pouco nas libações noturnas e ficou daquele jeito. Caiu em profundo sono carraspanal e não viu quando alguns gatunos lhe tiraram as calças e o paletó com o que havia nos bolsos, bem como os sapatos e as meias, deixando o desgraçado com a camisa e a cueca. Nesse estado pré-adânico, acordou. Apalpou-se e viu que estava no mato sem cachorro. Correu à Côrte mais próxima e está apresentando sua queixa ao «Judge», que sorri bondosamente.

SAÚDE DO BEBÊ

MUDANÇA DO REGIMEM DO LACTENTE

Dr. SABOIA RIBEIRO

TEMO-NOS batido sempre no sentido de que, na alimentação da criança, o leite, de peito ou outro, seja substituído, gradualmente, por outros alimentos, a partir do quarto mês, no aleitamento ao seio, e do sexto quando do uso de mamadeiras é o regime. Num e noutro caso, observar-se-á um horário rigoroso, de 3 em 3 horas, até entrar a criança no sétimo mês, como por exemplo o seguinte horário:

Seis, nove, doze, quinze, dezoito e vinte e uma horas.

Êste horário poderá viger para os três primeiros meses; por diante poderá ter início às 7, e continuando às 10, 13, etc.

Mas, ao sétimo mês, o intervalo entre uma e outra refeição passará a ser maior, de 3½ em 3½ horas, como por exemplo:

Sete, dez e meia, quatorze e meia, dezessete e meia e vinte e uma horas.

Dois casos, na prática, se verificam nas mudanças do regimen do lactente: a criança está sendo amamentada ao seio exclusivo, ou ela está sendo criada, exclusivamente, à mamadeira.

Como proceder nas mudanças do regimen num caso e noutro? Vejamos: *a*) Quando o alimento é único e exclusivamente o leite de peito, ao quarto mês já se pode introduzir uma mamadeira com leite, açúcar e farinha, e ao quinto mês duas mamadeiras, com êsses mesmos elementos. Isto visa ir tirando à criança do seio e acostumando-a ao sabor de outros alimentos. No preparo das mamadeiras, estas devem conter 150 gramas, ao quarto mês.

Se o leite é de vaca, 2 partes leite (100 gramas) e uma parte farinha e açúcar (totalizando 50), isto é, um mingau assim preparado:

Farinha	1½ colheres de chá (rasa)
Açúcar	Idem
Água	75 cc

Esta, filtrada. Desmanche-se, coza-se 5 a 7 minutos a fogo brando, numa caçarola esmaltada, mexendo com colher de pau. (Se o leite é em pó, prepara-se êste com 4½ colheres de chá, do pó, em 100 cc de água filtrada e prèviamente fervida).

No quinto mês, repita-se a mamadeira, dando-a uma segunda vez, aumentando um pouco as quantidades, de modo que a mamadeira atinja 180 cc para o fim do referido mês.

b) Quando a criança está sendo criada à mamadeira (leite sob a forma de mingaus, isto é, com farinha e açúcar), a mudança do regimen consiste na introdução das sopinhas ao início do sexto mês.

Assim ficará a criança:

Às 7 — 14 — 17½ e 21 horas — mingaus lácteos-farináceos, à mamadeira. Às 10½ e 17½ a seguinte sopinha:

1 litro de água
250 gramas de carne magra
6 batatas
Legumes diversos da estação
4 colheres de chá de semolina ou outra farinha.

Coza-se até engrossar e passar (não coar) por peneira.

Dê-se 200 gramas cada vez com ½ banana crua, raspada, com um pico de sal ou (conforme a relutância da criança) açucarando.

Dê-se a sopinha às colherinhas, para ir habituando o petiz à nova forma de alimentação.

A sopinha pode ser enriquecida com algum suco de tomate, pôsto no fim, com o que se lhe proporciona uma provisão apreciável de vitamina C.

Sendo a alimentação da criança a artificial, já o emprêgo das vitaminas deverá, ao terceiro mês, ser feito.

Estas consistirão em suco de frutas, como de laranja, limão, tomate, uva, etc. (vitamina C).

De 50 a 100 gramas dêsses sucos dar-se-á à criança, com açúcar, uma a duas vêzes ao dia, no intervalo das mamadeiras.

No inverno, 1 colherinha de óleo de fígado de bacalhau, e no verão sempre um pouco de sol matinal, respeitados certos cuidados que temos recomendado em outros momentos.

Eis aí o mínimo dos cuidados para que a criança atinja o primeiro semestre com uma alimentação satisfatória, proporcionando-lhe um desenvolvimento condigno.

E assim prosseguirá até o 11º mês, em que seu horário de alimentação será de 4 em 4 horas, ou seja:

Sete, onze, quinze e dezenove.

Nesta altura já consumirá carne (de boi, de frango, de peixe), caldo de feijão ou lentilhas, refogado de fígado, timo e miolo, com arroz bem cozido, puré de batata, etc. Isto uma vez ao dia, às 11 horas (almôço).

Nas outras horas, leite sòmente às 7 (200 gramas de leite sob qualquer forma).

No horário das 15 horas, frutas ou papinhas diversas.

Às 19 horas, sopa.



O PRESIDENTE do Jockey Club, sr. João Borges Filho, entre o embaixador Antônio de Faria, o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, sr. Maximino Correia, o adido cultural sr. Herculano Rebordão, o professor Pedro Calmon e o deputado Euvaldo Lodi, proprietário do cavalo «Duque D'Anjou», ganhador da prova «Universidade de Coimbra».

SOCIAIS DO TURF

NO primeiro domingo dêste mês o Jockey Club Brasileiro promoveu uma delicada homenagem à embaixada dos universitários de Coimbra que recentemente visitaram a nossa Capital, dedicando-lhes uma prova corrida sob a denominação de "Universidade de Coimbra".

HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO AOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA

Pouco antes da realização do páreo chegaram o embaixador de Portugal, sr. Antônio de Faria, o adido cultural português, sr. Herculano Rebordão, o Reitor da Universidade de Coimbra, professor Maximino Correia, o Reitor da Universidade do Brasil, professor Pedro Calmon, o Corpo Docente da Universidade de Coimbra, professôres Pereira Dias, Lopes de Almeida e Eduardo Correia, universitários e familias da comitiva.



ESTUDANTES e professores da Universidade de Coimbra na Tribuna de Honra do Hipódromo Brasileiro, tendo ao centro o Magnífico Reitor daquele tradicional centro de estudos.



O EMBAIXADOR de Portugal, sr. Antônio de Faria, entre estudantes de Coimbra, o adido cultural da Embaixada de Portugal, sr. Herculano Rebordão, e o sr. Rubens Antunes Maciel, vice-presidente do Jockey Club.

O espetáculo da chegada da mais elevada expressão acadêmica de Portugal constituiu um dos pontos altos da festa esportivo-social que o Jockey Club Brasileiro, seu presidente, sr. João Borges Filho, demais membros da diretoria e do Conselho Consultivo prepararam para os membros da tradicional Universidade. As sociais, tribunas e gerais proporcionaram aos ilustres visitantes uma recepção de gala. Após a prova, a diretoria da nossa entidade turfista ofereceu a todos os membros da embaixada, no salão nobre da tribuna de honra do Hipódromo, um "lunch", comparecendo os acadêmicos e os elementos do Teatro Universitário de Portugal, além de elementos destacados da colônia lusitana entre nós.

O Reitor da Universidade de Coimbra, por ocasião da entrega dos prêmios ao proprietário, tratador e Jockey do cavalo vencedor, respectivamente, srs. Euvaldo Lodi, Claudemiro Pereira e Francisco Irigoyen, proferiu eloquentes palavras sôbre o espetáculo que lhe tinham proporcionado no cenário magnífico do Hipódromo da Gávea, onde se casam a exuberância da terra brasileira e o engenho de seus filhos.

Agradecendo a acolhida da Diretoria de nossa grande sociedade turfista, teve palavras também de exaltação às velhas relações luso-brasileiras.

O deputado Euvaldo Lodi, falou a seguir em seu nome, e no dos demais colaboradores da vitória conseguida pelo seu parelheiro, referindo-se igualmente à amizade de Portugal e Brasil.

O Embaixador de Portugal, o Reitor da Universidade de Coimbra e as mais destacadas pessoas presentes, tocaram também as suas taças com o presidente sr. João Borges Filho e demais diretores do Jockey Club Brasileiro.

Depois dessa cerimônia a Embaixada fêz um pequeno passeio pela pelouse, retirando-se, a seguir, sob o mesmo carinho e demonstrações de aprêço com que foi recebida pelo grande público.



O EMBAIXADOR de Portugal e professores de Coimbra apreciam a taça de prata portuguêsa que coube ao proprietário do cavalo vencedor da prova «Universidade de Coimbra».



O EMBAIXADOR de Portugal, sr. Antônio de Faria, entre dois universitários portuguêses na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro, apreciam as corridas da tarde festiva

A REVISTA

Há 50 anos

(Domingo, 22 de setembro de 1901)

CRÔNICA

ACABO de ler um curioso artigo de Guglielmo Ferrero sôbre os progressos do feminismo na Itália. Há vinte anos atrás, quando nas cidades freqüentadas por estrangeiros, Roma, Florença, Milão, começou a aparecer uma ou outra médica russa, houve uma vaia geral dos papás e das mamãs da burguesia e no dia em que se soube que uma senhorita de Pignerol, filha de uma família protestante, havia tomado o grau de doutor em leis e pretendia advogar na capital do Piemonte, um frouxo de riso, condimentado por uma indignação sincera, agitou a península, de norte a sul. O conselho da Ordem dos Advogados de Turim e a Côrte de Apelação ,depois de maduramente discutido o caso, pronunciaram-se contra e só depois a consciência das pessoas sensatas e conspícuas se sentiu acalmada. A mulher italiana, diziam os homens de pêso, conta e medida, basta que saiba governar a sua casa e ler o seu livro de missa. O próprio piano não passa, em última análise, de um luxo... tolerável. Que diferença entre êsses tempos e os de hoje! Hoje, não há cidade de alguma importância que não enxameie de moças estudantes em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Já não bastam os institutos existentes: são precisos estabelecimentos especiais, tão grande é o número das que buscam criar-se pelo próprio esfôrço e pelo próprio mérito um ganha-pão independente. "Não se trata de uma moda, de um capricho contagioso, de uma nevrose das muitas que por aí pululam. Trata-se de uma necessidade. Bem imprudentes serão as mães que não possuindo um patrimônio que deixar a suas filhas, educam estas, como outrora, tão sòmente para a maternidade, e a vida doméstica.

Na Itália, como no resto da Europa, os matrimônios na classe média tornam-se cada vez mais difíceis, porque o aumento das necessidades faz o homem mais cauto, mais egoísta, mais prevenido contra o amor... O pequeno comerciante, o industrial, o empregado, o salariado, que desejam viver bem, divertir-se, viajar de tempos a tempos, instruir-se, adotam o velho prolóquio — antes que cases olha o que fazes — e quando se resolve a dar o salto mortal, é tarde e sempre cuidando no dote, ainda que êste seja pequeno. E daí resulta que as moças da classe média que não possuam, pelo menos, um patrimônio de quarenta ou cinqüenta mil liras, correm o risco de ficar para tias, a não resignar-se a desposar um operário."

Nem só na Itália o quadro é verdadeiro. Em tôda a parte o homem mudou e com esta transformação levou à antiga maneira de compreender a vida um solavanco formidável. Os grandes culpados do feminismo fomos e somos nós, os homens, que pretendemos mantê-las na obediência, retirando-lhes a proteção. Ela não nos acatava o domínio em nome de um princípio superior, como muitos erradamente pensam; essa hegemonia, que os bons maridos continuam ainda a exercer, era a resultante lógica do sacrifício de todos os instantes pela felicidade do casal.

....

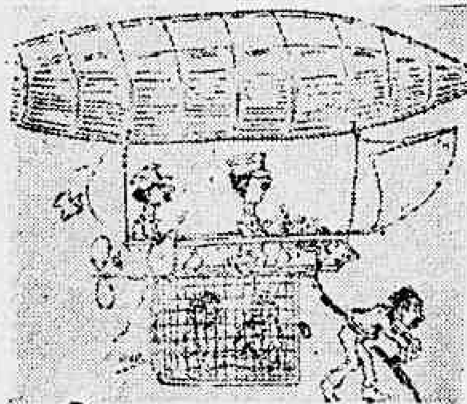
Havemos de condená-las porque reagem agora? Não! Os tempos são outros e estamos em 1901, em pleno século XX...

JACQUES BONHOME

ANUNCIOS

DESCOBERTO, enfim, o remédio pelo qual esperavam todos os carecas dêste mundo! Usem «Graúna», Único Indígena, e por três mil réis, verão o cabelo nascer novamente. Milagre dos milagres, não há mais carecas! ★ LOTERIAS da Candelária, em benefício do Recolhimento de N.S. da Piedade, sob a imediata responsabilidade da mesma Irmandade. Dia 3, prêmio maior, vinte contos de réis. Só jogam 5.000 bilhetes a 10$, vendidos em décimos de 1$000. Tire a sorte grande! ★ A CASA das Fazendas Pretas é a única onde se encontra de tudo que diz respeito ao artigo prêto, por preços brancos, pois tudo é recebido diretamente. Enxovais de luto completos em 12 horas. Rua da Uruguaiana, 76. ★ FROTA Pessoa publicará por êstes dias, «Crítica e Polêmica», com artigos sôbre Eça de Queiroz, Adolpho Caminha.

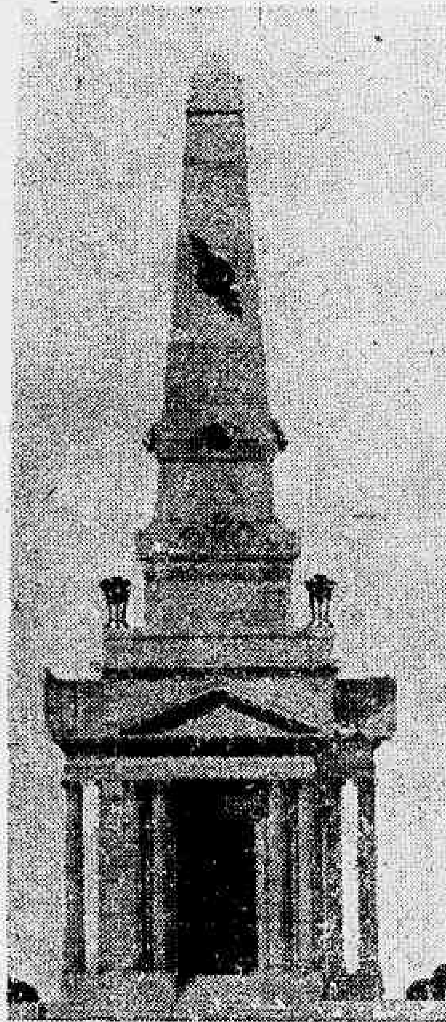
UMA INVENÇÃO ENGENHOSA



Balão policial — preventivo — simples e dirigível. Privilegiado em tôdas as partes do mundo. (Desconfiar das imitações). — Aparelho fácil de govêrnar. Jaula de segurança para os criminosos e gancho garantidor de «habeas corpus» para os suspeitos. Não há perigo de evasão. Um engenhoso foles, ligado a um apito, e tendo no extremo do cabo um barbante, permitirá que se avise em caso de perigo cá para baixo. Arejado, cômodo e seguro.

(De RAUL)

ECOS DA REVOLTA



Monumento que vai ser levantado no túmulo dos revolucionários de 6 de setembro de 1893, em Paquetá.

Cruz e Souza, Valentim Magalhães e o rumoroso caso da Academia de Letras. Exemplar, quatro mil réis.

NOTICIARIO

★ Curiosa questão vai ser decidida pelos tribunais de Paris. Uma mulher acusa a vizinha de ter um papagaio que a insulta dia e noite, atirando-lhe à cara com os maiores desaforos. Por sua vez, a acusada alega que a autora tem um cachorro que passa os dias a carregar lixo para a porta de seu quarto.

A Justiça francesa vai ter trabalho...

★ O sr. Gaetano Segreto, conhecido empresário teatral, foi nomeado presidente da comissão promotora do monumento em homenagem aos mortos do «Lombardia». O tesoureiro será o sr. Marcos F. Bertea.

TEATRO

A NOTA da semana pertenceu a Clara Della Guardia, uma atriz notabilíssima e um espírito educado na leitura e no estudo dos melhores autores no drama e na comédia. O público, que a princípio se mostrava esquivo, começou aconcorrer aos espetáculos do S. Pedro, aplaudindo, além de Clara, Ettore Paladini, Orlandini e Del Conte, artistas de valor real. Das peças até agora levadas à cena, ficaram, como documento vivo de um talento superior, as interpretações de "Musotte", "Magda", "Gioconda" e os terceiro e quarto atos de "Frou-Frou". ★ PELA companhia lírica Sansone foi levada à cena a ópera "Saldanes", do maestro Leopoldo Miguez, que agradou bastante. ★ NO APOLO continua a apreciada mágica "A Pêra de Satanaz", que há anos, representada por uma companhia nacional de que faziam parte os artistas Brandão e Balbina Milano, alcançou o mais lisonjeiro sucesso. ★ DEU SEUS últimos espetáculos a companhia de zarzuelas no Recreio, seguindo em viagem para Belém do Pará. ★ NESSE teatro vai estrear a companhia dramática Dias Braga, de regresso de uma "tournée" aos Estados do Norte. ★ PARÁ o Cassino Nacional, o empresário Tuffanelli vai trazer da Europa uma companhia lírica que encenará a ópera "Esmeralda", do maestro Carlos de Mesquita. ★ NO SANTANA tem continuado em cena a mágica "O Diabo no Paraíso", com geral agrado. ★ NO MOULIN ROUGE fêz benefício a aplaudida atriz brasileira Cinira Polônio, com um lindo espetáculo. ★ A "TROUPE" da Guarda Velha tem atraído boa concorrência, com pequeninas óperas e operetas que são mesmo uma graça.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 38 ★ 22-9-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5608 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS E DECORAÇÕES



— ORÇAMENTOS EXECUTADOS POR DECORADORES —

TAPÊTES FEITOS À MAO

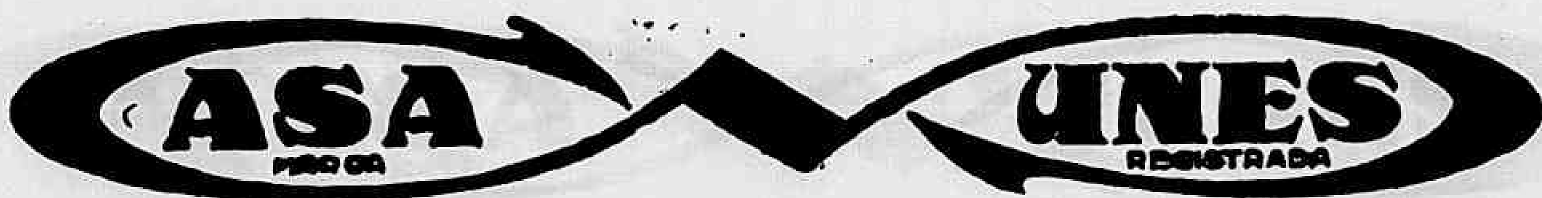
E

TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

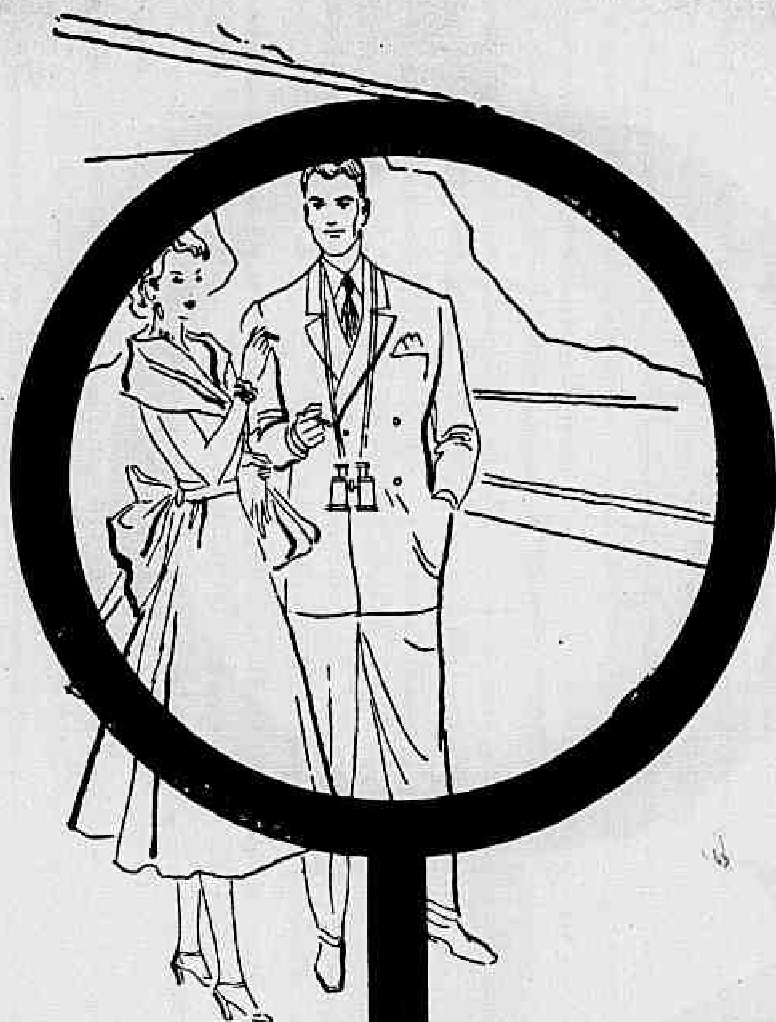
— GRANDE SORTIMENTO, EM CÔRES LISAS E COM FLORES—

GRUPOS ESTOFADOS

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



O é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H-88.090

cigarro **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ